

O SÉCULO

Nº 1646 • 19-7-69 • preço 5\$00

REPÓSICIONAMENTO

Ilustrado

ARMSTRONG E ALDRIN PISAM A LUA NO DOMINGO



CONCURSO S.I.: TRÊS DATSUNS PARA VOCÊ!

no dinâmico mundo de hoje...

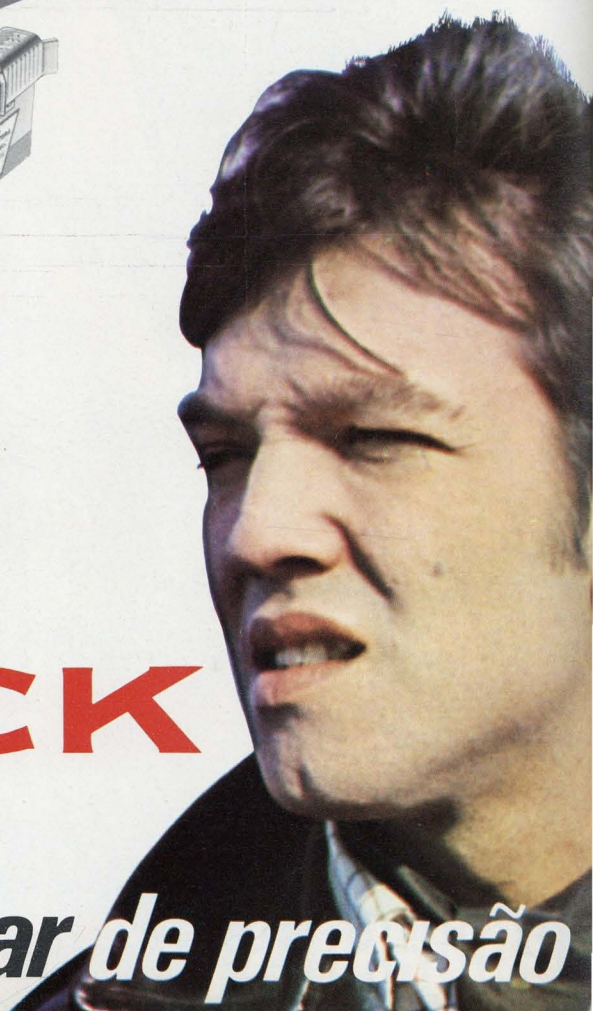


Schick injector é a solução ideal para um barbear rápido e prático. Uma lâmina especial de aço inoxidável, um só gume, encaixa instantaneamente no ângulo exacto de corte—o ângulo que permite rapidez no barbear sem prejuízo da suavidade característica do aço especialmente tratado das lâminas Schick.

SCHICK

Injector

para um barbear de precisão

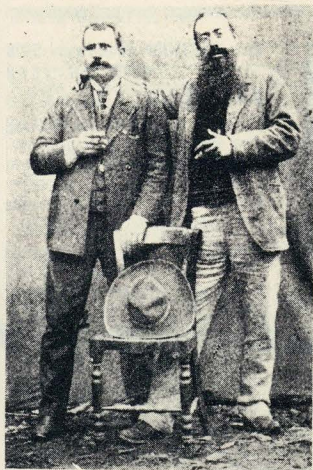


NESTE NUMERO:

«S. I.» ACTUALIDADES — Ioga — Método de vida... pág. 33. Cartomancia, o saber das cartas... pág. 35.

REPORTAGEM «S. I.» DA SEMANA — Paulo Figueira desvendou o negócio escuro das Agências de Habitação... pág. 38.

«S. I.» REPORTAGENS — Marcello Caetano no Brasil... pág. 40. A última figura de Lisboa... pág. 42.



José do Telhado é um dos mais célebres criminosos portugueses de sempre. Conheça bem a sua história? Leia-a na pág... 23 deste número de «O Seculo Ilustrado»



Segundo as técnicas educacionais mais modernas, o desenho infantil é considerado um sinal seguro do seu desenvolvimento mental. «O Seculo Ilustrado» desta semana oferece-vos uma magnífica reportagem fotográfica de Augusto Cabrita sobre o tema apontado na... pág. 18



Agora que se aproxima o grande dia da conquista da Lua, «O Seculo Ilustrado» continua a publicar, na sua **Série Espacial**, documentos da maior actualidade... pág. 29

... E AINDA

«S. I.» SECÇÕES — O «S. I.» — Há 30 anos... pág. 4. TV... programa... pág. 6. Humor... págs. 8, 58. «S. I.» da próxima semana... pág. 10. «S. I.» — Extra... serviço especial de pequenas reportagens... págs. 11, 13, 15, 17. «S. I.» — Desporto... pág. 44. Policiteste... pág. 47. Palavras cruzadas... pág. 48. O seu Signo... pág. 50. Rock, Pop, Folk... pág. 52. Os nossos Comentaristas... págs. 55, 57, 59, 61. Teatro e Cinema... que há para ver... pág. 62. «S. I.» — Sábado a sábado: as figuras, os factos, as iniciativas... págs. 63, 67, 69. Strippy... pág. 70.

si HÃ 30 ANOS

DANTZIG ALVO DOS OLHARES DE TODO O MUNDO

No dia 22 de Julho de 1939, «S. I.» publicou uma reportagem sobre Dantzig. São desse número da nossa revista as seguintes palavras: «Pode dizer-se sem sombra de exagero, que os olhos do Mundo estão, no momento presente, postos em Dantzig, e que, a cada minuto que passa, aumenta a ansiedade em todas as chancelarias. As grandes nações já falaram, já disseram sobre o assunto as penúltimas senão as últimas palavras. De Dantzig pode sair a paz ou a guerra, e não será loucura afirmar que essa pequena cidade encerra hoje, no seu âmbito, os destinos da Humanidade.»



DIRECTOR: FRANCISCO MATA

CHEFE DA REDACÇÃO: Botelho Tomé. **REDACÇÃO:** Guedes de Amorim, Manuel de Lima, João Corregedor, Carlos Plantier, Conceição Gomes da Silva, Joaquim Gaio, Paulo Figueira, Duarte Figueiredo. **SECRETÁRIA DA REDACÇÃO:** Maria dos Anjos Mendes. **REPORTAGEM FOTOGRÁFICA:** Eduardo Gageiro, António Xavier, Augusto Cabrita, Beatriz Ferreira, Fernando Baião, Abel Fonseca, Salvador Ribeiro. **ARRANJO GRÁFICO:** Baltazar Ortega, Luís Filipe da Conceição, José Araújo, Mário Jorge. **COLABORADORES PERMANENTES:** Carlos Ferrão, Leopoldo Nunes, Luís Alves, Pedro Alvim, Roby Amorim, Mário Heitor, Manuel Figueira, Manuel Alves Matias, Etevína Lopes de Almeida, Edmundo Nery Motrena, Álvaro Duarte de Almeida, Lauro António, Carlos Pinhão, Ruben Tristão de Carvalho, Francisco Nobre, Mário do Amaral, Mário do Rosário. **FOTOGRAFIA DE LABORATÓRIO:** Floriano de Oliveira, Henrique Albuquerque. **MONTAGEM:** Álvaro de Magalhães. **PUBLICIDADE:** Mário Vidreiro. **ASSINATURAS E AGÊNCIAS:** António da Silva Neto, Eugénio Costa. **EDITOR:** Fernando Castro. Edição semanal de «O Seculo». Redacção e Administração: R. de «O Seculo», 41-63 — Lisboa-2. Tel. P. B. X. 36 27 51 — Oficinas: Rua de «O Seculo», 59, Sucursal no Porto: Rua Sá da Bandeira, 5. **PROPRIEDADE:** Sociedade Nacional de Tipografia.

ilustrado

Ano XXXII-N.º 1646-Preço 5\$00
19 DE JULHO DE 1969
SAI AOS SÁBADOS
PREÇO DE ASSINATURAS

Continente e ilhas:
trimestral, 65\$00; semestral,
120\$00; anual, 230\$00
Províncias Ultramarinas, Espanha
e Brasil: semestral, 130\$00;
anual, 240\$00
Estrangeiro: semestral, 160\$00;
anual, 300\$00

VISADO PELA CENSURA



Para o homem que se barbeia, diariamente, é indispensável uma loção para «depois-da-barba», de características especiais.

Pitralon reúne essas exigências de tratamento dermatológico — é antibacteriano, elimina as impurezas da pele (borbulhas) e evita a infecção. Pitralon penetra profundamente na pele e activa a circulação do sangue. Pitralon, é usado há 35 anos por milhões de homens, com satisfação plena.

Frascos a partir de Esc. : 10\$60

**OS HOMENS
USAM
PITRALON**

Depois
da barba

A Verdade acerca dos efeitos do sol e dos produtos para bronzear

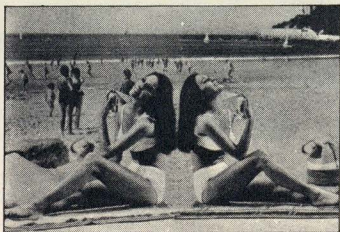
Uma franca declaração acerca daquilo que tem direito a receber contra o seu dinheiro, quando compra produtos das grandes marcas de bronzadores e, também, acerca das consequências da sua escolha para a beleza da sua pele, feita por «Spray-Tan», uma das principais marcas de produtos solares que pode encontrar em qualquer mercado da Europa.



Bronzear com ou sem sol?

Atenção: não confundir os produtos para bronzear naturalmente com os produtos cosméticos, para bronzamento artificial (sem sol). O bronzamento natural é o da verdadeira beleza e da saúde da pele. No entanto, não se deve expor a mesma ao sol sem empregar um verdadeiro produto de protecção solar: senão a pele «queima-se» e acaba por cair ou envelhecer antes de tempo.

As embalagens «Spray-Tan» ou creme «Spray Tan» são autênticos produtos científicos para um bronzear saudável e natural.



Hoje em dia, já é possível o fabrico de produtos para bronzear de duplo efeito, os quais pigmentam a pele desde a primeira aplicação dando-lhe um tom dourado protegendo-a do sol.

O «Bronze Solaire» é um deles. Apresenta-se sob duas formas: tubos e óleo-filtro em frascos. A sua acção é, de facto, sensacional. Pode parecer inacreditável, mas é verdade: com «Bronze Solaire» a pele começa a bronzear antes dos primeiros banhos de sol e, depois, intensifica o seu processo de pigmentação natural de forma espectacular. Desde a primeira aplicação, a pele reveste-se de um lindo pré-bronzado dourado que evita as queimaduras e lhe dá um aspecto imediatamente atraente. Sem maquilhagem, sem bronzamento artificial!

Uma vez que o «Bronze Solaire» é um concentrado de óleos tropicais impermeáveis à água, a sua acção protectora só se elimina completamente com a utilização de sabão, ficando o rosto e o corpo totalmente protegidos do Sol durante todo o dia.

Para intensificar o seu bronzamento

Quanto melhor a sua pele estiver protegida do sol mais intensos e duradouros serão os efeitos do bronzear. Mas, para isso, o produto escolhido deve conter um «filtro». Tais substâncias são mais ou menos activas (segundo

a intensidade de isolamento dos raios que queimam e a facilidade de passagem aos raios que bronzeiam) — e a sua actividade pode determinar-se com rigor e exprimir-se cientificamente através de gradações precisas: Percentagem de transmissão de raios bronzadores e índice de protecção contra as queimaduras.

O filtro «F 29 : 31» contido nos produtos Spray Tan (e somente nestes produtos) é de tal forma eficaz, que a sua actividade foi detalhadamente comentada nas revistas médicas e dermatológicas. Graças a este filtro de alto poder, o Creme especial Spray-Tan é hoje aquele que possui o índice de protecção mais forte e o único vendido com garantia de eficácia e segurança. No caso das peles ultra-sensíveis (a pele das loiras e das ruivas) ou no de um sol muito intenso (mediterrâneo ou montanha) aconselha-se o creme Spray-Tan, que tem dado resultados surpreendentes e conseguido o que até aqui tinha sido impossível com qualquer outro produto.

Experimente: seja onde for que aplique o creme Spray-Tan a sua pele bronzeará como nunca. Porém onde não o aplicar, «queimar-se-á».

Para acelerar o bronzamento

Quanto menos esforços pedir à sua pele para se adaptar ao sol, mais depressa se bronzeará. Assegure-se de que adquire um produto solar perfeitamente adaptado aos problemas particulares da sua pele — pois que nem todas as peles reagem da mesma maneira aos efeitos do sol.

Não faça da sua pele uma «vítima do sol». Melhor, sim, as condições de receptividade aos raios bronzadores do sol e obtenha pig-

mentação natural e surpreendente. Escolha, desde já, o produto Spray-Tan, especialmente concebido para o seu tipo de pele.

Pele normal com tendência para secar?

Spray-Tan Hydratante (espuma de lanolina). Hidrata as células cutâneas à medida que o sol as desidrata.

Pele com tendência para engordurar?

Spray-Tan não gorduroso, loção solar com vitamina A. Protege a pele sem a engordurar e resiste à água.

Pele seca ou delicada?

Spray-Tan extra macio, óleo. Alimenta a pele e evita a formação das rugas de Verão.

Pele extra-sensível ao sol?

Creme especial Spray-Tan (ultrafiltrante): o máximo de protecção para um bronzear intenso.

Uma marca diferente das outras

Presentemente, todas as grandes marcas de perfumaria ou de cosmética fabricam também produtos solares mas, se a maior parte destes produtos são bons, os da marca «Spray-Tan» são obrigados a serem ainda melhores que bons, sob pena de perderem a sua reputação mundial de produtos diferentes dos outros. Com efeito, «Spray-Tan» ocupa-se unicamente de produtos solares destinados em especial a uma elite exigente e vendidos a preços relativamente acessíveis.

A venda em farmácias, perfumarias e todos os grandes estabelecimentos.

F. LIMA & C.ª SUCR., LIMITADA

Avenida Fontes Pereira de Melo, 17-4.º — LISBOA



Toda a gama de produtos solares — e só produtos solares

si A TÊ VÊ QUE HÃ PARA VER



DOMINGO — 18.15 — Abertura e Desenhos Animados. **18.40** — Eurovisão — **O Voo da Apollo-11** — Imagens directas do módulo de comando e do módulo lunar, voando em formação depois da separação. **19.45** — Barreira de Sombra — Programa de actualidades taumáticas. **20.05** — TV Rural. **21.00** — Telejornal — 2.ª edição que inclui em «transmissão directa» imagens da descida do módulo LEM da Apollo-11 até à Lua. **21.50** — Eurovisão — Concerto pela Orquestra Sinfónica da Rádio Finlandesa dirigida por Paavo Berglund. **22.30** — O Chefe Iinside. **23.30** — Domingo Desportivo.

II PROGRAMA — 21.30 — TV 7. **21.55** — Noite de Cinema — «Doida por Música».

SEGUNDA-FEIRA — 1.º Período — 6.28 — Eurovisão — **O Voo da Apollo-11** — Transmissão de imagens da noite e emissão directa do módulo lunar e da primeira exploração do solo lunar do homem. **2.º Período — 15.00** — Abertura e Eurovisão — Transmissão, em repetição, da emissão realizada em directo às 6 e 30 da manhã que inclui imagens dos astronautas no primeiro passeio lunar do homem. **18.30** — Eurovisão — **O Voo da Apollo-11** — Transmissão directa da ascensão do módulo lunar LEM para se juntar à nave Apollo-11 — **19.00** — Série Juvenil — «O Bom Gigante». **19.45** — Relatório da Ciência e a Técnica. **20.00** — Momento Desportivo. **21.55** — «Zip-Zip».

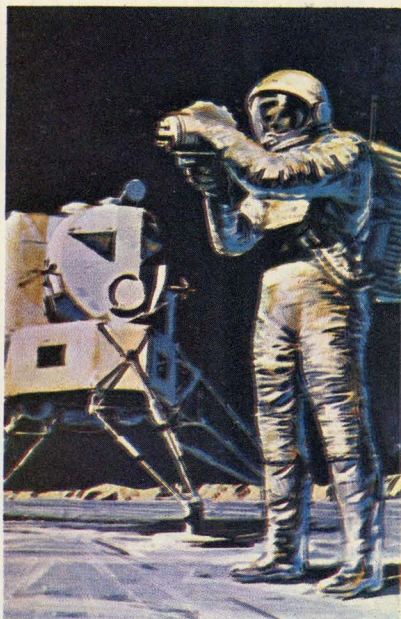
II PROGRAMA — 21.30 — David Copperfield. **22.10** — Série Policial.

TERÇA-FEIRA — 19.02 — TV Educativa — Educação Musical — **19.45** — Eurovisão — **O Voo**

da **Apollo-11** — Resumo dos acontecimentos do dia. **21.35** — Eurovisão — «**A Europa Canta**» — Canções que representam Portugal, Bélgica e Suíça nas eliminatórias deste festival realizado na Holanda. **22.35** — Série do Oeste — Grande Vale, com Barbara Stanwick.

II PROGRAMA — 21.55 — Concerto para Jovens. **22.50** — Crónica. **23.05** — Hollywood Playhouse — «Filha de Ninguém».

QUARTA-FEIRA — 19.02 — Desenhos Animados. **22.05** — Noite de Ópera — Selecção da ópera «Elixir de Amor», de Donizetti. Interpretação de Valeria Mariconda, Agostino Lazzari, Renato Capucchi e Italo Tajo. **23.50**



Eurovisão — O Voo da Apollo-11 — Imagens directas do interior e do exterior da cápsula na sua viagem de regresso à Terra.

II PROGRAMA — 21.30 — David Copperfield. **22.10** — A Nossa Agente Especial. **23.05** — TV Clube.

QUINTA-FEIRA — 17.30 — Eurovisão — **O Voo da Apollo-11** — Transmissão directa da amargem da cápsula, da recuperação desta e dos três astronautas. **18.30** — Série Juvenil. **20.05** — Concerto de Música Portuguesa. **20.30**



Parada da Indústria. **21.35** — Mesa Redonda. **22.05** — Reportagem do Exterior. **00.20** — Volta à França em Bicicleta.

II PROGRAMA — 21.30 — Notícia do Espectáculo. **21.55** — Série de Espionagem. **23.15** — imagens da Poesia Europeia.

SEXTA-FEIRA — 19.02 — Nos Bastidores da Aventura. **20.35** — Turismo. **22.05** — Eurovisão — «**A Europa Canta**» — Final do Festival de 1969 realizado na Holanda com os 6 finalistas entre os países participantes — Checoslováquia, Suécia, Inglaterra, França, Jugoslávia, Luxemburgo, Espanha, Hungria, Holanda, Dinamarca, Itália, Alemanha, Portugal, Bélgica e Suíça. **00.10** — Serviço informativo que inclui a reportagem do dia da Volta à França em Bicicleta.

II PROGRAMA — 21.30 — David Copperfield. **21.55** — «Zip-Zip».

SÁBADO — 19.02 — Juventude no Mundo. **20.20** — Teledesporto. **20.30** — Série Juvenil — «Segredos do mar Vermelho». **21.35** — TV Clube — Com Tony de Matos. **22.35** — Série Dramática — «O Fugitivo». **23.35** — Serviço informativo que inclui a reportagem do dia da Volta à França em Bicicleta.

II PROGRAMA — 21.30 — Os Campeões. **22.20** — Tempo Internacional. **22.25** — Variedades.

TELEFUNKEN



televisores
rádios
gira-discos

incrível,
O CHEIRO
a refogado
da vizinha do lado !....



Bem, da vizinha propriamente dita, não, coitada ...
Mais exactamente, da casa da vizinha do lado:
Um cheiro insuportável, que se insinua através das
frinchas das portas, passeia pelos corredores, paira na
sala de visitas e chega até à casa de jantar.
Eu bem lhe tenho dito dezenas de vezes:
— Ó Senhora Dona Mariquinhas faça como eu!
Comprei uma barra de **RACASAN**, coloquei-a
na cozinha, conforme as instruções escritas na
embalagem e todos os cheiros desapareceram como por
encanto. E depois, o ar fica fresco e leve, cheirando
a pinheiros (Pine), a alfazema (Lavender) ou a flores
silvestres (Bouquet). É mesmo um cheiro
a lavadinho! ...
Tem toda a razão, minha senhora!

racasan

elimina os cheiros e purifica o ar!

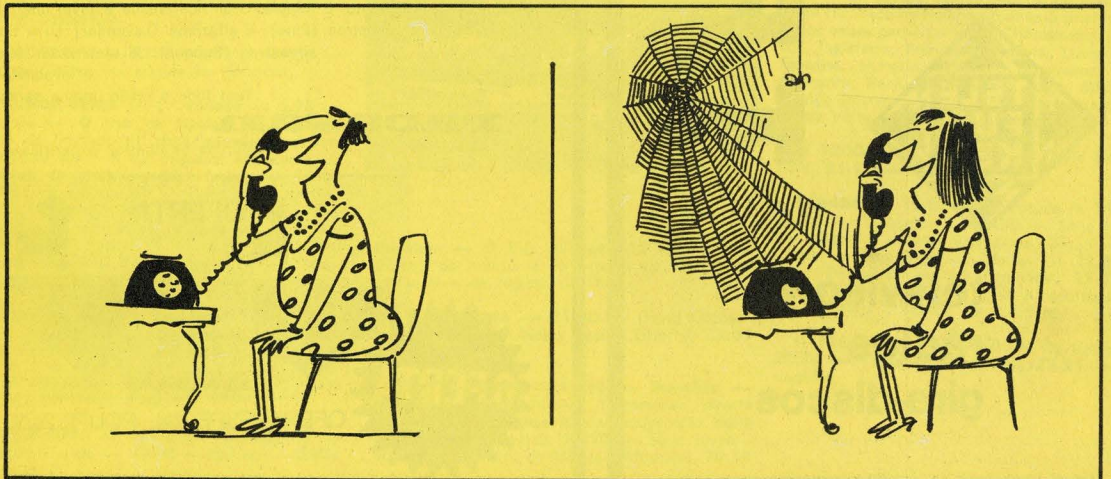
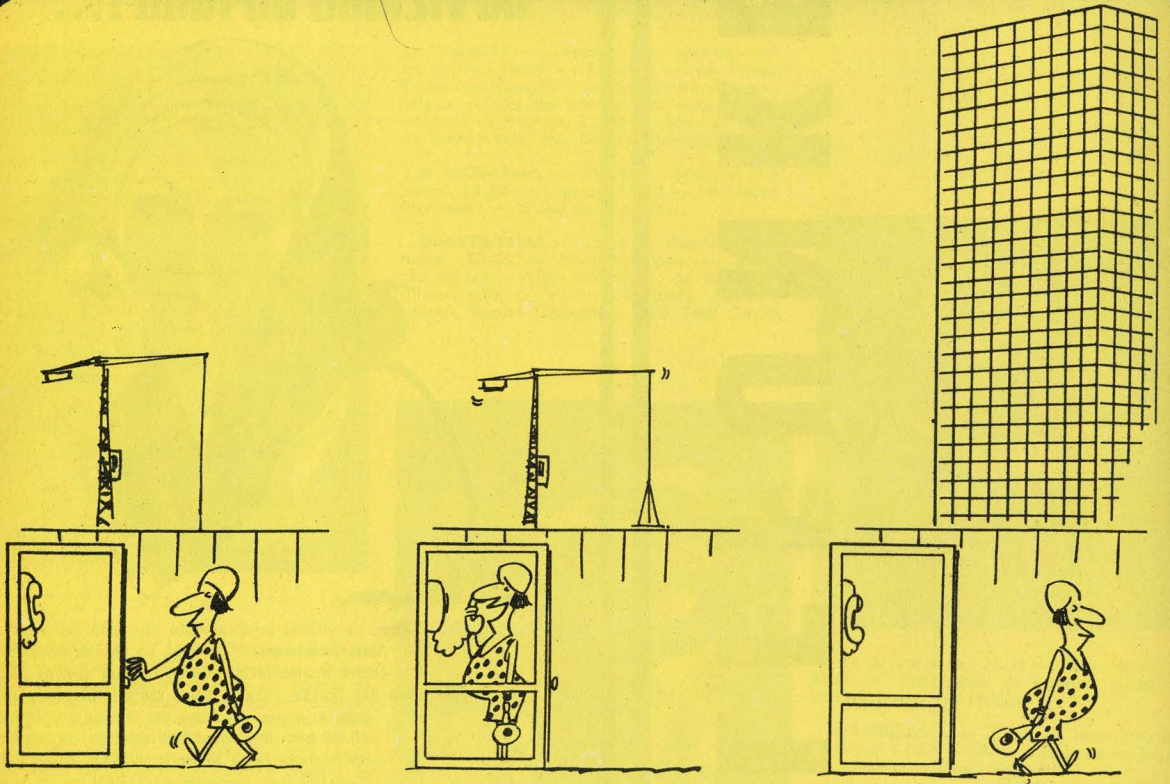


OFERTA

OFERTA ESPECIAL · POUPE 2\$50

Representante exclusivo: **F. LIMA & Cª SUCR., LDA.**

À VENDA NAS MEHORES PERFUMARIAS E DROGARIAS



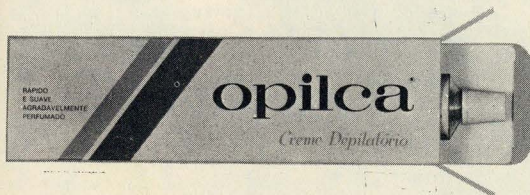
DEPOIS
DE
OPILCA,
A PELE
APETECE



Porque não experimenta? Em vez de utilizar processos antiquados e pouco práticos, depile-se, suave e instantaneamente, com um depilatório brando e perfumado.

opilca

é o depilatório feminino que deixa em breves minutos, a pele fresca, atraente e tão macia...



Um produto OLIVIN

faça teste



são necessários três elementos:
você, uma garrafa cheia e um
INDESIT

Atire a garrafa para dentro do frigorífico. Esta salta, res-salta, e bate violentamente no interior do novo INDESIT! Vá verificar... Nem um risco! Nem uma esfoladela! Poderá argumentar que o frigorífico não é o local mais próprio para onde se atirem garrafas.

De acordo, mas só procuramos provar que se o interior do INDESIT resistiu aos choques violentos de uma garrafa cheia, com certeza que resistirá aos pequenos choques do dia-a-dia e manter-se-á inalterável após longos e longos anos de uso diário.

O interior do novo INDESIT é de POLISTIROLO



com

INDESIT

tudo corre sobre rodas

NO **si** DA PRÓXIMA SEMANA



fale
mais
perto...
com
halazon
spray oral

Um hálito fresco aumenta o seu encanto pessoal e permite-lhe sentir-se à vontade em todas as situações. Halazon, depois de comer, beber ou fumar, oferece-lhe a vantagem de falar, sorrir e... continuar a agradecer!

HALAZON aplica-se facilmente (basta um gesto discreto) e cabe na mais pequena das suas algibeiras.



halazon[®]
SPRAY ORAL



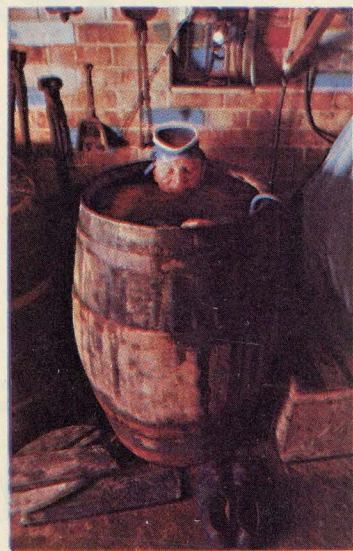
Mais de 200
pulverizações

**UM HÁLITO FRESCO...
MESMO TÃO PERTO!**



Agora que o calor aperta mais do que nunca, o «S. I.» proporciona-lhe dentro de uma semana uma reportagem fotográfica de invulgar qualidade: o exótico modelo Verushka (lembra-se dela em «Blow-Up»?) apresenta a última palavra em ousados «bikinis»... no Saará!

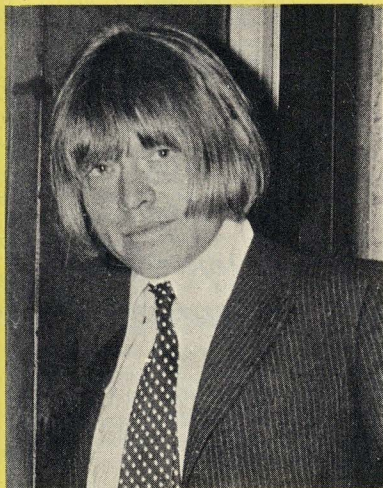
A excentricidade não é, claro está, exclusivo de um povo apenas. Mas dizem as más-línguas que os ingleses batem todos os outros na maratona das peculiaridades individuais. O «S. I.» oferece-lhe um balanço totalmente «zuca» dos últimos - excêntricos britânicos...



Maria Beatriz de Sabóia, a popular «Titi», é o tema de uma comvente narrativa que o «S. I.» publicará no seu próximo número.



BRIAN JONES MORREU NA PISCINA



Brian Hopkin-Jones, elemento dos populares Rolling Stones, morreu quando tomava banho numa piscina. A sua morte, como se verificou, nada contém de misterioso. Brian Jones sofria de asma e, segundo o relatório sobre a sua morte, faltou às regras essenciais que todo o asmático deve respeitar.

- 1.º — Vivia no campo, onde o pólen é intenso;
- 2.º — Tinha dois cães;
- 3.º — Foi nadar, só, a altas horas da noite.

Os detectives encontraram um inador abandonado junto da piscina. Há ainda a hipótese de Jones ter abusado do inalador que contém uma droga contra os espasmos. Qualquer droga se torna perigosa quando usada em excesso. A tendência dos que sofrem de asma é exagerar o uso do inalador que lhes facilita a respiração.

A estudante sueca, Anna Vohlin, que tentou em vão salvá-lo quando ele foi encontrado na piscina, conhecia apenas há três meses Brian Jones. O que mais a impressionou foi a sua profunda tristeza.

Jones tinha o projecto de formar um novo conjunto, o que quer dizer que embora cheio de esperanças se sentia um pouco naufragado.

Na noite da sua morte convidou, para um banho, Anna Vohlin, de 22 anos, e um amigo, Frank Thorogood, de 44 anos, que estava instalado em sua casa a título de empreender algumas remodelações.

Ao fim de 20 minutos, Anna resolveu entrar em casa. Thorogood seguiu-a pouco depois para lhe pedir um cigarro.



O modelo Suzy Porter chora no enterro de Brian Jones. «Não me julguem demasiado duramente», pedira ele aos pais, quando fora julgado há dois anos por uso de narcóticos



Mick Taegger e Marianne Faithful enviaram flores — com cartão autografado

Quando voltou à piscina encontrou Jones boiando inanimado.

Avisada do acontecimento, Anna Vohlin tentou insuflar-lhe vida por meio de respiração boca a boca. Frank Thorogood telefonou imediatamente para o Real Hospital Vitória. Uma ambulância chegou e pouco depois transportava o cadáver do popular Brian Jones que aos 26 anos desaparecia deste Mundo e do mundo da música «pop».

Quem não conhece a história de Brian Hopkin-Jones?

A sua participação no conjunto os Rollings Stones, que foi quase um émulo dos Beatles, os escândalos posteriores, relacionados com o uso de estupefacientes, são episódios bem conhecidos para que deles se torne a falar. A projecção dos Beatles atingiu proporções inesperadas que tiveram um efeito devastador, não unicamente junto de grupos ao nível dos Rollings Stones mas em geral no destino de quase todos os que tiveram as mesmas ambições.

Certo é que o declínio dos Rolling Stones era inevitável. Jones abandonou o conjunto há questão de um mês para formar outro. Mas a morte que o foi procurar no seu condado de Sussex antecipou-se a uma tentativa na qual depositava as últimas esperanças. No íntimo deveria sentir que ultrapassar a barreira dos Beatles jamais seria possível.

Deixou nos seus numerosos admiradores a recordação da sua imagem de querubim, com o seu belo cabelo louro, olhos de um azul impressionante e, sobretudo, a participação num grupo que foi um símbolo de resistência contra o mundo adulto.

QUADROS E RISO PARA O SENHOR ALMADA

por

Maria Antónia Palla

— Ora, meus senhores, quanto oferecem por esta magnífica obra? Quanto dão, quanto dão? Pois vai em três mil escudos. Três contos de reis apenas, meus senhores, quem dá mais? Três mil e cinquenta escudos. Está em três mil e cinquenta escudos. E está barata. Ainda há pouco vendi um quadro deste artista por vinte

AGORA!

**CRÉDITO A 24 MESES
SEM PAGAMENTO INICIAL**

**FRIGORÍFICOS — MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA — CONSULTE-NOS**



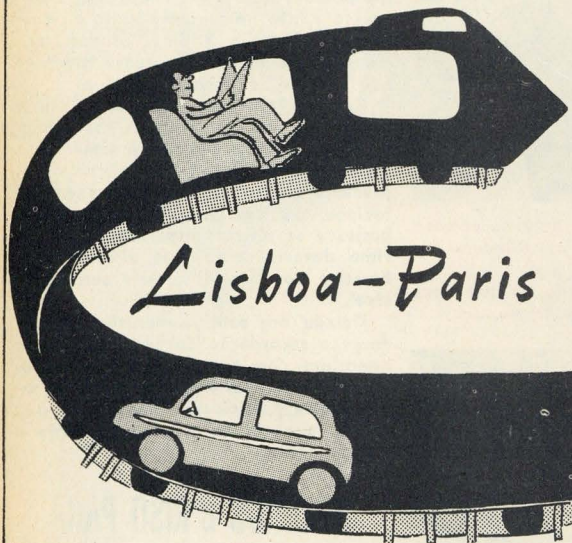
ASTRO TÉCNICA Rua dos Anjos, 71-B

Lisboa

Av. António Augusto de Aguiar, 58-B

SERVIÇO

Auto-Expresso



Lisboa-Paris

AGORA TAMBÉM O SEU AUTOMÓVEL
PODE VIAJAR DE COMBOIO

ENTRE

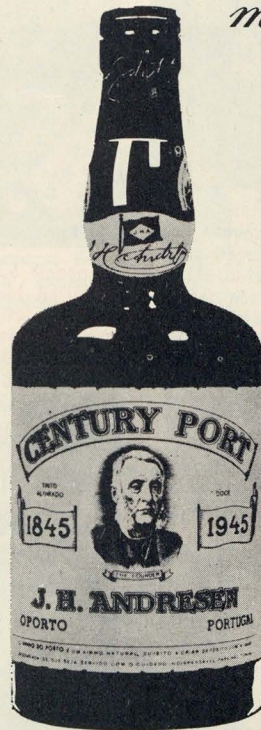
LISBOA E PARIS

PRESTAM-SE INFORMAÇÕES NO
SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO

ESTAÇÃO DE SANTA APOLÓNIA

EST. 1845

*Mais de
um século.
de reputação
mundial*



ANDRESEN

contos. Ora três mil e cem, diz aquele senhor. Está em três mil e cem. Quem dá mais? Três mil e duzentos, três mil e trezentos, e quatrocentos, e quinhentos. Três mil e quinhentos escudos. Ninguém dá mais? Então, três mil e quinhentos, um, a três mil e quinhentos, duas, três mil e quinhentos, três. Um Botelho por três mil e quinhentos escudos. É de vossa excelência. Os meus parabéns.

E o sr. Mendonça, leiloeiro profissional, 47 anos de prática, emocionado e confundido, como um principiante, faz a entrega de uma pequena paisagem de Lisboa, da autoria do mais fiel dos seus pintores — Carlos Botelho.

Um leilão é, por uso, o desfazer de qualquer coisa. Há sempre uma história interrompida por detrás de cada peça que um belo dia vem à pça, despojada de envoltórias afectivas, desolada, fria, na mão do progeiro, para ser transaccionada, de mistura com outras, às quais por ventura esteve ligada, objecto raro ou comum, inesperadamente sem vida, sem passado, a menos que este constitua valor comercial (pertenceu aos senhores duques de... e serviu a sua majestade...). Quantos leilões destes o sr. Mendonça não realizou? Tantos, que já não sabe indicar o número exacto. («Fui eu já que fiz o do sr. Teixeira Gomes, na Gibalta...»)

Mas um leilão como o efectuado, uma noite destas, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, por iniciativa da comissão de apoio ao filme de Ernesto de Sousa sobre Almada Negreiros, foi acontecimento único na vida de um homem que já vendeu muitos despojos, muitas riquezas, coisas raras, mas nunca teve oportunidade de participar, através do seu trabalho, no fazer de uma obra de arte, na homenagem a um grande artista. Por isso, o sr. Mendonça não hesitou em ir às Belas-Artes, gratuitamente, oferecendo a sua colaboração a um projecto que, sendo de um homem, um cineasta que filma Almada Negreiros, é a de todos os que, de um modo ou de outro, o tornam realidade: artistas, críticos, amadores de arte.

«Almada, nome de guerra», sem subsídios oficiais ou para-oficiais, resultará de quantos amam Almada, reconhecendo nele, para lá dos seus gostos pessoais, o mérito incontestável de uma personalidade e de uma obra que marcam um tempo e um destino no panorama da cultura portuguesa.

Pintores e escultores das mais diversas tendências — José Rodrigues, Nikias Stasinakis, Nuno Sequeira, Espiga Pinto, Sebastião Rodrigues, Hein Semke, René Bertolo, Manuel Baptista, Lagoa Henriques, Mário de Oliveira, Noronha da Costa, Júlio Pomar, Alice Jorge, Hogan, Armando Alves, Martins Correia, Gil Teixeira Lopes e tantos outros — acordaram em oferecer uma peça cuja venda, em leilão realizado agora em Lisboa e anteriormente no Porto, reverterá para um fundo comum de financiamento do filme dedicado a Almada Negreiros.

— Afirmei-o já publicamente, e volto a afirmá-lo — diz-nos o realizador Ernesto de Sousa, pouco antes do começo da sessão — que o dinheiro não é o problema número um do cinema português, ao contrário do que se tem afirmado. Esta iniciativa é uma maneira de demonstrar e de assumir esta ideia.

A semelhança do seu anterior filme, «D. Roberto», «Almada, nome de guerra» será produzido exclusivamente com capital particular, angariado entre amadores de cinema e amadores de arte. Devemos, com esta atitude, entender que Ernesto de Sousa abandona o recurso a um organismo produtor, como futura Cooperativa do Cinema Português?

— De modo algum. Sou sócio fundador e acredito em absoluto nas possibilidades da Cooperativa. Simplesmente, a Cooperativa tem tido uma elaboração muito lenta e, embora tenhamos chegado agora a uma fase de bons resultados, prováveis, julgo que precisaremos de três anos para avaliarmos do bem fundado das nossas esperanças. Além disso...

Ernesto de Sousa sorri. É nós, que bem, lhe conhecemos a irreverência, perguntamos: este filme tal como está a ser realizado vale como símbolo, não é verdade?

— Bem eu creio firmemente que as pessoas, por si mesmas, desde que empenhadas numa tarefa, são sempre capazes de descobrir os meios de a realizar. Portanto, independentemente da Cooperativa do Cinema Português, penso desenvolver uma produção própria, recorrendo, para tanto, aos 16 mm., de modo a libertar-me o mais possível dos condicionamentos comerciais.

Naturalmente, esta atitude implica uma certa renúncia ao grande público, o que não se faz com prazer. Mas devemos-nos lembrar que existem hoje os meios técnicos de passagem dos 16 mm. aos 35 mm.

e, ainda, de que urge montar em Portugal um circuito comercial para 16 mm. tal como existe em todos os países, inclusive em Espanha.

A ideia de um cinema paralelo, perfilhada por tantos realizadores modernos (Jean-Luc Godard, os homens do «underground-cinema», etc.) tem em Ernesto de Sousa um acalorado defensor. Mas volte-mos a «Almada, nome de guerra». Numa fase adiantada de filmagem, o realizador está contente com os resultados?

— Como já tive oportunidade de explicar, este filme será, essencialmente, reflexivo. Em breve projectaremos a primeira fase, em assembleia restrita. A reacção do público a essa projecção será filmada e passará a fazer parte do próprio filme, assim como uma série de conferências, entrevistas e mesas-redondas que temos realizado e serão publicadas em livro. Digamos que o livro será o processo do filme e que este procurará ser o mais processo e o menos filme possível.

Tentativa de um cinema aberto, é difícil saber-se quando, exactamente, «Almada, nome de guerra» ficará concluído. Mas Ernesto de Sousa supõe que, em Outubro, quando for ao Festival em Mannheim, as filmagens estejam terminadas. Foi a paixão de um realizador por um artista singular, pintor e poeta, inventor, na melhor acepção do termo, que motivou este filme. Três meses de filmagens, de sessões prolongadas no entusiasmo da descoberta, de sessões adiadas por falta de disposição do personagem, ocorre-nos perguntar, quando nos despedimos de Ernesto de Sousa: a paixão por Almada continua?

— Maior ainda, se possível. Almada é um imenso assunto de estudo, há nele um fundo de ideias actuaentes profundamente modernas. Ele constitui surpresa — e é isso que ele quer. Por isso é o que é: um indivíduo sempre presente.

Como merecia uma iniciativa ligada ao nome de Almada Negreiros, o leilão das Belas-Artes que se anunciou, de princípio, sem quaisquer golpes de emoção, acabou de forma surpreendente, hilariante. A pouco e pouco, no decurso da noite, o empenho inocente do sr. Mendonça em valorizar cada uma das 60 peças apresentadas despertou na assistência uma reacção de bom humor. Entusiasmaram-se os coleccionadores autênticos e os aprendizes de coleccionador. Os críticos e os «marchands» entraram no despique.

EIS O DATSUN 1300!



ESTE MAGNÍFICO AUTOMÓVEL

(ENTRE OUTROS)

PODE SER SEU !!

BASTA COMPRAR ^{O SÉCULO} **ilustrado**

PARTICIPE JÁ NO SENSACIONAL CONCURSO

3 DATSUN PARA VOCÊ!

Fizeram-se combinações de bastidor. Mais do que um leilão a sério — que o não podia ser — assistimos a um saboroso «happening» que muito ficou a dever ao empenhado leiloeiro, que, meia-noite passada, dizia ainda: «Vamos a despachar, meus senhores. São 11 e um quarto!» Justificada, pois, a apreciação final de José Augusto França: «Neste acontecimento, o sr. Mendonça foi tão indispensável como o Almada! Sem o senhor não havia leilão — até porque não o saberíamos fazer.»

Perturbado, comovido, o sr. Mendonça agradeceu. E ele que veio às Belas-Artes porque tem uma grande admiração pelo artista Almada Negreiros. («Nunca o vi, mas tenho um álbum com coisas dele, admiráveis, dos tempos em que ninguém o devava a sério..») recusa um desenho que os organizadores do leilão lhe quiseram, oferecer, marcado por 3000\$00 no catálogo, para escolher uma gravura de 400\$00 apenas:

— Gosto desta. É pequena, como a minha casa, vai bem com ela. Além disso, é muito mais barata. É importante. Eu não quero prejudicar o sr. Almada.

A LIÇÃO DE «PEPSIE»

por

Olga Serra Cruz

Paris — Teatro Daunou — Peça: «Pepsie» — O prémio de humor «Tristan Bernard» distinguira aquela peça um ano antes da noite em que entramos no pequeno teatro da Rua Daunou. «Pepsie» ia já no segundo ano de carreira com «boas casas».

A sua estreia tinha uma história: Pierrette Bruno, uma marselhesa pequena e loura que seus pais haviam destinado à carreira de química mas que a despeito da oposição da família se tornara uma boa actriz cômica, representava na altura uma peça com Bourvil, que havia sido escrita expressamente para elas.

Pensou então em escrever também uma comédia. À noite, durante horas, pensava as réplicas que no dia seguinte passava ao papel. Queria uma opinião sincera sobre a sua obra. Como obtê-la?

Disse aos amigos que havia recebido «Pepsie» de um jovem autor desconhecido. A peça foi aceita, elogiada e posta em cena.

Inventou um nome para o autor fictício: o seu próprio nome no género masculino junto com o de seu pai. Assim apareceu Pierre Edmond Victor como autor. Um amigo, conivente, figuraria como tendo este nome. Na noite de estreia, perante o sucesso obtido, o amigo eclipsou-se.

Todos acharam estranha esta atitude e durante muito tempo os jornalistas interrogaram-se sobre a identidade do autor de «Pepsie».

Soube-se só na centésima representação que era a própria actriz protagonista a autora: Pierrette Bruno.

Que fez o êxito de «Pepsie»? A sua frescura? As situações encontradas na vida real cheias de um humor levemente picante? Talvez. Mas nós cremos que é sobretudo a Verdade e Humanidade das suas personagens. Sem pretensões de moralizar. A lição tire-a quem quiser e souber.



Lisboa — Teatro Laura Alves — Peça: «Pepsie» — Irene Cruz vai ser a rapariguinha provinciana e desejosa de ser actriz que o acaso da vida atirou dos cursos da arte dramática para a mesa de um «cabaret» e que durante 2 horas vai viver uma estranha aventura, perante os nossos olhos. Será uma mulher generosa e extraordinariamente sensata, de uma sensatez «sui generis» convenciamos.

João Lourenço, na vida real seu marido, vai durante 2 horas ser o engenheiro

ambicioso que procura o triunfo profissional para se realizar. Sem confiança em si próprio e na sua obra será manobrado e ajudado pela inteligência da companheira de ocasião que buscará num bar para o fazer esquecer a passagem do tempo.

Na noite em que vimos «Pepsie» no Laura Alves, em Lisboa, não pudemos deixar de notar o desempenho magistral de Jacinto Ramos, a intuição com que foi composta a personagem a cargo de Luís Pinhão, o acerto com que Graça Lobo intervém.

Irene Cruz surpreende-nos. É uma «Pepsie» possível, exuberante, latina. Entrega-se à personagem na sua generosidade, na sua grandeza de alma não fugindo para o fácil. Não caracterizou pelo exagero um tipo de mulher estandartizado no mau sentido. Utilizou com inteligência os cambiantes que a personagem exige. A autora, em Portugal, não a teria desenhado melhor.

João Lourenço, apesar da sua juventude, faz um engenheiro em princípio de carreira que a sua figura suporta muito bem. Vimo-lo a par de Irene, leve, natural e tão humano que dir-se-ia conhecermos a personagem que encarna daqui ou dali.

Foi como se a vida tivesse sido assim durante 2 horas!

(Na segunda sessão é exactamente como se tudo tivesse voltado ao princípio. Que fatigante!... Isto não imaginou a autora de «Pepsie», não).

No camarim, apressados, entre duas cenas e duas mudanças de roupa (há várias), ambos, amáveis, respondem-nos:

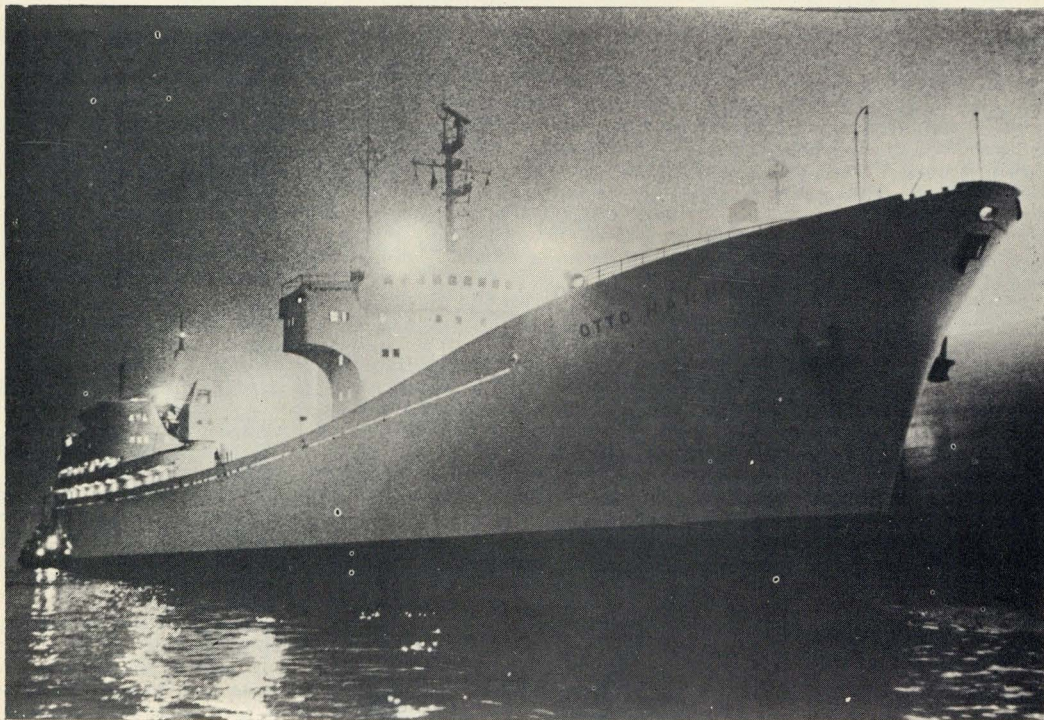
— Irene, você procurou dar à personagem «Pepsie» um conteúdo humano? Procurou que ela fosse uma figura a transmitir uma mensagem?

— Procurei, de facto, assimilar o conteúdo humano de «Pepsie» porque a personagem é constantemente envolvida por ele, mas não vejo qualquer mensagem nela. Aliás não é característica da comédia chamada de «boulevard».

— Falando do teatro de «boulevard», João Lourenço, você acha que este género atingindo grandes massas de público pode influenciá-lo na sua maneira de pensar, levando-o a reflectir até quando ri?

— Entendo que a principal finalidade destas peças é divertir o público dando-lhe um espectáculo alegre, que, poden-

**Quando se exige
de uma máquina de lavar automática
uma lavagem perfeita
e uma garantia máxima...**



O navio "Otto Hahn" primeiro da frota mercante alemã, accionado por energia atómica, está equipado com uma instalação de lavandaria MIELE

**...escolhem-se
máquinas de lavar automáticas Miele**

MIELE não fabrica máquinas de lavar automáticas muito baratas - fabrica, mas só muito boas.

Miele

J. F. S. Romeiras Palma R. da Escola Politécnica, 27 — Telef. 30230 - 326841 — LISBOA

S. E. L. S. — Soc. de Empreendimentos Mecânicos Luso-Suíça, Lda. Rua de Aviz, 39 - 2.º - Esq. — Telef. 23657/8 — PORTO

do comportar ligeiras concessões ao «sentimento», não o torne pesado nem obrigue o espectador a um esforço de reflexão apresentando problemáticas que não têm cabimento neste género de espectáculo.

— Irene, que representa o papel de «Pepsie» na sua carreira?

— Não estou bem certa se este será sido para mim o melhor papel da minha carreira, porquanto não posso esquecer a protagonista de «Descalços no Parque» e a Nancy de «Knack», mas sinto que os cambiantes e os contrastes que a figura de «Pepsie» contém tornam o papel aliciante para qualquer actriz que pretenda marcar o seu lugar na cena portuguesa o que é, naturalmente, o meu caso.

— Vocês, que têm trabalhado quase sempre juntos depois do vosso casamento, tencionam continuar assim ou, se as contingências do teatro o exigirem, encaram a hipótese de carreiras separadas?

É Irene Cruz quem responde:

— O facto de as circunstâncias até agora nos terem proporcionado trabalhar juntos, o que, sem dúvida, no plano pessoal nos agrada muito, não quer dizer que assim continuemos sempre. Até porque pensamos que as nossas carreiras no teatro não devem forçosamente coincidir com a nossa vida real.

— João Lourenço, que pensa do chamado teatro de vanguarda?

— Sinto grande curiosidade por esta modalidade de teatro e penso ser absolutamente necessário que ele seja representado não só para que o público possa acompanhar todas as tendências e movimentos que procuram renovar e arejar os velhos moldes mas também para satisfação dos nossos próprios anseios espirituais.

— Que pensam vocês que a juventude procura hoje no teatro?

— Estamos em crer que não é a nós, profissionais do teatro, que compete responder a esta pergunta; no entanto, do nosso ponto de vista, a juventude que se interessa pelo teatro procura encontrar nele, não um motivo de evasão mas a verdade, uma verdade sem artificios e, se possível, que não pactue com as conveniências cénicas tradicionais.

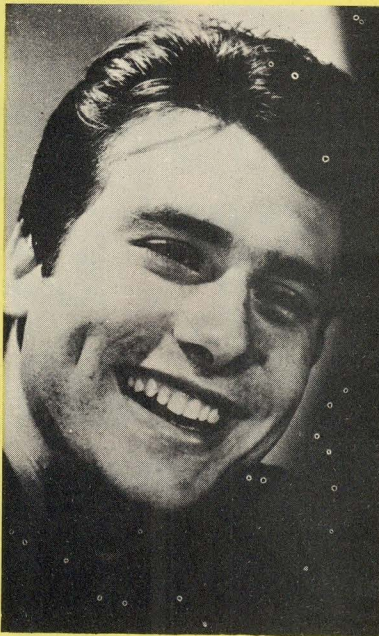
— Então que futuro vêem vocês para o teatro? Um espectáculo de pléiades para transmitir mensagens e por proble-

mas ou um meio de diversão para as massas?

Responde-nos João Lourenço:

— Nem um nem outro em absoluto: pelo meu critério, ambas as modalidades de espectáculo devem subsistir e a sua coexistência impõe-se para que o teatro possa continuar a ser espectáculo no conceito de toda a espécie de público.

— Vocês são jovens, melhor podem avaliar as dificuldades dos novos ao encetar uma carreira no teatro. João Lourenço, que pensa você deste problema do começo de vida de um actor em Portugal?



— É verdade que para os novos as dificuldades são muitas, na medida em que a estreiteza do nosso meio teatral não dá grandes oportunidades, mas penso que todos aqueles que sintam verdadeira vocação devem persistir e tentar saltar a barreira que os leva às tábuas de um palco; mas desde já lhes digo que essa barreira se tornará muito difícil de transpor para aqueles que disponham apenas de vocação e não demonstrem também um pouquinho de incipiente talento.

— Irene, você acha que o público em Portugal já está mentalizado para aceitar um teatro sério na acepção de teatro de tese por exemplo?

— Pelo que tenho observado acho que o público português se equivale e não difere muito em espírito crítico e cultura de qualquer outro público.

— João Lourenço, você também já teve certas responsabilidades empresariais (lembramo-nos do «Grupo Quatro»); que pensa da modalidade de redução de preços, descontos etc....

— A aplicação dos preços reduzidos ou qualquer outra modalidade semelhante é benéfica porque possibilita o encontro com o teatro a muitas pessoas que o desejam mas carecem de meios materiais para isso. No entanto, nem sempre essas modalidades são possíveis devido ao factor comercial a que não se pode deixar de atender por ser uma constante imperiosa de toda a exploração teatral.

— Que papel atribuem aos grupos amadores no fomento do gosto pelo teatro?

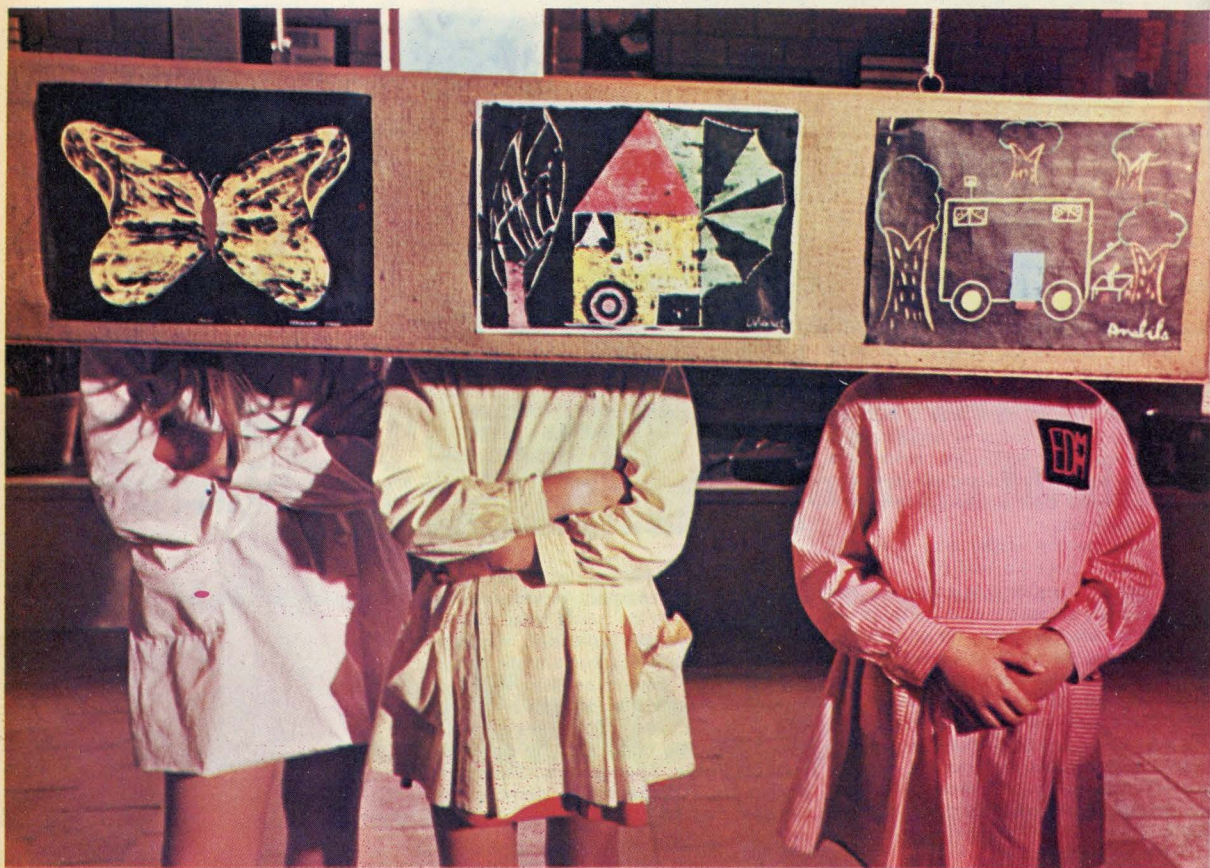
Responde-nos João Lourenço:

— Sou de opinião que os agrupamentos amadores podem e devem ser chamados a desempenhar um papel de relevo na difusão primária do gosto e amor ao teatro, especialmente para todos aqueles que não foram ainda tocados pelo seu fascínio; e também porque através deles podem ser revelados os valores de renovação do teatro profissional como tantas vezes tem acontecido. Planos para o futuro...

— Resumem-se a trabalhar, trabalhar sempre, procurando não nos afastar de um profissionalismo consciencioso e honesto. Continuarmos a merecer o favor e agrado do público que tanto nos tem ajudado.

O DESENHO REVELA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

**Reportagem de
Augusto Cabrita**





Poesia no espaço



O aluno encontra-se perante o problema da imitação do real

Nesta era altamente técnica em que a especialização toma lugar cada vez maior, torna-se indispensável dinamizar a Escola e apetrechá-la de todas as condições materiais e espirituais que facilitem o aproveitamento máximo das possibilidades humanas de todos aqueles que a frequentam. Terá de ser uma Escola viva, activa, cheia de interesse e sempre com um programa vol-

tado para a construção de um futuro melhor. Uma pedagogia concreta fundamentada na psicologia do educando e na psico-didáctica há-de constituir o instrumento de orientação na descoberta e formação da criança. Não poderá, ainda, esquecer-se a formação intelectual, física, moral, afectiva e cívica. São aspectos da chamada educação integral, objectivo primeiro da existência



Convida-se a criança a dar largas à sua fantasia

da Escola como instituição de interesse profundamente social.

O futuro das sociedades humanas depende da forma como se concebeu e realizou um determinado tipo de educação. Educar é conduzir a criança a conhecer-se a si própria, ao mundo que a rodeia e às pessoas com quem vive e convive. Mas o acto pedagógico, para ser realmente autêntico, deve inserir-se na vida, predispondo todas as energias individuais ao serviço da

comunidade. Assim, educar implica desenvolvimento e integração. Desenvolvimento, para dar satisfação às necessidades e realização às aptidões; integração, para provocar a socialização dos valores individuais.

Quem é o objectivo desta educação? A criança, ser que transita, que passa por várias fases, que sofre uma evolução até atingir o estado de adulto.

A cada uma dessas etapas corresponde um estilo de vida com características bem defi-



Não é descuidada a educação espiritual da criança



Primeiras lições de jornalismo

A CRIANÇA E O DESENHO

Há que desenvolver por todos os meios a imaginação da criança




Bailes e excursões entram também na programação de escola

Um aspecto da sala de exposições



CINEMA



ESTA ACTIVIDADE FOI ORIENTADA PELO P. VIEIRA MARQUES E TEVE, EM VARIAS OCAOES, A PRESENGA DO MEMBRE DE RODRIGUES ALQUETO CABRITA.

TEMA GERAL:

- IMAGEM "A" IMAGEM.
- REALIZARAM-SE 3 SECOES COM A PRESENGA MEDIA DE 50 PESSOAS.

ESTOARAM-SE OS SEQUITES ELEMENTOS:

- OS TRÊS ELEMENTOS EXPRESSIVOS
- PLANOS - MONTAGEM
- PARTES DE UMA CÂMARA DE FILMAR

A formação moral e física do aluno é paralela à sua formação intelectual

OPINIÃO

FUNCIÓN COM TRÊS EQUIPAS:

- REDACTORES
- ENTREVISTADOES
- ARTICULISTAS

COM UM PEQUENO GRUPO INICIAL DE ESTUDO, ESTA EQUIPE ORIENTAVA-SE PARA UM TRABALHO JORNALISTICO FOI SEU ORIENTADOR O DR. PEDRO PAIHO. PUBLICOU ALGUNS NÚMEROS DE UM PERIÓDICO POLICOPIADO - "OPINIÃO" O SEU PRODUTO REVERTIU PARA O PASSEIO DOS FINALISTAS.


Dentro da escola encontram os meios de angariar fundos para os seus passeios

TEATRO

FOI ORIENTADOR DESTA ACTIVIDADE O Sr. GRACIANO SINDES ENCADADOR DO GRUPO DE TEATRO DO CLUBE 22 DE NOVEMBRO.

FOI REALIZADA A SENSIBILIDADE INTERESSANTE

- PARTICIPANTES
- TRÊS REPRESENTAÇÕES
- DE COMÉDIA



O teatro também entra no número das preocupações pedagógicas

MUSICA

A Música é o alimento do espírito. Só um espírito bem alimentado está apto a dar e receber o desenvolvimento necessário.



A criança necessita de música para desenvolver o seu espírito, e assim ter acesso à harmonia da vida.

nidas, com interesses, capacidades e necessidades muito próprios.

Nesta perspectiva a criança não é um adulto em miniatura que se possa modelar como se queira; é, pelo contrário, um ser com individualidade, original, concreto, singular, que tem uma estrutura biopsíquica própria que lhe dá uma marca e uma tonali-

A música como meio de comunicação mais imediato não poderia estar ausente 21

A CRIANÇA E O DESENHO

dade especial para sentir, pensar e agir. É este timbre pessoal que define o seu carácter e tonaliza a sua personalidade. Assim, a educação para se realizar implica conhecimento de todo o seu mundo psíquico, estimulação e socialização dos seus valores reais. Isto significa que a criança carece de uma orientação que a conduza à obtenção de uma dada meta.

Esse trabalho de descoberta da autenticidade individual é uma resultante do esforço conjugado da Família, da Escola, do Estado e de todas as instituições sociais que cercam ou influenciam o mundo da criança. Quando se fala em orientar alguém isto implica dar conselhos sucessivos, apresentar sugestões, planejar actividades, tudo feito de acordo com as reais capacidades de cada um. Será, no entanto, possível, aconselhar sem previamente conhecer aquele a quem o conselho se dirige? E o que se entende por conhecer aquele a quem o conselho se dirige? E o que se entende por conhecer uma criança? Conhecê-la supõe compreendê-la em todas as suas dimensões, desde as suas mais remotas origens. Esta sondagem a partir do passado ajuda a compreender o presente e a preparar o futuro. Compreender, conhecer, aconselhar, orientar e educar, eis as diversas etapas do acto pedagógico através do qual se deve processar a passagem do estádio infantil à maturidade.

Como conhecer a criança? Existem provas para avaliar o seu desenvolvimento intelectual, as características da sua personalidade, o grau de adaptação familiar e social, o seu estado emocional.

Uma das provas mais simples e de maior alcance para o conhecimento psicológico da

prios desenhos que realiza espontaneamente ou não.

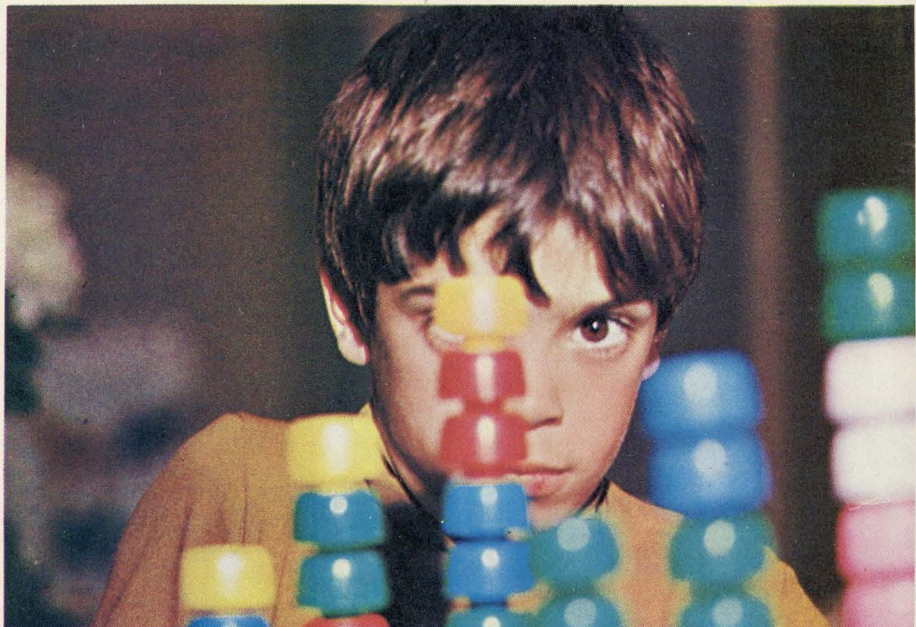
O desenho é, assim, uma forma de linguagem, um meio de comunicação, uma projecção da alma infantil cuja interpretação permite auscultar anseios, vislumbrar interesses, perceber problemas e avaliar situações concretas. As cores que utiliza, a grandeza das figuras, a posição escolhida na folha, o traçado do lápis e outros tantos sinais exteriores fornecem ao orientador escolar normas de actuação pedagógica que permitem definir, em consciência, qual a orientação que mais convém a cada um.

A existência em todas as escolas de um centro de orientação escolar onde se fizesse, a tempo e horas, a depistagem de todos os casos que carecem de uma orientação especializada, reduziria certamente o número de fracassos e aumentaria, sem dúvida, a eficiência escolar. Só uma Escola por medida, maleável e orientadora, e, portanto, adaptada às necessidades da criança e da sociedade poderá solucionar os inúmeros problemas suscitados pelas profundas transformações técnicas e sociais do mundo contemporâneo.

Agradecemos a gentileza do Externato D. Manuel de Mello, do Barreiro, pelas facilidades concedidas para a obtenção desta reportagem.



Pretende-se desenvolver o sentido do desenho e do da composição



A construção é uma das disciplinas que mais desenvolvem o sentido do método

AS PROEZAS

Texto de

A. Varatojo

DE JOSÉ DO TELHADO

Ficha biográfica

Nasceu a 22 de Junho de 1818 na casa do Telhado, em Recarei.

Filho de Joaquim de Matos e de Maria Lentina.

Assento de baptismo na matriz de Castelões de Recezinhos.

Adolescência

As cercanias do monte esgalgam-lhe o físico esbelto de mocetão desempenado, a paixão pela caça aguça-lhe a pontaria certa no voo livre da perdiz.

Os olhos castanhos adquirem a determinação que irá fazer dele um chefe, quando lhe brilham na íris os tons doirados de um sol nascente ou o avermelhado de um ocaso entre as cristas dos montes.

As moçoilas começam a invejar-lhe o porte altivo, o ar escorreito e seco, cabeça erguida e músculos fortes num corpo atlético. Bem cedo, o varão de Recarei escolhe entre elas uma de sua predilecção: Ana Lentina de Campos.

O mesmo nome de sua mãe, Lentina, facto não muito estranho, pois a jovem da freguesia de Calde de Rei é ainda sua prima.

Firme de decisões, o jovem José Teixeira pensa ir para Sobreira procurar trabalho em casa da bela moçoila.

O ofício de castrador serve-lhe para se aproximar da bem-amada.

Lisonjeado pela procura do tolinho aprendiz, o tio aceita-o sem suspeitar que o moço lhe corteja Anita.

Inteligente e dedicado ao trabalho, José Teixeira vai conquistando ambiente e coragem para pedir mais, que um lugar de aprendiz de castrador. Os elogios do tio e mestre, estimulando-o e, pouco tempo depois, a precipitação dos acontecimentos levam-no à fala decisiva.

— Tio, preciso falar-lhe. — Nos olhos duros do castrador Campos brilha a primeira suspeita. O rubor do entusiasmo que sobe às faces do jovem é augúrio denunciante que as espreitadelas furtivas da pequena Aninhas denunciam.

E a confissão vem completa: José Teixeira quer resgatar na igreja a falta já cometida no calor das noites quentes da terra. Campos tem uma fúria. Nunca admitiu ceder a filha a quem não tivesse leiras de terra, ou pecúlio de abastanças, superior ao seu.

Vale mais a vergonha de uma filha grávida que a derrota de princípios avarentos e ambiciosos.

— Um pobre diabo de um aprendiz sem nada de seu e ainda por cima filho dum homem que o povo acusa de capitão de ladrões, em Recarei. Não querem lá ver o desaforo?

E às pressas José tem de escapar-se da fúria súbita do tio ultrajado.

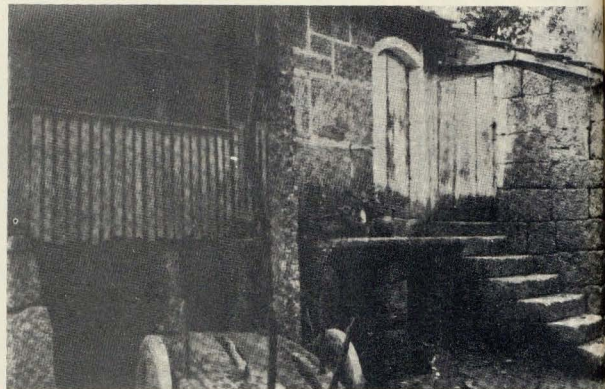
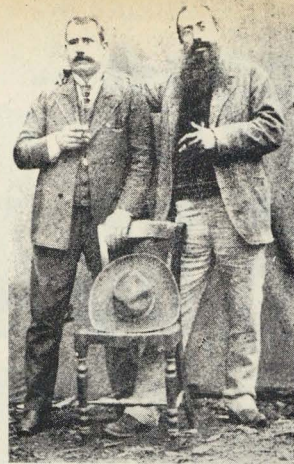
Na calada da noite, volta para despedir-se de Aninhas e fazer juras de amor eterno.



José do Telhado

JOSÉ DO TELHADO

José do Telhado e seu irmão Joaquim



A casa onde nasceu José do Telhado, em Castelões de Recezinhos



Dona Ana Vitória de Vasconcelos Lemos e sua filha Dona Ana Vitória, da Casa de Carrapatelo

Esboço de um herói

Assim como a Legião Estrangeira serve de refúgio a almas sangrando, os Lanceiros da Rainha, em Cavalaria 2, recebem José Teixeira, o moço de Recarei que vem curar maleita de amor.

Mas rapidamente, o seu porte e apuro conquistam a admiração dos superiores.

Montada e cavaleiro formam uma só peça.

Os músculos duros das pernas do jovem habituado a montar em osso, conduzem agora com segurança o cavalo, enquanto o pulso ágil e forte manobra a lança como se fora o varapau com que varria as feiras.

Em Julho de 1837 rebenta a Revolta dos Marechais, Terceira e Saldanha a combatem os Setembristas da Constituição de 22.

É o exame do varão de Recarei. Os Lanceiros da Rainha aderem à revolta.

Saldanha comanda este e outros regimentos.

O barão de S. Cosme, o barão de Setúbal e o marechal alemão naturalizado português. — João Schwalbach — estão com ele.

No aceso da luta esquecem-se

amigos e irmãos. O separatismo das causas insufla ódio onde existia amizade e batem-se os homens cegamente sob a capa de princípios que às vezes mal conhecem.

É assim em Cabeço de Montachique e nos Campos de Loures.

José Teixeira, dominando o cavalo e a lança com destreza incomparável que deixa atônitos inimigos e camaradas, derruba um, desmonta outro, acode aqui, luta acolá, como um demônio. Alinhava as primeiras páginas da sua glória de soldado a que aqueles que o observam não são indiferentes. Um homem com a sua valentia não pode ser um lanceiro vulgar. O galardão do mérito confere-lhe o lugar de ordenança do barão de S. Cosme.

Serve-o até à batalha campal de Chão da Feira. Aí, uma bala dos soldados setembristas do conde de Bonfim, deruba o barão de S. Cosme e o cavalo desenfreado arrasta-o pelo campo.

É José Teixeira quem persegue o animal pensando ir salvar o ferido. E tarde. O barão morre, mas alguém notara a bravura e lealdade do lanceiro que trocara Recarei pela vida militar. É o próprio marechal Schwalbach quem o cita na ordem do dia e o requisita co-

mo ordenança. E é a amizade pessoal de Schwalbach, que José Teixeira fica devendo o seu regresso às terras de Sobreira e Recarei. Na retirada para a Galiza, recebe uma carta de Aninhas (a quem ele escrevera contando que se ausentava com as tropas), implorando o seu regresso. O pai, finalmente, aceita o casamento.

Ao marechal alemão bem custa libertá-lo, mas é o justo prémio da sua dedicação, galhardia e valor em combate.

O presente de casamento é uma credencial para o barão de Vilar

de Turpin, general da Divisão do Porto, para lhe conceder a baixa da vida de soldado.

E no Outono desse ano os sinos da Sobreira badalam por cima dos telhados chamando os fiéis a assistir ao casamento de José Teixeira de Matos a quem o povo chama já José do Telhado por ter nascido na casa do Telhado.

— Ana Lentina de Campos, é de sua livre vontade aceitar como esposo o...» Não é necessário esperar pela resposta. Na cara ruborizada de Aninhas está reflectida a felicidade, os olhos embevecidos que fitam o noivo gritam «sim», antes dos lábios pronunciarem o som das três letras mágicas.

E a vida corre na terra entre um nascer de sol nas curvas das serras e um acaso de beatificação da natureza.

José do Telhado de esposo adorado, passa a pai extremo. Sem perder a afeição de lanceiro, o garbo de soldado.

Na feira de Penafiel, em defesa de um amigo atacado usa o varapau

com a mestria de bom jogador e abre clareiras no ensarilhar do bastão, e nos golpes secos que abatem adversários.

Aos poucos a onda escura vai cedendo terreno, num derrubar de barro e fruta espalhada.

Só na ficção condicionada a pena do escritor, os heróis conseguem sempre triunfos absolutos, a realidade compraz-se em redigir o inesperado. Foi a realidade que atrou de trás de uma tenda dois golpes traiçoeiros, jogados de esguelha à cabeça de José do Telhado.

Caido a esvaír-se em sangue, pisado e dorido mal consegue regressar aos braços de Aninhas que o salva da morte com tratamento e carinho.

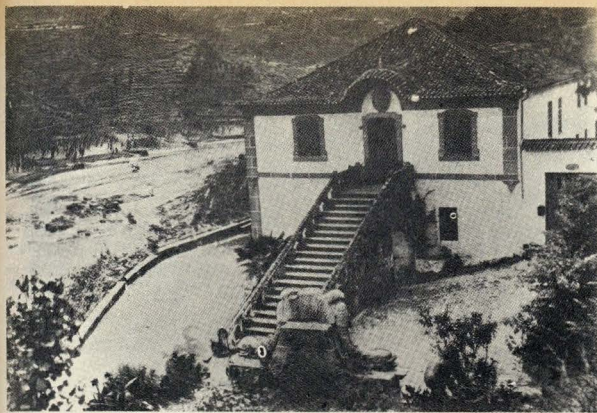
Rijo de ténpera e de ânimo restabelece-se e volta à faina da vida de trabalho, até ser apanhado na roda da aventura em 1846, no incêndio da revolta ateado na Póvoa de Lanhoso, contra a proibição do enterro dos mortos à sombra protectora das naves da igreja. Estala o levante popular de Maria da Fonte.

Recacende-se no coração do guerreiro a chama da luta.

E aí está a apresentar-se à junta do Porto fardado e equipado



A casa onde residiu José do Telhado, logo após o seu casamento



Casa de Carrapateo — 50 metros acima do nível do Douro

à sua custa e montado num bom ginete.

Não tarda, como sempre, a dar nas vistas e o visconde Sá da Bandeira, que o nota, escolhe-o como ordenança.

Em tão boa hora o fez que em Valpaços fica a dever-lhe a vida. Três soldados inimigos pagam com a morte a tentativa de derubar o visconde.

José Teixeira só, numa arremetida de fúria, leva-os a todos de vencida. Esse feito vale-lhe a Torre e Espada, recebida das mãos do próprio Sá da Bandeira.

Mas a intensidade da luta preocupa a Inglaterra, a França e a Espanha e as tropas espanholas do general Concha, invadem o País e em Junho de 47 é assinada a Convenção de Gramido, que repõe o ordem.

José do Telhado volta para a terra para encontrar o lar derrotado de dividas contraídas para ajuda da causa.

A encruzilhada

Os homens importantes de Sobreiro esquecem ódios antigos e o administrador e o regedor acarinam o herói e oferecem-lhe o lugar de guarda do Contrato dos Tabacos que lhe permite recuperar com o trabalho os bens perdidos e educar os cinco filhos.

Este é o período de ficção deste relato.

A ter sido verdade nós não poderíamos oferecer-vos a biografia dum bandoleiro famoso. José do Telhado teria sido apenas um José Teixeira ignorado soldado de Lanceiros 2 da rainha, por último ordenança do visconde Sá da Bandeira, condecorado com a Torre e Espada.

O período que escrevemos foi apenas a esperança de um homem que a relatou a Camilo Castelo Branco quando foi seu companheiro de cárcere. A estrada do bem encontrou para José Teixeira, um sinal de sentido proibido na resposta ao seu desejo de trabalho. —Emprego no Contrato dos Tabacos? Balas e cacete, é o que ele merece!

A quadrilha do irmão

Vedado um caminho, resta a Zé do Telhado a estrada aberta por seu pai e continuada pelo

irmão como capitão de ladrões.

A quadrilha adopta-o e aceita os seus conhecimentos adquiridos na guerra, em gopes de estratégia.

Mais; elege-o chefe por aclamação e recruta novos elementos para melhorar a estrutura do bando.

Aderem homens de Amarante, Penafiel, Felgueiras, Baião, Marco, Soalhães, Lousada e outras terras à volta.

E os golpes sucedem-se com certo objectivo e retirada pronta, antes da resposta das forças da ordem.

Segundo elementos colhidos, em relatos dispersos e processos pequenos —visto o principal ter levado sumiço —por cronistas da época, vamos analisar os principais:

Os crimes do José do Telhado

A estreia

O assalto à casa de talhos

12 de Dezembro de 1849. Freguesia de Maceira, comarca de Lousada. Casa de Manuel da Costa (Nota: segundo Camilo, Maciel da Costa, mas parece ser erro de Camilo na transcrição, pois o processo organizado em Lousada da como nome exacto Manuel da Costa).

As 8 da noite é escuro de noite fechada.

A tempestade e a névoa carregam o ambiente já de si pesado. A quadrilha move-se com cautela na direcção da casa, empapados nos arbusos, a chuva escorrendo das capás e pingando dos chapéus desabados para os olhos.

Os caes da casa dão o alarme, em latidos de mau presságio. Alertado pelos animais Manuel da Costa, desde ao quinteiro armado de um pau.

Perscruta as sombras e apura o ouvido. A chuva cai forte, e patinha na lama, dando indicações seguras da sua aproximação aos ladrões que o esperam para acometê-lo de surpresa.

Cai na armadilha mas reage, a varadas com valentia, agarrando um dos assaltantes pelo pescoco.

Se fora um só, ficava-lhe às mãos. Os dedos nodosos apertam com força, mas é obrigado a soltá-lo quando a coronha da arma de outro o abate junto do olho direito.

Tomba ensangantado, com os dentes quebrados por outra pancada certa. Já vem em socorro dos seus gritos o criado Joaquim Ferreira.

—Aqui-d'el-rei! Ladrões!

As palavras morrem-lhe na boca, amordaçadas a murro e a bofetões.

A desproporção é enorme. A quadrilha já então é grande, e alguns actuam mascarados.

São estes que amarram o criado com cordas fortes reduzindo-o à impotência, e calando-o com mordacões. Talvez desnecessárias pois o medo to,he-o de vez.

Manuel da Costa é levado à frente da quadrilha para indicar onde esconde as rasas (!) recheadas de peças de ouro.

O proprietário lamuriendo e amedrontado, nega a existência do ouro, mas entrega «9600 réis em dinheiro e objectos no valor de 60 mil réis».

Ao longe ouvem-se os gritos do povo que se aproxima gritando «A-d'el-rei» e disparando trabucos (?). A fuga é rápida.

A noite voraz é cumplice dos ladrões, tragando-os nas trevas, e apagando-lhe os rastos nas bategas de chuva que fugiram as serranias. O processo crime de Lousada não identifica os «presumidos saateadores», muito embora na boca da população se arroem os nomes de «Zé do Telhado», do lugar de Caide, António Silveira, da Senhora da Aparecida e Manuel do Couto, de Lamas a quem uma vez «foram apanhadas duas cavalgaduras roubadas e que, sendo casado, sustenta duas amigas, sem tratar de modo de vida».

A 4 de Agosto de 1850, são passados contra eles mandados de captura que não resultam porque os dois primeiros indigitados se escaparam para o Brasil, na barca «Oliveira».

Sabemos que José do Telhado se apresentou no Rio de Janeiro ao cônsul-geral, vindo a empregar-se como carpinteiro.

Passa depois a Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre obtém passaporte para Santa Catarina, visando-o em S. José com destino a Sorocabo em Março de 1851.

Nada sabemos de como se processa o seu regresso a Portugal, mas não é difícil apontar à saudade as responsabilidades do retorno.

27 de Novembro de 1857

O assalto previsto nessa noite é à casa do padre António Campelo de Araujo em Torna-o-Rego freguesia de Valadares.

Na véspera José do Telhado faltara para dirigir a quadrilha e ninguém se atrevera a perpetrar o assalto sem o chefe a organizar.

Joaquim Teixeira como antigo chefe não se sentia já com qualidade para substituir o irmão.

E depois quem?

Manuel Coelho «O Glórias»? João Pinto «O Pichorra», ou João Morais, «O Enjeitado»?

João Soares «O Pedreiro» ou Queirós de Campelo, eram capazes de apontar um trabuco ou varar

uma cabeça inimiga, mas não tinham inteligência a para tomar decisões.

O ponto de encontro — Venda do Pinhão.

Dois guias apalavrados, para os guiar e o próprio procurador do padre que se bandeara com e.es na esperança duma colheita rápida de espólio. Mas os dois guias falham e Queirós de Campelo, o de Riba Tamega, aivtra para não «perderem a noite...»

— E se nós fôssemos a Cadiade? Há ali soberanos aferrolhados pelo dr. Fabricio, que chegam para todos nós... e sobram!»

Os aplausos são garantia de apoio. Só falta o aval do assentimento do chefe que se sente indisposto pelo assalto frustrado por ausência dos guias.

Interroga Queirós.

—Tu conheces a casa?

—Como os dedos da minha mão!

Um cravar de esporas, um gesto largo de comando a apontar a marcha e a coluna a movimentar-se por entre gritos vibrantes. Na aproximação da casa, sienciam-se animais e suspendem-se respirações.

Só ao chegar às portas da residência há ordem de ruído.

Barulho surdo de machados a arrancar lascas fortes da madeira de carvalho contra a qual arremetem.

O dr. Fabricio e os criados acordam, gritando na esperança de auxílio, mas entretant defendem-se disparando tiros através do primeiro rombo da porta principal.

Os ladrões ripostam, e o tirotole arranca do sono o povo que acorre, trepando num alarido aos socorros onde se alcandora a residência do dr. Fabricio, em Santa Marinha do Zêzere.

José do Telhado, aprendera na estratégia militar que o recuar a tempo era tática mais segura que resistir em desvantagem.

Disparam em resposta mas afastam-se rapidamente vociferando insultos pela noite adentro, sem que alguém se atreva a dar-lhes caça.

Entre este assalto gorado e o da Casa do Carrapateo medeiám alguns meses, que a quadrilha aproveita para desferir assaltos inesperados a malas-postas e a almocreves.

Surgem rápidos, conduzindo as montadas através da serra escarpada, caindo na estrada como dedos enclavinhados de uma mão gigante que se abate na presa com garras aguçadas de aspereza astuciosa.

As pistolas apontadas são argumento mudo mas convincente e os traseuntes pagam o tributo, felizes por lhes pourarem a vida.

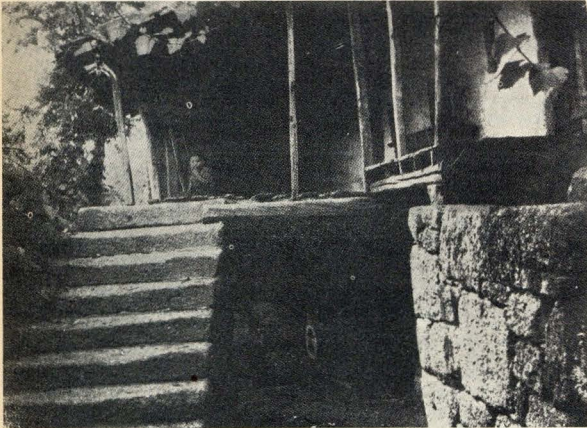
José do Telhado, começa a dar colorido próprio de saltador bondoso a aterar desequilíbrios notórios de balança das riquezas.

Apodera-se de uma junta de bois de lavrador rico e entrega-a a pobre que lhe falta gado para esventrar as magras leiras.

Aqui ou ali fica esquecida uma bolsa de p.e.e com moedas que mudam de mão, ou ajuda certa a pagar principescamente o aboletamento de esconderijo ocasional.

Abrem-se-lhe residências para obter o tributo dos favores de isenção da sua lista de assaltos, ou chegam-lhe notícias a tempo. de

JOSÉ DO TELHADO



A casa de José do Telhado, em Caide

emboscadas das forças da ordem, na esperança de recompensa abastada.

E José do Telhado, cresce na fama e na lenda, figura varonil recortada no horizonte das montanhas.

Silhueta escura, empertigada na sela de corcel bravo.

A casa de Carrapatelo

3 de Janeiro de 1852. Dia de feira no Marco. Mistura de gentes no afã do negócio e da aegria capitosa dum copo de verdasco.

José Teixeira das Fragas, coelho de Fandinhães, afoga no cangirão, a máguia do último enterro.

O morto, aliás, era seu padrinho, fidalgo e usufrutuário da Casa de Carrapatelo. «Mais de 30 mil cruzadas em ouro...»

O companheiro de Fragas arregala os olhos, falcando cobiça.

— Se calhar...

A troca de olhares é facto mútuo de assentimento em contrato do diabo.

E a palavra «assalto» começa a ecoar no «telégrafo» vozeado da serra que pode chegar ao Zé do Telhado.

Leva cinco dias a preparar tudo. Os homens da família de luto, hospedados em Carrapatelo, começam a regressar a suas tasas; são desnecessários riscos.

Estudam-se planos, architectam-se conjecturas de pormenor.

Para os molossos de guarda reservam uma surpresa astuciosa, enquanto se tomam posições cautelosas de cerco.

Escorrem lentamente pelas faldas da serra, através de caminhos de cabra, desaguando para a casa do Carrapatelo. António «Pedreiro» e mais dois armados de escopeta e com cadelas de caça, presas, são guarda avançada.

Da capela de S. Brás, quartel-general previsto, de onde se há-de armar o bote sobre a presa, avista-

-se a casa, encastoadá na serra. Falta apenas chegar a cúmplice dilecta da quadrilha — a noite.

A hora preferida do fechar de trevas de Inverno.

Os contornos empastam-se, os sentidos adormecem, o calor das achas das lareiras, cria sombras cúmplices nas paredes com as capas e os chapéus dos salteadores que começam a movimentar-se sem perigo.

António Morgado e José dos Santos «Taberneiro» já atingiram o «pátio grande», em frente ao quintal das laranjeiras.

O Manuel Morgado e o Vinagre, que seguram agora «a arma secreta» das cadelas de coelho, postaram-se à esquerda fora da cancella.

José do Telhado e os restantes ondeiam entre os molhos de vides, evitando as folhas secas, caídas da parreira, em direcção à porta da cozinha.

Dentro de casa, os criados ca-beceiam um terço à lareira junto dos cães que rosnam a disputa dum resto.

São estes que se apercebem primeiro da presença humana fora da porta, e acometem para ela ladrando furiosamente.

Perde-se a conta das ave-marias no arregalar dos olhos esbugalhados de terror. Entre os criados, João Carvalho o mais temerato, entreabre a porta esboçando um «Quem é?».

A resposta cai-lhe seca numa coronhada certa de pistola que o abate inerte, enquanto as cadelas de caça no cio irrompem na cozinha, dengosamente em manejos de prostitutas a tentarem os molossos, que aceitam os convites com o apetite aguçado.

As criadas benzem-se numa prece muda.

— Seja o que Deus Nosso Senhor quiser!...

A quadrilha irrompe de surpresa. José do Telhado, à frente, faz uma reverência cortés, perante a dona da casa que ocorre ao alarido, ladeada pela filha e pelas visitas.

Dá as boas-noites e identifica dona Ana Vitória pela altivez do porte assustado.

No entanto certifica-se: — Fidalgo?

Dona Ana Vitória, levanta o queixo como resposta.

— Eu sei que o fidalgo deixou à fidalga 30 mil cruzados. Vim buscar esse dinheiro e o mais que houver a dentro de portas...

— Não tenho em casa esse dinheiro. Mas entrego o que possuo...

José do Telhado acompanha a fidalga ao quarto para receber o espólio. E aí lhe entrega dona Ana Vitória, 200 mil réis em moeda, um cordão de ouro, colares em pedras e outras jóias.

Na cozinha soa um tiro. É João Ribeiro que acaba de abater o criado ferido sem razão aparente. Só porque este se levantara do banco para lavar a cabeça donde escorria sangue.

José do Telhado aproveita este episódio sangrento para dele tirar efeito intimidativo. Como a fidalga continuasse a declarar não haver mais dinheiro em casa, ameaça matar todos como sucedeu ao criado.

Os salteadores armam os trabucos e as mulheres ajoelham rezando.

Uma das criadas fraqueja e dá a pista do dinheiro escondido. José do Telhado deixa homens de guarda e vai em busca do tesouro, quando dona Ana Vitória lhe pede protecção para a filha e para as amigas que recela sejam ultraja-

O cerco das autoridades

Não é possível deixar mais tempo as populações aterradas, e as casas grandes sem protecção.

As autoridades administrativas e judiciais, aconselhadas, escutam, organizam as suas forças para o embate final.

A medo de represálias, surge a denúncia.

«Na Eira dos Mouros, em Figueiró, a dois passos da Estalagem da Senhora de Aparecida, José do Telhado reúne a quadrilha.»

O comando dum destacamento de Infantaria é dado ao tenente graduado Carvalho e Sousa.

E a força prepara-se para o golpe de misericórdia. O número de homens do destacamento é incomparavelmente superior, mas a astúcia e o conhecimento do terreno militam a favor dos bandoleiros.

Alertados pelas sentinelas, organizam-se em linha de fogo encaixando o antigo lanceiro da rainha, saltando para o dorso da água lhes grita, disparando as pistolas certas.

— Procurais o José do Telhado? Sou eu!

Dos coldres da montada saltam duas novas armas de carga mortífera, enquanto o espanto dos militares mina a confiança na vitória. Surgindo aqui e além os bandidos aparecem de onde menos se espera, disparando certos e os soldados regulares desobedecem às ordens e batem em retirada.



Casa da Quinta — onde funcionou o tribunal em que foi julgado José do Telhado

das pelos restantes membros da quadrilha.

O bandoleiro acede cavalheirescamente e fecha-as num quarto, montando guarda à porta e guardando a chave no bolso.

E daí que são libertadas muito depois, por um casal de criados que se esconda, desde o início, no forno de cozer pão.

São eles também que após se terem assegurado de que a quadrilha partirá há muito, vão participar ao regedor e a cruz do juiz.

Longe dali, na cruz das Mantedeiras partilha-se o saque, e desce acto se transmuda o nome do sítio para «Cruzeiro das Partilhas».

perseguidos por homens habituados ao labirinto dos caminhos e das trilhas irregulares da serra.

Nem o facto de terem conseguido prender dois homens do bando lhe serve de escudo. José do Telhado vai-lhes no encaixo e apanha-os na Estalagem Nova.

Liberta um dos prisioneiros que está são e acaba com o outro para não o deixar à retaguarda e poder falar.

São mais alguns ataques infrutíferos, que o despalante de José do Telhado transforma em lenda de invencibilidade, que achincalham os adversários e atemorizam as gentes.

Mas este também se sente aco-



é tudo... tudo laranja!

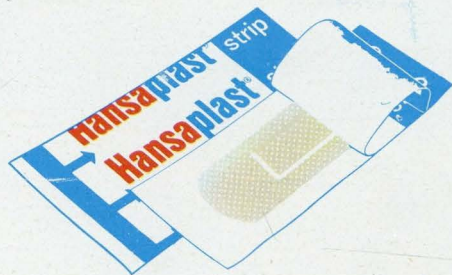
Schweppes

Pasteurizada • Sem Corantes • Sem Conservantes



um
"homem"
nunca
chora

...Põe o penso Hansaplast® e ... pronto!



Rápido, lavável e da cor da pele
o penso

Hansaplast® strips
e p'ra miúdos e graúdos

"A LUA VAI-SE POR UMA ESCADA DE DÓLARES"

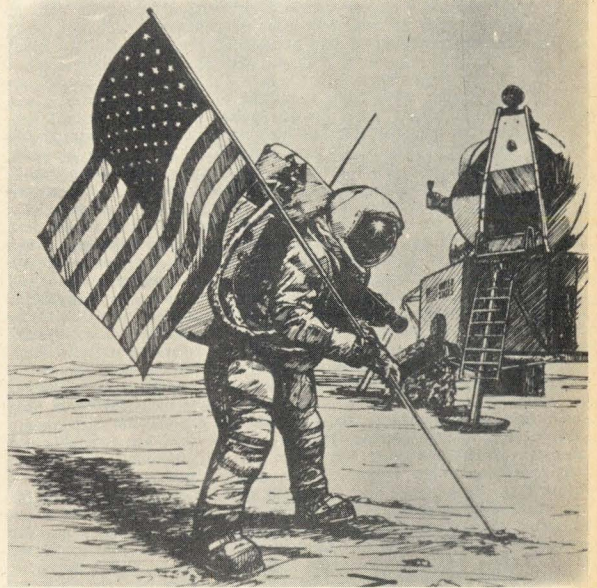
Um homem colocado ao lado daquele foguetão parece mais pequeno que uma formiga. É um foguetão de tal modo ciclopico, que a lua altura equivale à de um arranha-céus de 36 andares o seu tamanho ao de um saia de 7 metros por 7. Cheio de combustível, pesa 3 mil toneladas. Se chegares lá acima por meio de um elevador (eu fi-lo), és tomado de pânico. E disto não te darás conta através da televisão ou quando o oinas do recinto de observação, que é o mais próximo da pista de lançamento: um quilómetro e meio. A torre que o sus-ém, é, da mesma maneira, volumosa, tudo à roda da planície está deserto: tãntam-te os termos de comparação, e só o estrondo que segue o fogo apocalíptico te reconduz à realidade. Depois, a deslocação do ar que te agride como uma bofetada fortíssima. Mas é uma realidade irreal: enquanto ele se dirige para o azul, surgindo como um cometa de fogo cor de laranja, troando como o expodir de mil bombas, nao acreditias nos teus olhos e sentes-te quase ofendido nas tuas dimensões humanas. Ofendido, recordas que, no fundo, é uma bomba, nasceu de uma bomba que se chamava V-2 e não servia para voos no cosmos; servia para destruir cidades, para chacinhar indefesos. Pensa no momento em que partiu para a Lua, a 16 de Julho. A data foi 16 de JUNHO. A hora, 9 e 32 da manhã. O local, Cape Kennedy, na Florida. Teria podido ser Baikonur, na União Soviética: os dois países iam a par, nesta corrida, e parecia até que a vitória seria dos russos. Depois, os russos ficaram para trás, não se soube nunca porquê e, salvo uma surpresa no final, parece que os vencedores serão os americanos. Têm tido fé no empreendimento. «Em 1969 — diziam — desembarcaremos na Lua». E em 1969 desembarcaram: para dar-nos o Grande Espectáculo.

Claro que não mudaremos por isso, do mesmo modo que não mudámos no dia em que a primeira jangada partiu de uma praia, andou pelo mar e aportou a outra praia. Aqueles que ainda vivem como animais esquecidos por Deus — e são eles centenas de milhões — não sabem, sequer, que existe o foguetão Saturno, que se vai à Lua. Se o souberem, diriam o que disseram os dois varedores na vinhetta publicitada há anos num jornal humorístico de Moscovo: «Agora é a tua vez de varrer.» Quanto àqueles que sabem e compreendem o seu significado, não nos iludamos. Os homens continuarão como antes a sofrer, a matarem-se nas guerras, a ofenderem-se nas injustiças e, com a Lua, alargarão o âmbito das suas perfidias e das suas dores. Mas alargarão também os campos da sua inteligência, da sua curiosidade, da sua coragem e, se as cidades não se materializarem, pode também acontecer que o Grande Espectáculo se transforme numa boa aventura. Sem dúvida, as cidades são profundas. A primeira é que um microscópico germe lunar invada a biosfera e contagie o género humano, os animais, as plantas, a água, sem que a natureza e a ciência saibam defender-se. A morte física, em suma. A segunda é que a tecnologia passe a governar e adormeça os nossos corações, os nossos cérebros, transformando-os em «robots» incapazes de fantasia, de sentimentos, de revolta. A morte espiritual, em suma. A terceira é que tudo se reduza a um acontecimento jornalístico, um «show» televisivo, por detrás do qual não há nada além de um dado científico para fazer ganhar quem já ganha demasiado. A morte moral, em suma. Por destino ou por escolha, embarcamos num empreendimento que pode aniquilar-nos, piorar-nos ou desludir-nos. Mas já não é possível voltar atrás. E aqui reside o lado heróico de toda a operação, o seu blasfemo esplendor, a consequente retórica que sempre a falseou.

A reportagem que se segue pretende ocupar-se do assunto sem retórica, com o relevo que a verdade impõe. Isto é, o resultado de um mês de pesquisas e de quatro anos de contacto com a comunidade que leva a termo a viagem à Lua. As coisas vistas durante aquele mês e aqueles anos não se mantiveram sempre sublimes. Desde o dia em que cheguei a Houston, para escrever um livro, não perdi nunca de vista as personagens de que hoje se fala. Assim, conheço bem o seu mundo, que é um pequeno mundo dominado pelos gigantes do Poder: a General Electric, a General Motors, a IBM, a North American, a Grumann Aircraft, Wall Street, o governo americano com o Pentágono por detrás da porta. E ainda conheço melhor a amarga realidade: à Lua vai-se, afinal, por uma escada de dólares, milhões e milhões de dólares colocados uns sobre os outros durante 400 mil quilómetros, até ao mar da Tranquilidade, com grandes e escuros fins publicitários, financeiros ou políticos. Traduzindo algebricamente a coisa, poder-se-ia dizer que o pequeno mundo de Houston está nas mãos daqueles gigantes e do seu dinheiro, como o homem está no projecto Saturno. Mas ao deserto sem ar a que chamamos mar da Tranquilidade não vai a General Motors, a Casa Branca ou o Pentágono: vão os habitantes do pequeno Mundo.

E os protagonistas continuam a ser humanos: uma reportagem não pode senão partir deles.

E quem são eles? Digamo-lo imediatamente: burgueses da província. Não esperes deles uma inteligência semelhante à responsabilidade que têm, ou uma visão nova da vida. Vivem em casas cheias de conforto: ar condicionado, forno com raios ultravermelhos, aparelho de rádio incorporados nas paredes de cada um dos compartimentos, piscina que se esvazia e limpa automaticamente, dois automóveis. E o seu conformismo é o mesmo de há 50 anos: preocupados por mil obsessões, tábus religiosos, morais, sociais. Sábado de manhã aparam a erva do jardim, sábado à noite vão ao cinema, escolhendo os filmes de Doris Day. Domingo de manhã vão à missa ou aos serviços religiosos da igreja presbiteriana, metodista ou episcopal e domingo à tarde a uma partida de baseball. Segunda-feira de manhã voltam ao trabalho. E a guerra no Vietnam é uma guerra santa, o marxismo é um desaforo, «Che» Guevara era um fora de lei, os negros são indivíduos com quem não deve conviver-se. Aliás, na N. A. S. A. não há um único negro, todos os empregados são escrupulosamente brancos e grande parte dos astronautas são loiros, de olhos azuis. Um ou outro, evidentemente, é mo-



reno, de olhos pretos, e mantém que a guerra do Vietnam não devia nunca ter existido, que qualquer negro deveria estar na N. A. S. A. Mas pertencem a uma minoria infeliz e contida pelo medo. Um gesto desastrado e perdes a Lua. É melhor calar ou mentir.

Talvez que os homens que primeiro se apoderaram de outras praias não fossem melhores, e talvez fossem até piores. Mas certos raciocínios não te consolam quando ultrapassas as cancelas da N. A. S. A. e acabas por concluir que as criaturas mais humanas ali dentro são os patos que estão no pequeno lago e dois tentilhões que fugiram da gaiola de plástico em que os fechara uma secretária. Nos trabalhos ultranacionais, não encontras nunca tipos entusiastas e ansiosos de aventura: encontras só páldias larvas obedientes, que olham a Lua com indiferença empedernida, insensibilidade de computador. Há um canal na N. A. S. A. que durante os voos espaciais permite ouvir o diálogo dos astronautas com o Centro de Orientação e, por isso, em qualquer sala em que estejas, chovem por cima de ti as vozes dos astronautas que voam no cosmos: longínquas, dramáticas. Ao ouvi-las, sentirias calafrios, juro. Mas ali ninguém as ouve. E ninguém sente calafrios, ninguém se espanta, ninguém sonha. O sistema transformou-os em apên-

diças do foguetão Saturno, da cápsula Apolo, do veículo LEM. «Vamos à Lua, e depois? É uma conquista natural da técnica». A tecnologia já deu aqui os seus frutos, e, por isso, mais do que com os navegadores ou cientistas, parece-te, muitas vezes, estar a entrevistar frios empresários teatrais.

Eis, então, que se inicia o primeiro espectáculo. Com os seus actores, os seus comparsas, os seus autores, os seus técnicos, a sua peça, as suas angústias interrogativas, o seu absurdo comovente. Torna-se comovente quando penso que o homem, colocado ao lado daquele foguetão, pareça mais pequeno que uma formiga.

Quem é o primeiro homem que desembarcará na Lua

É Neil Armstrong, que em português quer dizer Braço Forte, e que conta 39 anos. Mas o nome não lhe assenta bem, sobretudo por causa do rosto, que é dominado por um nariz arrebitado, desagradável, e uma boca de mealheiro, em que o lábio superior é invisível, por demasiado fino. As faces são infantis, rotundas. Os olhos são pequenos, azuis, e raramente se fixam francamente nos teus. A pele é rosada, lentiginosa. Os cabelos são loiros, cor de cenoura, curtíssimos. E também se analisarmos o corpo, que é longo, robustecido pelos fatigantes treinos ginásticos, conclui-se que tudo, nele, é decididamente antipático. Eu, quando o conheci há três anos e meio, senti-me repelida, e muita gente me disse ter sentido a mesma coisa. Para isto também contribui a sua timidez, que é enorme, e que ele combate tornando-se arrogante. Por um nada, cora, labaredas de calor sobem-lhe do pescoço às temporas, onde as veias incham formando cordões arroxeados, e sempre que isto acontece Neil Armstrong enfurece-se e quanto mais se enfurece mais se torna grosseiro. Então, para remediar, sorri. Mas é um sorriso tão pálido, tão forçado, que apenas serve para complicar as coisas, aumentar o seu embaraço, que se traduz numa voz estridente, como a voz de uma mulher irritada. Há qualquer coisa de efeminado em Neil Armstrong; de indefeso, de frágil. Declara um seu amigo: «Claro que lhe agradam as mulheres. Mas não ousaria nunca ir mais longe. A sua única mulher é a sua esposa. Como encorajaria coragem para arranjá-la? Não encontrou: foi Janet que o conquistou. Janet tem um temperamento viril.»

Tal premissa não deve enganar-te, induzir-te a acreditar que Neil Armstrong esconda um felício doce. Qualquer pessoa to descreverá como «a cold, calculating guy» (um tipo frio, calculista). O seu modo de pensar e de viver é rígido como uma operação aritmética, tudo nele é calculado como dentro de um computador, e entre os 52 astronautas americanos, ele é aquele que possui, mais que nenhum outro, as virtudes do «robot». Quer dizer: ausência de paixões, ordem e lei, orientação, nenhuma fantasia. Se a Humanidade do futuro for um exército disciplinado de criaturas asépticas, cérebros electrónicos, Neil Armstrong é já o futuro. Nada o interessa além de voar, de conhecer as máquinas que servem para voar. Nada o seduz além da técnica necessária para andar na Lua. E a própria Lua, para ele, não é senão um instrumento para explicar aquela técnica. Ficarás a saber pela sua biografia que aprendeu primeiro a guiar um avião que um automóvel, que se tornou rapidamente em engenharia aeronáutica, que se tornou rapidamente piloto de provas e que, fora disto, não faz mais nada. Nunca leu um romance, uma poesia, nunca admirou um quadro, nunca foi a um concerto, nunca teve uma ideia política, não mostrou nunca que lhe agradasse outra coisa que não fosse uma hélice ou um reactor. O seu único «hobby», aquele a que dedica todos os domingos, todas as férias, sabes qual é? O voo horizontal. De modo que falar com ele é um sofrimento que roça o pesado. Eu, que o tenho visto muitas vezes durante estes anos, não consegui nunca estabelecer um contacto que se assemelhasse a um contacto humano, nunca consegui arrastá-lo a um instante de cordialidade, de curiosidade, de calor, a menos que pronunciasse as palavras Mercury, Gemini, Apolo, LEM. Suponho que vale a pena reproduzir aqui a entrevista que tive com ele em 1966 e que começou com a minha exclamação: «Que linda coisa, sr. Armstrong, o sr. não é um militar!» — porque me tinham dito que não era militar.

— Venho da N. A. S. A., onde era engenheiro electrónico e verificador de «jet». Não faz, portanto, grande diferença. Quero dizer que, quanto a disciplina, tenho a mesma que os outros e, para andar no espaço, serve, antes de tudo, a disciplina. Aliás, não escolhem os militares por serem mais adaptáveis que nós, burgueses: escolhem-nos porque são mais numerosos, tornando-se, portanto, mais fácil a selecção. Dos militares sabe-se tudo, até a que ponto pode ter-se confiança. Mas também sabiam tudo de mim: estou há uma porção de anos na N. A. S. A.

— No entanto, deve ter sido uma grande satisfação tornar-se astronauta.

— Não sei. Mas deixe-me pensar...

— Não tinha ainda pensado?



Neil A. Armstrong

— Para mim, foi uma simples transferência de um serviço para outro. Estava num trabalho e puseram-me neste. Dá sempre prazer mudar. Mas um trabalho ou outro, é o mesmo: eu não tenho ambições pessoais. A minha única ambição é contribuir para a realização deste programa. Não sou um romântico.

— Nenhum gosto pela aventura, portanto.

— Por comodidade. Eu odeio perigo, especialmente quando inútil, e o perigo é o lado mais irritante da nossa profissão. O mais estúpido. Como pode transformar-se em aventura um normalíssimo caso de tecnologia? E porque se arrisca a vida guiando uma astronave? Tão ilógico como arriscar a vida usando um perfurador eléctrico para fazer um buraco. Não deve haver perigo nisto e não deve ser perigoso guiar uma astronave. Uma vez aplicado este conceito, o discurso sobre a aventura cai. Sómente gosto de andar lá em cima por andar lá em cima...

— Eu, sr. Armstrong, conheço quem andaria lá em cima sabendo que não voltava, só pelo prazer de andar lá em cima...

— Entre os nossos astronautas?

— Também entre os vossos astronautas.

— Não admito. Se o admitisse, seria um garoto. Não um adulto. Eu sou um adulto.

— Sr. Armstrong, desagradar-lhe-ia não ir à Lua?

— Sim, mas não faria disso uma doença, não tomaria isso como uma ofensa. Não compreendo, veja, aqueles que anseiam tanto ser os primeiros. São disparates, criancices, restos de romantismo, indignos de uma época racionalista, na qual vivemos. E não admito que aceiteisse ir à Lua, desconfiado de que não voltaria. A menos que fosse tecnicamente indispensável. Quer dizer: experimentar um «jet» é perigoso mas tecnicamente indispensável e, por consequência, entre o morrer experimentando um «jet» e morrer na Lua, escolho morrer experimentando um «jet». A senhora, não?

— Eu não. Perante um tal dilema, escolho imediatamente morrer na Lua. Ao menos vejo a Lua.

— Criancices, disparates! Morrer na Lua para ver a Lua! Se se tratasse de ficar um ano ou dois, talvez... Não sei. Não, não, seria um preço demasiado elevado, por irracional. Oh! se conseguíssemos libertar o campo, das fantasias sobre esta Lua! Basta de sonhos!

— Sr. Armstrong, esteve na guerra?

— Sim, na Coreia. Setenta e oito missões de combate.

— Sr. Armstrong, tem filhos?

— Sim, tenho dois. Deveria não ter filhos, na minha idade?

— Sr. Armstrong...

— O tempo passou. Devo regressar à centrífuga, para treinar-me nas outras forças de gravidade.

— Não o invejo, sr. Armstrong.

— Sim, é irritante. É talvez o que eu mais detesto. Mas tecnicamente é indispensável. Fiz-me compreender?

— Sim, tecnicamente indispensável.

— Então, bons-dias.

— Bons-dias.



Edwin E. Aldrin, Jr.

Compreendes que tipo ele é? Uns dois anos mais tarde pareceu-me ouvi-lo, num bar, falar da guerra na Coreia. Preparei os ouvidos para compreender o que a guerra tinha significado para ele: a guerra deixa sempre uma marca nos homens, abala sempre os seus sentimentos. Pois bem: falava do dia em que a artilharia da Coreia do Norte o havia ferido, logo que o avião tinha perdido governo. Mas ele conseguira fazê-lo subir, accionando não sei que instrumentos, aproveitando não sei que técnica especial que estudara noutra altura: «a tal velocidade é possível, a tal não, pois depende da tangente». Mas o motor não tinha vertical e ele fora obrigado a abandonar o avião, a saltar. O interessante é que tinha saltado sem se encontrar na posição horizontal e o aparelho funcionara da mesma maneira. Assim, caíra em território inimigo, dentro de uma arrozal, mas um helicóptero recuperou-o, porque a rádio funcionara excelentemente...

A guerra, para ele, ficara como uma experiência técnica, uma ocasião preciosa para voar, e o facto de ter arrasado aldeias inteiras, cidades, morto Deus sabe quantas pessoas, não o tocava. E não julgues que se trata de uma opinião minha, uma opinião pessoal. Os que conhecem Neil Armstrong confirmar-te-ão que ele fala assim da guerra, que daquelas 78 missões de morte não guardou um único pensamento que não fosse composto de números, equações, fórmulas: a sua consciência nunca se interrogou quanto a ser ou não justo lançar a bomba a latitude X, altitude Y, nunca se perturbou com a ideia dos mortos que causava. E depois de haver descrito o funcionamento do «jet» perdido no arrozal, ele descrever-te-á, rapidamente, as virtudes dos F-100, dos F-101, dos F-102, dos F-5-D, dos B-47, dos B-52, até ao sublime X-15 que voa a 6 mil quilómetros à hora. Ele é um especialista dos X-15, e não se deve esquecer que o famoso piloto de provas dos aviões — Joe Walker — definiu Neil Armstrong como «o melhor piloto dos X-15 que jamais existiu». Talvez que, falando-te dos X-15, te diga que a mulher, quando ele voava nos X-15, subia ao telhado para vê-lo melhor, porque a mulher é como ele: dos aeroplanos, dos astronautas, órbitas lunares e terrestres, sabe tanto como ele. E também assim Eric e Mark, os dois filhos. A conversa em casa dos Armstrong é uma orgia de tecnologia... Até a árvore de Natal lhe põe problemas de iluminação eléctrica, de baterias. Aliás, Neil Armstrong é o único astronauta que não acredita em Deus. Pode acontecer que a N. A. S. A. negue, daqui em diante, porque o facto poderia desagradar ao público, mas, na sua biografia, Neil Armstrong responde à pergunta: «A qual religião pertence?» — com a palavra: «Nenhuma». Alguém que o conhece bem disse: «Mais do que ateu, defini-lo-ei como agnóstico. Tomar posição sobre um tal argumento é uma fadiga supérflua para Neil. Julgo que Neil não acredite em Deus por uma razão bastante simples: Deus não é um avião...» E por isso uma semelhante análise da sua personalidade é excessiva. Para explicar Neil Armstrong basta, no fundo, dizer que ele é o típico americano criado entre o baseball, futebol, «hamburgers», «hot-dogs», coca-cola, «chewing-gum», comodidade e miséria de um mundo sem passado e sem cultura. Que é como quem diz: sem alma. Ele nasceu em Wapakoneta, em Ohio, uma cidadezinha colonizada pelos alemães no século passado,

e pertence à geração do pós-guerra americano. Isto é, uma geração que, da guerra, não sofreu traumatismos, e no pós-guerra gozou todos os privilégios de uma América vitoriosa, rica, esbanjadora. O privilégio de frequentar a Universidade, seja qual for a classe social a que pertenças, o privilégio de ter dois automóveis para a família e o congelador, além do frigorífico, e as férias em Haval. A nós, a guerra deixou-nos as casas destruídas, parentes mortos, fome, desânimo e, muitas vezes, vergonha. A eles deixou as vantagens económicas de uma tecnologia evoluída.

Disse Julien Scheer, chefe das relações públicas da N. A. S. A., em Washington: «Neil nasceu em 1930 e todos os americanos dos anos 30 se parecem, a sua formação mental e psicológica é idêntica. Sólidos e smpórios, conformistas e enfadonhos, agrada-nos pensar que sejam o melhor da América: que seja verdade ou não, é outra coisa. O que é certo é que representam uma América feliz, porque na América a felicidade é viver bem, e representam igualmente uma América sem poesia. Não esperemos nada de excepcional de Neil Armstrong quando sair do LEM para caminhar sobre a Lua, não tenhamos a ilusão de que o seu espírito albergue pensamentos profundos. O que ele pensará é: «Devo regular o meu Life Support System». Quer dizer: o aparelho que regula o oxigénio.

Disse o dr. Berry, médico dos astronautas: «Não, não espero, realmente, frases memoráveis de Neil Armstrong ou de Buzz Aldrin. São dois pedaços de gelo envolvidos completamente na sua capacidade técnica. O máximo que conseguirão dizer é: «Fantástico!» E, no regresso, esteja certa de que não escreverão poesias. Se fossem capazes disso, aliás, não iriam à Lua. E, sobretudo, não regressariam.»

É mais ou menos esta a opinião da mulher de um astronauta que irá à Lua num voo seguinte: «Meu marido é um «robot». Não era, quando casei com ele. Mas tornou-se, nestes últimos anos, ao treinar-se para a Lua. Compreendê-lo foi um grande desgosto para mim e, ao mesmo tempo, um alívio. Se ele não fosse assim não o veria mais. Precisa de ser um «robot» para ir à Lua e regressar à Terra.»

E Jim Malosey, repórter espacial, conta: «Há anos, Neil, Aldrin e Collins treinavam-se no golfo do México para as operações de amarar. Estava uma manhã esplêndida, de um azul que perturbava o coração, e com nuvens que faziam nascer o desejo de escrever uma sinfonia. Neil, imóvel, de cabeça baixa, estava a estudar certos diagramas. Chegou um passarinho e, chilreando, posou-lhe num pé. Sem levantar os olhos, sem mudar de expressão, Neil mexeu o pé e enxotou-o. Tive vontade de lhe bater. Mas depois pensei e disse a mim próprio: «Talvez que e.e tenha razão. Se se apercebesse dos passarinhos e das nuvens e do azul do céu, não chegaria a desembarcar lá em cima.»

Há uma dose de verdade em tudo isto: à Lua, de facto, vai-se com os computadores e a matemática e os números, não com sentenças de doçura, ou com a fantasia. Sobrevive-se com o Life Support System, não com a música e com a literatura. E se humanamente a escolha de Neil Armstrong é injusta, historicamente é muito justa, até lógica. Resta ainda que Armstrong não seja o primeiro a desembarcar na Lua. O mundo que a tecnologia nos impõe não é um mundo de indivíduos empenhados na procura do belo: é um mundo de autómatos ordenados para a busca do êxito. E a mais extraordinária das aventuras humanas — a Lua — baseia-se numa colectiva operação aritmética. Quem, senão Armstrong, está mais adaptado para lá ir? Leonardo da Vinci morreu e também Miguel Anjo, Shakespeare e Beethoven: não estupidamente. Em Houston, fizeram-me esta pergunta: «Qual o homem ou mulher que escolheria hoje para o lugar de Armstrong?» E, porque fiquei calada, foi respondido: «Pode muito bem dar-se que, depois de meditar, a senhora chegue à mesma conclusão e escolha Neil Armstrong.»

Eis, num resumo, o retrato do primeiro homem que caminhará sobre a Lua. Nada mais me resta que acrescentar a quantia que ele recebe por isto: 27 401 dólares e 72 céntimos por ano. É o astronauta mais bem pago de Houston.

Quem é o segundo homem que desembarcará na Lua

É Edwin Aldrin, chamado Buzz, que em italiano quer dizer zumbido. Também ele tem 39 anos, também ele tem cabelos loiros. Também ele tem olhos azuis. Fisicamente, distingue-se de Armstrong porque tem o nariz grosso e não cora. É demasiado presunçoso. No entanto, quando o conheci, em 1966, não era. Ou não dei por isso. O encontro deu-se um domingo à noite, em Cape Kennedy, em casa de pessoas ricas, que reuniam à sua volta os astronautas, oferecendo um «barbecue-party»: aquelas recepções onde se cozinham bifes ao ar livre, sobre enormes grelhas, nas bordas da piscina. Aldrin estava sentado no chão, num canto, as chamadas que tostavam os bifes iluminavam-lhe o rosto. Atraíu a minha atenção porque olhava a Lua intensamente, pensativo. Aproximei-me dele e disse: «Um dia irá lá». Sorriu, com um sorriso bastante cordial e respondeu: «Não creio. Somos muitos a querer lá ir». Depois pediu-me que me sentasse ao lado dele. Apesar de ninguém nos ter apresentado, sabia quem eu era: tinha lido o meu livro sobre a viagem à Lua, e, observou de súbito, interessava-lhe a interpretação romântica que eu havia dado e que não partilhava: «Não há nada de romântico na viagem à Lua: é uma simples conquista tecnológica.» Mas quando começámos a conversar, revelou um certo idealismo, misturado com sentimentos religiosos e patrióticos. Por outras palavras: pareceu-me convencido de que a Lua pertencia por direito sagrado aos Estados Unidos da América, encarregados da missão, por Deus, como uma espécie de Pente- 31

costes. «E se chegam primeiro os russos?» — exclamei. «Não é possível. Deus está conosco e não com os russos.»

A resposta deixou-me um pouco perplexa mas desculpei-o dando-me conta de como era fanático o seu ardor religioso: pertencia à Igreja presbiteriana, explicou. Quando estava em Houston, ao domingo à tarde, fazia palestras para as crianças, explicando-lhes o Novo Testamento. E, se com um gesto hábil, não o tivesse encaminhado na direcção dos bifes, na falta das crianças ter-me-ia explicado a mim. Assim, a primeira impressão que colhi de Buzz Aldrin foi a de ser mortalmente enfadonho. Contudo, voltei a vê-lo mais vezes: naquele tempo não era difícil que convidasse paranear para ter companhia. Talvez para evitar as suas lições sobre os Apóstolos, muitos fugiam-lhe, e acabava quase sempre por comer sozinho. Aqui para nós: era mais que justo. Encontrar-se à ceia com Aldrin constituía a experiência menos divertida do mundo: entre outras coisas, não ria nunca. Recordo a noite em que me levou a comer sopa de ostras, num restaurante em Coco Beach. Era um bebedor muito cómico, não se podia olhá-lo sem desatar a rir, mas a boca de Aldrin não se movia nunca numa pregação que denunciava alegria, e enquanto comeu a sopa de ostras continuou a demonstrar-me a metafísica da tecnologia. Fora do campo científico a sua cultura era superficial, feita, suponho, à base de artigos do «Reader's Digest», mas comportava-se como se soubesse tudo de tudo, dava sentenças e informações sobre todas as coisas: erguendo o indicador como um professor que se dirige a uma estudante, um pouco idiota. Como se isto não bastasse, descobri nele a tendência para se julgar um tipo excepcional, o único inteligente numa comunidade de mediocres. Mas inteligente era, devo dizer. Bastante mais que os outros, e educado e gentil. Despertava-me curiosidade por dois motivos especiais. Um era o de ter casado com uma actriz, Joan Archer, que me descrevia simpática e extravagante: as mulheres dos astronautas são sempre donas de casa ou pilotos. O facto de ter por mulher uma actriz não o tornava um pouco diferente? O outro motivo era o de ter um pai a quem os funcionários da N. A. S. A. olhavam com apreensão porque tagarelava muito e criticava demais. «Se Buzz fosse à Lua, o maior problema seria o pai», — diziam em Houston. E de facto o problema existe agora. O pai Aldrin é viado cuidadosamente e um cadeado invisível fecha-lhe a boca e impede-o de dizer a sua opinião aos jornalistas. Mas Buzz falava do pai com muito afecto e da mulher com admiração e ambas as coisas contribuíam para me dar dele o retrato de um autómato imperfeito, uma pequena nódoa no sistema daqueles aldeões disciplinados e obedientes. Mas caiu no meu desagrado no dia em que a conversa versou o tema do Vietname e da Coreia, isto é, a guerra. Esqueci-me, realmente, de dizer que Aldrin é coronel de aviação, estudou em West Point e, como bom militar, acreditava no sacrossanto direito de os Estados Unidos intervirem no Vietname, além de que considerava o facto de não poder bombardear Hanói como o sacrifício mais pesado que podia oferecer sobre o altar da Lua. O desgosto que tal sacrifício lhe causava, era sómente compensado pela alegria de ter lançado centenas de quilos de bombas sobre a Coreia do Norte. Havia completado 66 missões com o seu F-86 e disso estava orgulhoso como da sua medalha. Em suma, ao contrário de Neil Armstrong, a guerra não era para ele uma oportunidade de voar, era um consciente dever para com a bandeira. «Buzz, não pensas nas pessoas que tens morto?» — perguntei-lhe. «Por certo; eram os meus inimigos.» — «Também as crianças das aldeias, Buzz, os velhos, as mulheres?» — «Certamente.» — «E quisesse fazer o mesmo no Vietname e desagrada-te estar aqui?» — «Certamente.» Quando daqui a cem anos, ou duzentos ou mil ou dois mil celebrarmos o desembarque na Lua, faremos bem em recordar que os primeiros dois homens que estiveram na Lua foram dois homens que haviam morto um montão de homens na guerra.

E depois houve um outro caso que me desiluiu a respeito de Aldrin: a história da tartaruga. Esta é menos importante, mas não deve negligenciar-se. Aconteceu quando Stafford e Cernan efectuaram o seu voo Gémeos. Duas noites antes, estava-se num pequeno «party» num motel de Coco Beach, organizado para ele e os amigos. Convidada, ali encontrarei Aldrin. Estava, como sempre, num canto, observando com desprezo os colegas, que bebiam muito e ele não, dançavam desenfreadamente e ele não. Tinha todo o ar de não compreender porque se encontrava ali. Alguém convidou-o, timidamente, e aos outros, para verem uma tartaruga marinha que estava a pôr ovos, o que é muito raro, porque imediatamente a seguir à postura é costume esconder-se, e é também comovedor porque é doloroso para uma tartaruga pôr ovos, como para uma mulher ter um filho. — «Come on, Buzz». (Venha vê-la), insistia. Mas ninguém parecia disposto a sair dali. Era o que eu receava e não me surpreendeu, mas dirigi-me a Aldrin. Aldrin que dava lições sobre Deus e sobre a Natureza. Aldrin que tinha um pai louco e uma mulher simpática. Aldrin que com a sua cultura de «Reader's Digest» sabia tudo de tudo e também sobre as tartarugas marinhas. Não sei porque, e apesar das bombas na Coreia, estava convencida de que ele iria. E realmente nem sequer lhe perguntei, disse-lhe simplesmente: «Então, Buzz, venha». Mas ele não se moveu. E franzindo o nariz com desdém, exclamou: «Wo gives a damn for a damn turtle?» (Quem é que se importa com uma estuporada tartaruga?)

Entretanto, perdi-o de vista, convencida de que as imperfeições do seu automatismo fossem apenas aparentes. E um ano mais tarde não me espantou o seu voo Gémeos fosse uma obra-prima. Durante 5

horas e meia Aldrin permaneceu fora da cápsula, a flutuar no espaço, e durante aquele tempo de recorde amarrava uma corda de aço à Agena, realizou uma experiência sobre micrometeoritos, fez as primeiras fotografias no espaço de um eclipse solar e a fadiga nunca o aniquilou como aniquilara Cernan, como havia aniquilado Gordon. Para Cernan e Gordon a saída dos Gémeos tinha constituído uma falha: o interior do casco tinha-se embaciado, a respiração tornara-se difícil. Mas ouvindo-os, Aldrin dissera: «It's not going to happen to me» («a mim não me acontecerá»). E não lhe aconteceu. Treinando-se durante meses na água, tinha descoberto, sem dizer a ninguém, que no espaço era necessário mover-se com lentidão exasperante, fazendo movimentos quase imperceptíveis. E isto residiu o triunfo do seu Gémeos. Começaram então a chamar-lhe professor, cientista-astronauta, a dar publicidade ao caso. Assim recebeu dois prémios, um em Matemática e Física, outro em Astrofísica, obtido em Massachusetts, no Instituto de Tecnologia. E começou desde então a vê-lo tomar ares importantes, como conta um certo senhor que o convidou para Acapulco. O convite, que era por 15 dias, estendia-se à mulher e aos três filhos, e incluía uma festa em sua honra. A parte a estadia, a festa custou ao dito senhor milhões de dólares. Houve também fogo-de-artifício que subia ao céu representando a cápsula Gémeos e escrevia o seu nome: Buzz Aldrin. Mas durante todo o tempo, Buzz Aldrin mateve-se de costas voltadas, bocejou, resmungou, e nunca lançou uma olhadela, nem mesmo quando a mulher lhe suplicou: «Buzz, olha!» Por fim, aborrecido, levantou-se e no dia seguinte partiu de Acapulco sem dizer sequer «obrigado». «Buzz nunca diz obrigado» — explicou-te-ão em Houston.

De resto, desde que sabe que vai à Lua não diz ao menos boa-noite. A mulher de um astronauta contou-me que alguns dias depois da notícia, encontrou-o num «party» e gritou-lhe alegremente: «Good evening, Buzz!» Ele permaneceu calado e então ela repetiu: «Good evening, Buzz!» Ele continuou calado e pela terceira vez ela disse: «Good evening, Buzz!» Seguiu-se um grande silêncio, depois ele moveu os lábios, e sem desviar os olhos do corpo de uísque, murmurou, soprando: «Evening.» Quanto a mim não me aconteceu melhor. Chegada a Houston, telefonei-lhe para me congratular com a notícia e desejar-lhe felicidades. Respondeu-me uma voz de gelo, mais distante que a Lua, e quando lhe transmiti as saudações de um seu amigo querido, o padre Cargill, replicou: «Padre quê?» Julguei ter pronunciado mal o nome e soletei-o: C, de Carlos; A, de Ana; R, de Roberto; G, de Gabriel; I, de Isidro; L, de Luis e mais um L de Luis. Cargill, Buzz! Padre Cargill.» Ele, depois de um obstinado silêncio com o qual pretendia, suponho, demonstrar-me que, fatigado, procurava recordar-se, disse: «Ah! Cargill. Hum! Julgo tê-lo visto uma vez. É um padre?» A Lua, todos te dirão, deu-lhe volta à cabeça. Ingrato ao acaso que, veremos, o colocou na Apolo-11, está convencido de que vai lá acima por designio divino, por imposição do destino. «The twists and turns of fate drive me there.» (As rotações do destino conduzem-me lá.) Postas de lado as conferências sobre o Novo Testamento, hirtu como um «robot» que não tem nada a invejar a Neil Armstrong, pensa só em treinar-se para não ter um falhanço. E pode estar certo de que o não terá. E uma máquina, no espírito e no corpo. Para exercitar o corpo, colocou na cama uma barra e todas as noites, antes de adormecer, exercita-se desta maneira: apoia o queixo e ergue o corpo fazendo força no queixo.

Eis quem é o segundo homem que irá apresentar-se na Lua. Outros apontamentos: tem 3 filhos, mede 1,70 m., pesa 83 quilos e ganha 18.622 dólares e 56 céntimos por ano.

Quem é o homem que os conduzirá e os trará de regresso

É o melhor dos três, o mais humano e o mais simples. Chamam-lhe Mike Collins e nasceu em Roma, onde decorreram os primeiros doze meses da sua vida e onde o pai, o general James Collins, era adido militar da Embaixada Americana. Como Armstrong e Aldrin estudou em West Point e é oficial da aviação: tem o posto de tenente-coronel. Descende de uma família de militares, ou melhor, de generais. Durante a segunda guerra mundial, seu tio, o general John Lawton Collins, comandava as forças americanas na Europa. E contudo parece tanto um militar como Neil Armstrong um civil. Antes de mais, pela constituição física, não muito robusta, depois pela sua expressão bonachonera. As fotografias brindam-no, às vezes, com um ar de poucos amigos. Mas visto em pessoa é um homem meigo, com um rosto chato e gentil, dois olhinhos quase inocentes. Também este cora por nada, basta cumprimentá-lo para que se torne avermelhado, mas não reage à timidez com agressividade: reage com o silêncio. Em compensação, possui um notável sentido de humor e foi ele quem comentou as palavras pronunciadas por Frank Borman a propósito da Lua, com esta frase: «Frank será o único astronauta do Mundo que depois da amargem atingirá o navio, caminhando sobre a água.» Além disso é o único a confessar um «hobby» terrestre: ao domingo vai à pesca. «Paradoxalmente dizem em Houston — aquele que poderia descrever-nos com reacções humanas a Lua é justamente Mike Collins, que não desce lá all.»

A PAZ ATRAVÉS DO YOGA

É frequente, em determinado centro soviético de treino de astronautas, verem-se jovens oficiais adotando estranhas posições que lhes são indicadas por homens barbudos de pele escura, mestres indianos do yoga. O método é uma adaptação destinada a preparar homens para a idade espacial, não obstante o yoga ser uma ciência antiga. O mesmo acontece nos Estados Unidos. As superpotências estão empenhadas numa corrida espacial e os homens que nela participam têm de ser bem preparados. Todos aqueles de quem depende o êxito de uma missão são iniciados nos segredos da antiga ciência oriental do yoga, atra-

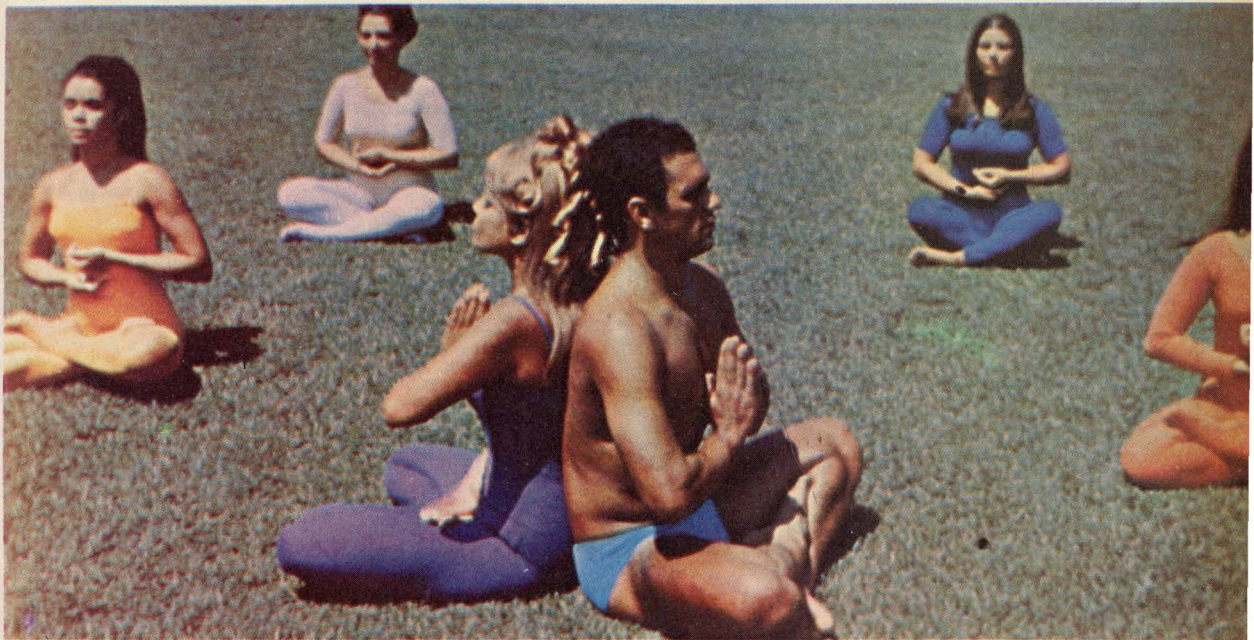
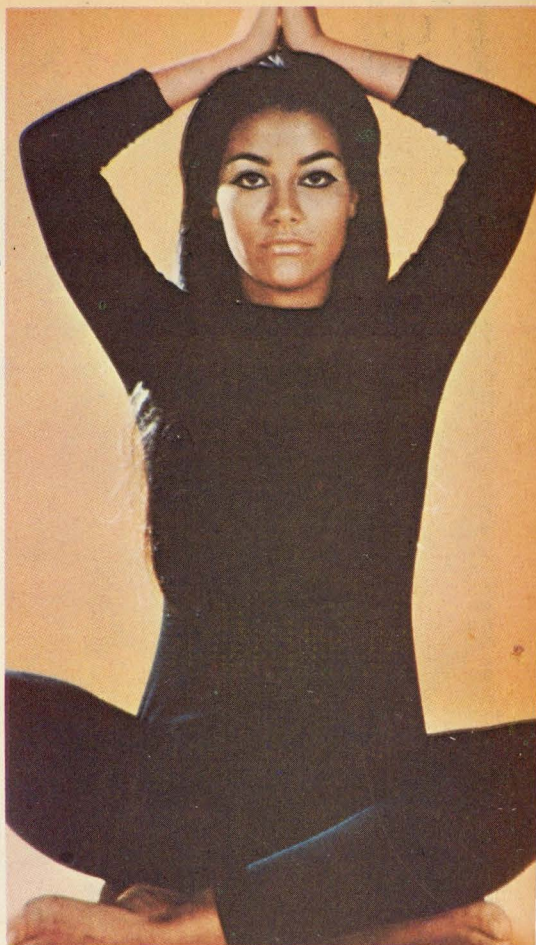
vés da qual cada indivíduo aprende a alcançar a paz interior e a obter completo domínio do espírito.

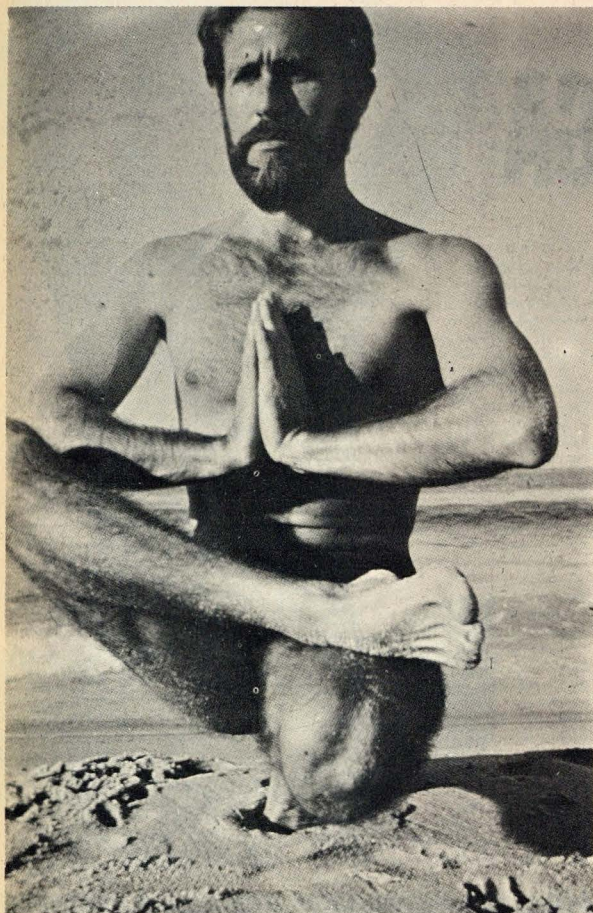
O yoga é um método de vida. Não representa um meio exótico de nos afastarmos do convencionalismo mas simplesmente uma via para alcançar as profundezas da personalidade nas quais cada um poderá encontrar o remédio para as suas tensões.

A palavra yoga significa união. Provém do termo *yuj*, que em sânscrito significa reunir, juntar, formar uma unidade. A forma mais comum desta ciência é o Hatha-yoga. Hatha é um termo resultante da combinação de duas expres-

NO YOGA, O HOMEM É O SÍMBOLO POSITIVO E A MULHER O NEGATIVO. EM POSIÇÕES SEPARADAS OS ADEPTOS REPRODUZEM O SÍMBOLO DESEJADO COM AS MÃOS

«SUKASANA», A POSIÇÃO SENTADA: A RAPARIGA ELEVA AS MÃOS SOBRE A CABEÇA COMO PARA ORAR, ENQUANTO TENTA ELEVAR O SEU ESPÍRITO PARA O UNIVERSO





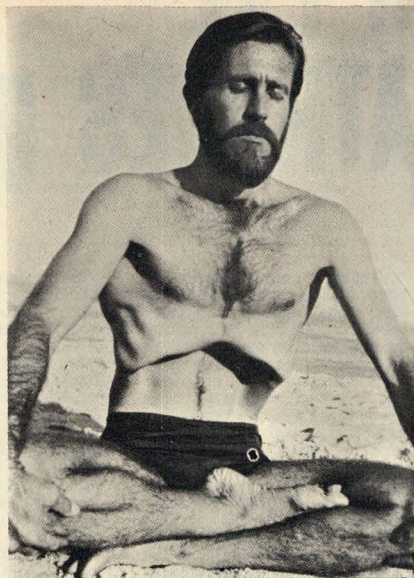
ESTA POSIÇÃO EQUILIBRADA TRAZ A TRANQUILIDADE E PODE SER MANTIDA POR LONGO TEMPO. O SEU OBJECTIVO É A PURIFICAÇÃO

sões: Ha, símbolo positivo, representativo do Sol; tha, símbolo negativo, representativo da Lua. Através dos exercícios ginásticos do yoga, de tensão e relaxamento com respiração rítmica, procura-se atingir a normalização das funções orgânicas até se alcançar um estado de paz. O Hatha-yoga é um método infinito e progressivo de evolução ensinado por mestres (gurus) a principiantes (yoguis); o método foi codificado pelo guru Patanjali, cerca de 200 anos a. C. tornando-se uma ciência. A tradição oral é ainda importante, porém, segundo a maioria dos mestres de yoga, «há muitos segredos que nem o próprio Patanjali

codificou».

O treino Hatha consiste em cinco pontos: o primeiro, chamado «Kriyas», é um método de purificação com efeitos físicos e psicológicos; o segundo, «Asanas», é o das posições completas na circulação sanguínea e na coluna vertebral; o terceiro, «Bandhas», de contrações e compressões internas, resulta numa maior força orgânica; o quarto, «Pranayamma», de regularização da energia, é a teoria do domínio da respiração em conjunto com a meditação; o quinto, «Tendras», dos gestos simbólicos, tem como objectivo a concentração em ideias e sentimentos especiais.

Existem alguns exercícios de



A POSIÇÃO «PADMASANA», A SEMELHANÇA COM UMA FLOR DE LÓTUS É PROCURADA ATRAVÉS DE UMA EXTREMA CONTRACÇÃO DO ABDÔMEN

outras fontes yogas que são também praticados: os «Mantrans», respeitantes aos ossos; «Japa», repetição de sons; e «Tatrok», a fixação continua do olhar num determinado ponto.

Para os adeptos de Patanjali são oito os graus que se seguem consecutivamente, desde a abstenção da violência, até à iluminação do espírito, passando pelas posições físicas de concentração.

Os mestres, ou gurus, afirmam que aquele que conseguir alcançar o estado final de integração, «Samadhi», nunca voltará a ser o mesmo homem. Este estado é o da purificação final, o da integração completa no todo, a adesão do microcosmos do homem ao macrocosmos, o Universo, Deus. Este estado tem a reputação de representar o máximo desenvolvimento mental, «aquele em que o homem prevê o futuro e consegue falar com os anjos»...

O yoga, considerado como doutrina de integração, reparte-se por vários ramos, de acordo com a convicção de que nenhum homem é igual ao outro. As versões mais comuns, baseadas nessa suposição, são o Hatha-yoga, concebido para o corpo e para a alma, e o Laya-yoga, dirigido à vontade e aos poderes mentais. Deste segundo ramo derivam o Bhakti-yoga (os poderes do amor, e do amor divino) o Shakti-yoga (os po-

deres da natureza, a energia), o Mantran-yoga (os poderes da vibração sonora) e o Yantra-yoga (os poderes das posições e das formas geométricas). Outros ramos ainda são o Dhyana-yoga (processo mental e espiritual), o Raja-yoga (poderes e métodos discriminatórios), o Yuana-yoga (os poderes do conhecimento e do cérebro), o Karma-yoga (os poderes da acção, da actividade), o Kundalini-yoga (os efeitos do poder psiconervoso) e, finalmente, o Samadhi-yoga (os poderes do êxtase do próprio ser).

Alguns grandes gurus alcançaram o sucesso através de métodos baseados no yoga, entre eles Shri Ramakhrisma, Swami Bramabanda e Yogananda, que criou uma fundação nos Estados Unidos chamada «Confraria da Auto-Realização». Outro adepto famoso é Sivananda, médico, que criou uma fundação nas montanhas do Himalaia, a famosa «Academia Yoga da Floresta». Quanto a Yogananda, predisse o momento da sua morte, e o seu corpo ficou isento de decomposição durante vários meses, exalando perfumes. Jaz actualmente no cemitério de São Francisco, e grande número de adeptos comparecem anualmente no aniversário da sua morte.

O FUTURO NAS CARTAS

MAIS UM EXCLUSIVO
DO «S. I.» EM PORTUGAL

A CARTOMANTE MAIS FAMOSA DA AUSTRÁLIA ENSINA A ADVINHAR O FUTURO NAS CARTAS

Texto de Marc de Pascale

Copyright, © 1989, Singer Features
e Agência Ferlague

Desde tempos imemoriais, o homem tenta dilatar as fronteiras do futuro, saber o que lhe vai acontecer antes que aconteça. A leitura das cartas é um dos «métodos» mais populares. Os próprios egípcios tinham já o seu «tarot» sagrado, cartas simbólicas usadas na adivinhação. As cartas de jogar são actualmente as descendentes desse «tarot» sagrado, com o mesmo simbolismo. Nas páginas que se seguem, explico pormenorizadamente o significado de cada carta, e na última página, forneço uma lista dos significados de determinadas cartas quando juntas. Geralmente, os quatro naipes referem-se a áreas específicas. Paus está relacionado com as iniciativas materiais, as viagens e as alterações. Copas relaciona-se com o amor, os afectos, a felicidade, enquanto ouros dá indicações quanto ao dinheiro, negócios e bem-estar. Espadas é o naipes dos factos desagradáveis: as doenças e as perturbações que afectam as pessoas.

As figuras referem-se, geralmente, a pessoas, enquanto as restantes cartas indicam os acontecimentos, incidentes ou condições que afectam essas pessoas. Dado que a maioria das cartas tem mais de um significado, é necessário encontrar um factor comum que unifique a interpretação. Os pares e as cartas justapostas são importantes, e, em certos casos, o significado de uma carta depende da maneira como surge: a direito ou virada.

Muitos grupos universitários de estudo, especialmente em Inglaterra e nos Estados Unidos, efectuaram experiências sobre a possibilidade de se obterem informações vitais através da percepção extra-sensorial. A faculdade humana de percepção extra-sensorial está à disposição de todos, mas tem de ser desenvolvida. Isto pode conseguir-se através de um treino intenso de leitura de cartas. Após algum tempo, as cartas tornam-se familiares, cada uma tem a sua própria personalidade, e o adivinho aprende a vibrar com essa personalidade. Cada posição de uma carta origina uma reacção num adivinho. A reacção ao conjunto das cartas e à ordem em que surgem permite compor uma imagem completa da vida daquele a que se referem. As experiências atrás referidas permitiram também demonstrar a importância do próprio modo como as cartas ficam dispostas. Desde há séculos que se conhece um efeito conhecido por fenómeno cinético, ou seja a capacidade de mover objectos sem interferência de contacto físico.

Numa adivinhação de cartas, o interrogador, ou seja a pessoa que procura indicações sobre o seu futuro, influencia mesmo inconscientemente a disposição das cartas,

quer no baralhar, quer no cortar. As cartas aparecem então de um modo típico, que o adivinho interpreta através da sua percepção extra-sensorial. Forneço seguidamente dois métodos de adivinhação de cartas, e uma lista completa de significados carta a carta. Estes são os geralmente aceites, porém, há divergências. A tendência inicial é para uma adivinhação mecânica e estrita, porém, pouco a pouco, cada adivinho atinge uma interpretação mais fluida e pessoal. É nesse momento que se atravessa a barreira da consciência, e os poderes extra-sensoriais começam a ser utilizados. Em qualquer dos métodos, a maioria das cartas de sinal inferior a sete foram postas de parte, trabalhando-se portanto com baralhos de 36 cartas.

Primeiro método

(Este processo alcança até cinco anos.)

Tome as 36 cartas e dê-as ao consulente, para que as baralhe e corte. As cartas devem ser cortadas com a mão esquerda, e por duas vezes: o primeiro, bastante fundo, e o segundo, a partir deste último. Deste modo, a carta de cima do último monte corresponde à carta de cima do monte original.

Vire para cima a carta superior de cada monte e interprete os seus significados através da lista que publicamos. Estes significados, interpretados em conjunto, indicam as condições em que se encontra o consulente. Volte a colocar as cartas nos respectivos montes e empilhe estes de novo, ficando assim com o monte original.

Seguidamente dê as primeiras 12 cartas em 3 filas horizontais de 4, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Repita a operação até que todas as cartas tenham sido dadas.

No final, as cartas deverão estar ordenadas, portanto, em 12 grupos, com 3 cartas em cada.

Comece por interpretar as 3 cartas do grupo do cima, à esquerda. Consulte a lista de significados das páginas seguintes e também a lista de significados de cartas por conjuntos. (Sugerimos que para mais fácil consulta, corte as listas e as cole em folhas de cartão.) Prossiga na interpretação de cada grupo de cartas, avançando da esquerda para a direita e de cima para baixo. Os cépticos costumam dizer que a ordem não interessa nada, uma vez que as cartas estão lá e a interpretação tem sempre de ser a mesma.

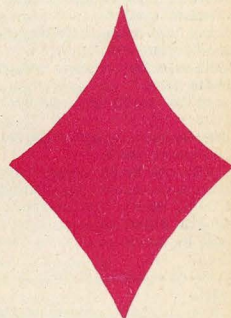
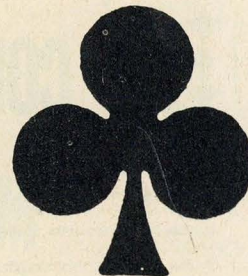
Porém, o significado das cartas não é individual. As ligações de umas com várias outras podem fazer variar grandemente a adivinhação. A arte está justamente em notar

as ligações segundo as ordens de precedência, de modo a descobrir as constantes.

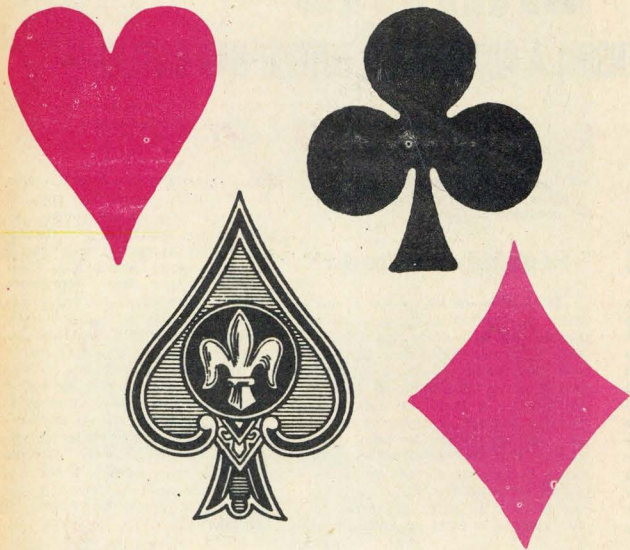
Segundo método

Extraia do monte a carta que mais se assemelha ao consulente (consulte a lista da página seguinte). O consulente deverá baralhar mas não cortar. Coloque a carta que mais se assemelha ao consulente sobre a mesa, de face para cima, e disponha as restantes cartas de face para cima também, pela ordem seguinte: a primeira carta sobre a carta do consulente, a segunda carta na fila acima da carta do consulente, a terceira carta na fila abaixo da carta do consulente,

a quarta carta à esquerda da carta do consulente, a quinta carta à direita da carta do consulente; repita todas as operações pela mesma ordem, com as cartas restantes. O primeiro monte, aquele que inclui a carta do consulente, representa aquilo que se cruza no seu caminho; o monte da fila acima é aquilo que está prestes a acontecer-lhe ou que é superior a ele. O monte da fila de baixo representa as circunstâncias em que ele se baseia ou as condições que o cercam. O monte da esquerda revela o passado do consulente, o monte da direita revela o seu futuro. Tal como com o primeiro método, o adivinho deverá procurar uma constante que constitua a chave do futuro do consulente.



O FUTURO NAS CARTAS



COM



COM

O dez de espadas: alguém vai preso.

O nove de espadas: operação.
O oito de espadas: acidente.
O sete de espadas: assinatura de documentos legais.

O nove de copas: êxito em assuntos legais.

O ás de paus: uma carta relacionada com a lei.

O oito de paus: confusão. Engano. Embuste.

O sete de paus: um lugar oficial.

O nove de ouros: uma pequena sorte inesperada.

O oito de ouros: contratos.

O nove de espadas: desilusão em torno de um romance.

O nove de paus: noivado que acaba em casamento.

O oito de copas: regozijo por um casamento feliz.

O oito de ouro: um casamento rico.

O oito de espadas: um noivo que viaja frequentemente.

O oito de paus: vexame em torno de um casamento. Vexame em torno de bebida em excesso.

O sete de copas: casamento feliz.

O sete de ouros: casamento combinado.

O sete de espadas: separação de um casal.

O sete de paus: romance que acaba em casamento certo.

O seis de copas: notícias de um noivado.

O quatro de copas: um bom casamento.

O oito de espadas: cuidado com um acidente em transportes.

O dez de ouros: uma viagem de noite.

O oito de ouros: transacções comerciais à noite.

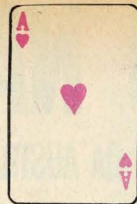
O dez de copas: celebração. Reunião.

O oito de copas: a felicidade vem à noite.

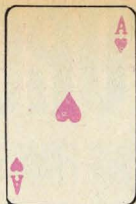
O sete de paus: uma mudança de ocupação.



COM



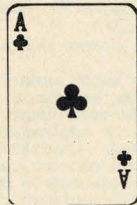
Problemas domésticos



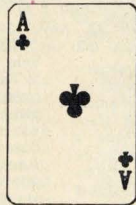
A casa



Um anel. Comprometimento ou presente de joalheria



Uma carta



Mensagem urgente por telefone, telegrama ou qualquer outro meio



Edifício do Estado. Grande edifício oficial ou organização estadual



Discussão ou organização estadual



Homem de mais de 25 anos, olhos castanhos a verdes, mais louro do que moreno



Homem acima dos 25 anos. Olhos azuis, cinzentos ou verdes, pele muito clara, louro ou ruivo



Homem de mais de 25 anos, mais moreno que louro, olhos castanhos



Homem de mais de 25 anos, olhos muito escuros, cabelo e pele morenos. Frequentemente latino ou estrangeiro



Mulher de qualquer idade, olhos castanhos a verdes, mais morena que loira



Mulher de qualquer idade. Olhos azuis, cinzentos ou verdes, pele muito clara, muito loira ou ruiva



Mulher de qualquer idade, de olhos castanhos, mais morena que loira



Mulher de qualquer idade. Olhos muito escuros, cabelo e pele morena, frequentemente latina ou estrangeira



Sexo masculino, da infância até aos 25 anos, olhos castanhos a verdes, mais louro do que moreno



Sexo masculino, da infância aos 25 anos. Olhos azuis, cinzentos ou verdes, mais loiro do que moreno



Sexo masculino da infância aos 25 anos. Olhos castanhos, mais moreno que louro



Sexo masculino da infância aos 25 anos, olhos muito escuros, cabelo e pele morenos, frequentemente latino ou estrangeiro



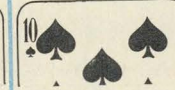
Êxito, uma oportunidade fora de casa, um local de divertimento, comprometimento



Uma viagem. Quando acompanhada ou cercada de outras cartas de ouros, dinheiro



Viagem ao estrangeiro por mar



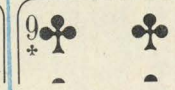
Prisão. Conduta moral. Relacionada com a noite. Geralmente uma carta má



A carta dos desejos. Esperanças, sonhos e ambições



Surpresa. Elevada soma de dinheiro



Urgência. Serenidade



Atrasos, desapontamentos, desilusões



Felicidade, amor e afeição. Quando próxima de uma figura, indica a pessoa amada ou que ama



Alteração nos negócios. Melhoría nos negócios, iniciativa em negócios



Vexame, confusão, bebida em excesso



Assinatura de documentos legais. Viagem por estrada ou caminho-de-ferro. Movimento. Operação. Cama de hospital



Uma ideia nova. Quando próxima de ouros ou copas, ideia com êxito



Um presente. Um presente em dinheiro



Segurança. Esta carta confere certeza às cartas próximas



Mudança. Dificuldades. Descoberta



Uma descoberta. Afecto



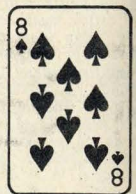
Quando próxima de uma figura, alguém de uniforme. Dificuldades a vencer.



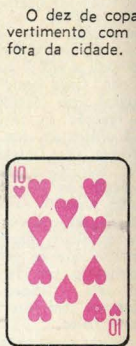
Notícias. Um novo conhecimento dentro de 3 dias, semanas, meses ou anos



Um beijo afectuoso, dentro de 2 dias, semanas, meses ou anos

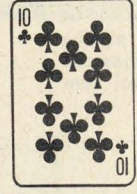


COM



COM

O terno de copas: encontro numa reunião social.



COM

O dez de ouros: férias à beira-mar.

O sete de ouros: oferta de um emprego fora do país. Dinheiro à vista.

O nove de paus: viagem no mar alto.

O oito de paus: viagem sobre a água, mas não necessariamente por mar.



COM

O nove de copas: assinatura de documentos legais.

O sete de copas: presente em dinheiro, geralmente cheque.



COM

O oito de paus: serenidade e realização de um desejo do coração. Uma indicação directa.

SIGNIFICADO DE GRUPOS DE DUAS, TRES E QUATRO CARTAS

Quatro ases: uma vida nova.
Quatro reis: consulta da lei.
Quatro damas: escândalo e intriga.

Quatro valetes: roubo, burla e escândalo.
Quatro dezes: uma iniciativa com sucesso.

Quatro noves: uma surpresa muito grande e muito agradável.
Quatro setes: nascimento de uma ideia.

Três reis: novo amor.
Três damas: reunião social de mulheres.

Três valetes: prejuízo.
Três dezes: surpresa muito agradável.

Três noves: notícia súbita e inesperada que sofreram atraso.
Três setes: nascimento.
Dois ases: velho conhecimento renovado.

Dois reis: discussão de negócios.
Dois valetes: pensamentos pessoais e associação de amigos.
Dois setes vermelhos: chegada inesperada de um amigo.

AGÊNCIAS DE HABITAÇÃO: UM NEGÓCIO A ESCLARECER

150 ESCUDOS

PARA VER UMA CASA JÁ ALUGADA

Reportagem de Paulo Figueira

Na sua linguagem sintética, o anúncio era tentador: «Graça, 3 ass., 1400\$00, tel. 654267». Eu sabia que se tratava de uma agência. Na linha de baixo anunciava-se: «Branda, 3 ass., 850\$00. Tel. 654267». Espalhado pela página dos anúncios classificados, o telefone 654267 parecia o «abrete, César» das pechinchas inacreditáveis: dois dias antes, também na Graça, haviam-me pedido 2400\$00 por uma habitação decadente, com três quartos.

Dispus-me a seguir o percurso normal de um cliente destas agências de habitação. Liguei o número. Do outro lado da linha respondeu-me uma voz feminina, mais fechada que os cofres do Banco de Portugal: «Se quer tratar de algum assunto relacionado com o anúncio, passe pela Rua do Salitre, 171-1.».

Na morada indicada, uma rapariga conduziu-me para uma sala, cujo único mobiliário era constituído por uma secretária e um grande espelho. Expliquei-lhe que estava interessado numa casa em Lisboa, não muito distante do centro, com duas ou três assoalhadas e renda até 1500\$00.

Creio que nem me ouviu. Mal eu tinha acabado de falar, estendeu-me um papel: a inscrição. Primeiro que tudo eu tinha de ler as condições e assinar o papel. Só depois se veria o resto.

A redacção do contrato era cautelosa: a «Agência Victória» compromete-se a «indicar habitações dentro ou fora da área de Lisboa, nas zonas preferidas pelo cliente e até ser servido» — mas a agência não se obrigava a «manter quaisquer relações com os senhorios ou procuradores, limitando-se a informar os Ex.^{mos} Clientes das habitações procuradas e nas condições em que foram pedidas».

O custo da inscrição era de 150\$00 e destinava-se ao pagamento dos serviços acima indicados e ainda a tratar dos contratos junto das Companhias das Águas, Telefones, Gás e Electricidade. (Mas «esta taxa de inscrição não inclui valores selados, reconhecimento notariais e pagamentos junto das mesmas companhias»).

Dado que nada obterei sem o prévio esportulamento dos 150\$00, dispus-me a assinar a inscrição. Entreguei a quantia indicada, e, finalmente, a empregada ouviu aquilo que eu pretendia. Depois, entregou-me uma lista de quatro moradas: duas na área de Benfica, uma em **Campulide** (sic) e outra na Graça.



«Na morada indicada, uma rapariga conduziu-me para o escritório da agência. Expliquei-lhe que estava interessado numa casa em Lisboa, não muito distante do centro, com duas ou três assoalhadas»

A partir desse momento, fiquei entregue a mim próprio: «Vá ver as casas e depois diga-nos qualquer coisa...». Antes, porém, fui várias vezes advertido: «Não deve dizer aos senhorios nem às porteiras que vem da parte da agência.» Quis saber porquê, mas nunca obtive uma resposta conclusiva.

A primeira casa aonde me dirigi ficava na Graça. Da lista fornecida pela agência constava: «Caracol da Graça, n.º 4-B, porta 6, rés-do-chão. 4 ass. 1400\$00». A casa ficava num pátio. Uma vizinha indicou-me o caminho: «O senhorio deve estar lá dentro.»

O senhorio chamava-se José Dias Robalo («natural de Segura, Beira Baixa» — acentuou, com mal disfarçado orgulho), e era um homem sem papas na língua:

— O quê?! Indicaram-lhe esta casa na agência?! Pois olhe, meu amigo,

não só nunca lhes dei autorização alguma para me andarem a fazer «réclame» da casa, como até já a aluguei. Já tratei dos contratos de arrendamento com um rapaz que eu conheço e trabalho numa oficina aqui perto. A casa já estava falada há uns tempos, e já despachei os contratos. Até já estão nas finanças. Já cá vieram umas três ou quatro pessoas, e já me telefonaram outras, que também vinham da agência. Mas o que eu lhe quero dizer é isto: nunca falei com essa gente da agência, nem lhes dei nenhuma procuração! Compreende, é um aborrecimento: aparecem aqui as pessoas, que vêm enganadas, porque a casa já estava destinada para o inquilino.

E acrescentou:

— Lá na agência disseram-lhe que a renda era de 1400\$00? Pois até nisso se enganaram: a casa foi alugada por 1300\$00. Sabe, a vida está difícil para

toda a gente, e lá esses tipos da agência arranjaram esta maneira de viver. Mas não está certo que indiquem as casas às pessoas sem autorização do senhorio.

Meia hora depois, na Rua Vitor Bastos, n.º 12, rés-do-chão, foi a porteira, sr.ª Maria do Rosário («tenho um nome muito comprido, mas toda a gente me trata só por Maria do Rosário») que não mostrou a casa:

— Ah!, o senhor também foi mandado pela agência? Pois eu desconfio disso. Já cá apareceu um ror de pessoas, mas a mim parece-me que o senhorio ou o procurador não têm nada que ver com isso. Se calhar, lá na agência vêem os escritos nas janelas, e depois mandam para cá as pessoas. O melhor é o senhor ir falar com o procurador.

Perto da Praça do Chile, o pro-

curador atendeu-nos por detrás do balcão da firma onde trabalha:

— Pois é, já cá apareceram mais pessoas enviadas pela agência. Mas nós não falámos com esses senhores. Naturalmente, viram os escritos e, sem nossa procuração ou autorização, indicam a casa a quem lá aparece. Mas a casa já está falada e, se bem que não estejam ainda prontos os contratos, já não está disponível.

Depois de várias tentativas frustradas para encontrar a terceira casa da lista (soube depois que não ficava em Benfica, mas na Venda Nova — Amadora), dirigi-me à Rua António Nobre, perto da clínica de Santo António da Convalença (o famoso hospital da Cruz Vermelha), onde se situava a quarta habitação fornecida pela «Agência Vitória». Foi com relutância que a anterior locatária me deixou ver a casa («já cá vieram mais de 30 pessoas» — queixou-se). A porteira, finalmente, indicou-me a morada do representante do senhorio: «Mas olhe que o sr. dr. só aluga a casa quando a inquilina sair.»

O representante do senhorio era, por coincidência, um conhecido advogado da capital (que, por compreensíveis razões profissionais, pediu que omitíssemos o seu nome).

— Obviamente, só posso tratar dos contratos quando a anterior locatária me der as chaves. Criaria uma situação muito desagradável (tanto

mais que sou advogado) se me comprometesse com alguém e depois não lhe pudesse fornecer a casa. Mas diz o senhor que vem da parte de uma agência. Isso é novo para mim. Não falei com nenhuma agência nem lhes dei autorização ou procuração para agirem desse modo.

Quisemos depois uma opinião sobre a legalidade da actuação da agência. O caudístico estudou o contrato. Depois sorriu: «Isto está tão bem escrito, que parece feito por um advogado. A verdade é que, afirmando eles que não se comprometem a manter «quaisquer relações com os senhorios ou procuradores», a sua posição é inatacável, do ponto de vista legal. Isto está escrito de uma maneira muito cautelosa, mas o certo é que a posição deles é inatacável.»

No dia seguinte, podia ler-se, na página dos anúncios classificados do jornal: «Santos, 3 ass. 850\$00. Tel. 654267». A história repete-se.

Sentindo-se defraudado, o aspirante a cliente protesta. Na agência, voltam a dar-lhe uma nova lista de moradas. As coisas voltam a passar-se aproximadamente do mesmo modo. Entretanto, a paciência vai-se esgotando. Um belo dia, apesar da falta de casas, o cliente da agência, sem ser por intermédio desta, acaba por descobrir um lugar onde viver. E pronto: não voltará a ver os 150\$00 da inscrição.

Haig

O WHISKY ESCOCÊS DE MAIOR VENDA EM INGLATERRA

apreciado em todo o mundo



**SEMPRE QUE DESEJAR
BEBER WHISKY...
PEÇA E EXIJA
HAIG**

CONHECIDO DESDE 1628



José Dias Robalo, proprietário: «A vida está difícil para toda a gente, e lá esses tipos da agência arranjaram esta maneira de viver. Mas não está certo que indiquem as casas às pessoas sem autorização do senhorio»



Maria do Rosário, porteira: «Já cá apareceu um ror de pessoas mandadas pela agência. Se calhar, vêem os escritos nas janelas e depois mandam para cá as pessoas. Mas parece-me que o senhorio ou o procurador não têm nada que ver com isso»

A VIAGEM AO BRASIL DO PROF. MARCELLO CAETANO

Constitui inegável êxito a visita do Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, ao Brasil, numa viagem de cinco dias, cujo significado foi calorosamente demonstrado pela maneira invulgar como todo o povo brasileiro preparou e viveu essa jornada histórica.

«No plano popular, não poderia ter sido mais caloroso o acolhimento. A multidão que me saudou à chegada ao Rio de Janeiro, com larguíssima participação dos bra-

sileiros, vibrava de entusiasmo para aclamar Portugal e a Comunidade Luso-Brasileira. E todos os lugares por onde passei, a qualquer hora que fosse, havia aclamação. E os portugueses lá fixados mostraram mais uma vez como são fiéis os seus sentimentos patrióticos», foram estas, algumas das palavras, de Marcello Caetano à chegada a Lisboa.

Nesta visita ficou patenteada a

firme vontade dos dois governos intensificarem a cooperação política, econômica e cultural entre o Brasil e Portugal. Os dois países, mais próximos tornaram os seus ideais, e mais idênticas ficaram as suas aspirações.

«A visita do Chefe do Governo português ao Brasil decorreu sob os melhores auspícios e regresso francamente satisfeito com os resultados.

«Tanto eu como o sr. ministro

dos Negócios Estrangeiros, tivemos conversações muito francas e frutuosas. Foi para mim motivo de grande satisfação ter tido oportunidade de conhecer o marechal Costa e Silva, ilustre presidente da República do Brasil, que mos-

No Rio de Janeiro, Marcello Caetano foi recebido com extraordinário entusiasmo por milhares de pessoas, como documenta esta fotografia tirada na Avenida Rio Grande



trou perfeita noção dos problemas portugueses e nutre por Portugal sentimentos da maior amizade. O mesmo espírito de fraterna simpatia encontramos no chanceler Magalhães Pinto, nos restantes membros do governo federal, nos governadores dos Estados visitados, em todas as autoridades civis e militares e nos meios universitários, económicos e culturais com quem tivemos contacto.

«A minha preocupação foi a de passar das meras fórmulas verbais e das declarações de intenção às decisões concretas. O comunicado oficial da visita mostra até onde se pôde ir. É um princípio que creio terá rápida continuação», declarou ainda o Presidente do Conselho.

No decorrer das conversações foram examinados e discutidos assuntos de capital importância para Portugal e Brasil. Dessas reuniões foi tornado público um comunicado conjunto, do seguinte teor:

I—No campo económico-financeiro:

A) Expandir o intercâmbio comercial entre as duas nações

sárias para a cooperação no domínio da formação de mão-de-obra especializada;

F) Organizar e estimular a cooperação no domínio tecnológico, muito particularmente quanto ao uso da energia nuclear para fins pacíficos;

G) Reafirmar a conveniência de se entabularem negociações com vista à celebração, no mais breve prazo possível, de um acordo para evitar a dupla tributação;

H) Designar, no âmbito de cada Chancelaria, um funcionário de elevada categoria, encarregado de coordenar os estudos e a execução de medidas de interesse comum para a rápida concretização dos objectivos acima.

II—No campo cultural:

A) Iniciar o estudo e levar a cabo a unificação do vocabulário português técnico e científico;

B) Dar ao ensino da história e literatura de cada um dos países, em todos os níveis, o tratamento mais favorável que for dispensado ao ensino da história e literatura do outro;

C) Proceder, quando for o caso, à revisão de textos dos livros de



através de medidas que facilitem a circulação de mercadorias e explorem todas as possibilidades de tornar complementares, onde viável e útil, os diversos sectores da economia de cada uma;

B) Estudar o estabelecimento de portos francos nos territórios de Portugal e do Brasil, com o fim de estimular a exportação dos respectivos produtos nacionais;

C) Encorajar, na iniciativa privada o estabelecimento de sociedades ou empresas mistas, com capitais portugueses e brasileiros, em consonância com o objectivo que se teve em vista ao aprovar-se a organização de um centro empresarial luso-brasileiro;

D) Procurar assegurar a cooperação luso-brasileira no campo bancário e no plano de investimentos conjuntos;

E) Incentivar as medidas neces-

O encontro dos dois estadistas, general Costa e Silva e prof. Marcello Caetano, no Palácio da Alvorada, em Brasília

ensino sobre a história dos dois países;

D) Apoiar o acordo a que chegaram os editores brasileiros e portugueses sobre as obras traduzidas para a língua portuguesa;

E) Coordenar a actividade dos leitorados dos dois países no estrangeiro, com vista à unidade linguística

Sorridente, o Chefe do Governo Português agradece as manifestações





J. Pimenta



João Geda



A. Magno



J. Nascimento



João Ildefonso



A. Mayer



Laura Sobral

LAURA SOBRAL

“rainha dos chapéus” da capital:

“UMA SENHORA SÓ FICA COMPLETA DE CHAPEU”

Entrevista de Manuela Martins

Hoje é dia 16 de Julho. Hoje partiram os primeiros homens com destino à Lua. No entanto, aqui, na sala do «atelier» da modista de chapéus Laura Sobral, tudo isso parece irreal, ficção, como nos livros de Júlio Verne.

Aqui, neste mesmo andar, fica a Fotografia Real de Vidal da Fonseca, fundada no fim do século passado. Aqui, nesta mesma sala, desfilarão muitas cabeças coroadas, os melhores nomes da aristocracia... E, hoje, está tudo praticamente na mesma, o ambiente francês em homenagem à rainha D. Amélia, os grandes espelhos, as paredes trabalhadas, o lustre de cristal, as molduras douradas, os vidros cinzelados, o fogão de sala entre as duas janelas, o tecto coberto de flores de lis... a cada momento esperamos ver entrar o rei D. Carlos, para tirar uma fotografia. O tom geral é velho e autêntico como nas reconstruções do Visconti. Sim, a conquista da Lua parece muito distante, os Beatles não existem, o amor livre, a mini-saia, a pilula, o LSD, os «hippies» não podem existir! Só um monte de chapéus a um canto, algumas fotografias de noivas e manequins, um ou outro «bibelot» mais moderno denunciam o passar dos anos.

Laura Sobral acaba de chegar das compras, veste um «chemisier» de seda e parece sentir-se perfeitamente feliz na sala, na sua sala. O que se segue não é uma entrevista, Laura Sobral não dá respostas, não conta episódios, não fornece explicações. É um longo monólogo feito de recordações, de sensações, de emoções...

— Foi há muito tempo... comecei por fazer chapéus para bonecas, daqueles pequeninos, era ainda uma criança... Depois aprendi numa casa, uma casa muito boa, mas desejava criar, desenvolver ideias e comecei a trabalhar por conta própria. As clientes, como eu tinha muito bom trabalho, aconselhavam-me a arranjar outra casa. E, um dia, por caso, passei por aqui, esta casa tinha escritos, subi, e quando a vi tão bonita pensei logo «Esta casa é para mim, tem que ser para mim!» Foi Deus que pôs esta casa no meu caminho, já cá estou há 30 anos... sim, 30 anos... Às vezes, as pessoas, quando vêem a flor de lis perguntam-me se eu tenho brasão, mas não, eu sou só Laura Sobral de Sousa, não descendo da aristocracia, não tenho sangue azul. A flor de lis já aqui estava, é da casa de Orleães por causa da rainha D. Amélia, que era francesa. Por

aqui passaram grandes nomes, todos tiraram aqui o retrato... Ali estavam os retratos do rei D. Carlos e da rainha D. Amélia, em ponto grande, ali existia um cavalete com o grupo da família real... os melhores nomes, e hoje já estão quase todos mortos; a condessa de Mendia já morreu, a condessa de Ficalho também... assim têm morrido todos...

Laura Sobral parece ausente, como se recordasse todos aqueles reis, aqueles nobres que nunca conheceu, que já não existem, que estão exilados, que representam uma época que desapareceu. A sua voz é cheia de cambiantes, ora vibrante, ora rouca, uma voz trágica, teatral, uma voz de actriz. Lembra Maria Lalande quando falava com saudade dos «Comediantes de Lisboa» ou Amélia Rey Colaço quando recorda as velhas paredes do Teatro Nacional, consegue transmitir todo o amor que sente por esta sala, pela época que ela representa.

— Infelizmente, agora usa-se menos chapéu mas, deixe-me dizer-lhe, que uma senhora só fica completa de chapéu. Em certas ocasiões, as senhoras devem usar chapéu, senão não se distinguem e é tudo, tu cá, tu lá... Há coisas que hoje deploro; quando vou a um «cocktail», não que eu frequente

«A sr.ª D. Vera Lagoa gostou tanto de um chapéu que eu lhe fiz que até escreveu no jornal que, se pudesse, dormia com ele posto!»





«As senhoras da família real, da família de D. Duarte Nunes, tratam-me com muito carinho, não me tratam como uma modista»

«cocktails», porque sou uma prisioneira da minha casa, uma escrava da minha casa, vejo senhoras que se apresentam de qualquer maneira, de saia e casaco, blusas de malha e... casaco pelos ombros, pelos ombros! Está bem? Não está. Com o casaco vestido, um bonito lenço, uma «écharpe» de musselina, uma senhora fica uma senhora, senão... Acho que deve haver uma diferença, não é que as outras pessoas não tenham direito ao mesmo que nós, mas temos que nos impor, que nos apresentem como deve de ser. Eu, quando recebo as clientes, não me vou pôr com um vestido de manga à cava, não estava certo, a casa não pede isso... não, não é vaidade... impõe-se, impõe-se... Ando sempre de chapéu, agora não levei porque fui só fazer umas compras, mas uso sempre, o chapéu fica-me bem, faz-me mais nova. Claro que um chapéu, como fica bem também fica mal, é preciso saber escolher, saber pôr... Quando vendo um chapéu é porque sei que o meu trabalho vai brilhar. O chapéu é como uma moldura, se a moldura não estiver à altura da estampa, não for condigna, não pode ser. Não trabalho por trabalhar... sinto aquilo que faço...

É um nunca mais acabar de chapéus que saem dos armários, das caixas, das prateleiras. Chega a ser comovente o amor com que Laura Sobral mostra os seus chapéus, explica o trabalho que lhe deram a

idealizar, a fabricar, como se cada um tivesse uma história, representasse parte da sua vida.

— Sim, eu sinto aquilo que faço. julga que faço uma peça por fazer? Não! Tenho feito coisas lindas, lindíssimas. Quando trabalho, abdicó de todos os meus pensamentos pessoais, de todos os meus problemas familiares... de um filho por quem dou a vida, que vai para o Ultramar em Setembro... abdicó de tudo e retrato de memória todas aquelas coisas bonitas que vejo, porque a vida não está para a gente comprar muito, isso é uma ilusão. A vida está difícil, é preciso muito dinheiro para apresentar o que é bom, o que não presta não vale a pena. É doloroso pensar que o trabalho é assim mesmo. Oxalá as senhoras compreendessem que nós devem andar em cabelo! Repare, nós estamos na plateia de um cinema e vemos senhoras de idade que, devido às pinturas, às tintas, não é que eu queira fazer mal aos cabeleireiros, por amor de Deus, têm as cabeças todas carecas atrás, fazem cada figura! Então não estavam melhor de chapéu? E não incomodavam porque os chapéus usam-se para trás, assim... e vê-se para ai cada cabelo, tão alto, que incomoda muito mais.

O trabalho cá de casa não passa de moda. As vezes, vêm cá clientes para transformar chapéus com três e quatro anos e eu digo: «Não vale a pena mexer, estar a gastar dinheiro, ainda está tão bonito!» Podem-se fazer modificações de estacção para estacção: pregam-se flores, põe-se uma fita, e então fitas largas, fitas desta categoria, não trabalho com fitas estreitas! Dizem «O chapéu está caro»; conforme... tenho chapéus muito em conta. É

como nas casas de modas: há vestidos de sedas naturais e vestidos de sedas mais baratas... Vou-lhe mostrar um trabalho maravilhoso que estamos agora a fazer, um trabalho que exige paciência, muita paciência...

É uma grande mantilha bordada. O «atelier» fica nas traseiras; duas empregadas, com o à-vontade de muitos anos de casa, estão a trabalhar.

— É aqui que trabalhamos. No meu «atelier» pus muito carinho, nós devemos trabalhar num ambiente em que nos sentimos bem. Afinal é aqui que passamos a nossa vida... aqui é que a gente ri... aqui é que a gente chora... Tenho as minhas empregadas há muitos anos; a Virginia veio para cá sem cabelos brancos e olhe agora, tem a cabeça toda branca. É uma grande amiga, uma grande amiga... está cá há dezasseis anos. Às vezes estou na cama e começo a pensar no trabalho, chamo a Virginia e digo: «Pensei isto, pensei aquilo, e vamos as duas para a boneca, estudamos, experimentamos e acabamos por conseguir. Juntas, temos feito coisas maravilhosas! Trato o meu pessoal com a mais elevada consideração e elas são merecedoras. O pessoal faz parte da nossa vida, muita gente não entende isso, mas é verdade.

Laura Sobral tem os olhos marejados de lágrimas, talvez lágrimas de amor pela sua casa, pela sua profissão, pela fiel Virginia que se aproxima: a Então, D. Laura, não se enerve...»

— Têm-me ajudado muito e eu aceito, tenho muitos amigos. Também gosto de ajudar os outros. Faz-me tanta pena dizer que não, mas convidam-me para tantas passagens que o tempo não dá para tudo. Quando me dizem: «sr.ª D. Laura, os seus chapéus são tão bonitos...» custa-me tanto recusar. Eu não sou daquelas modistas que vão para o salão para se mostrarem. Fico nos bastidores, preocupo-me com o manequim. Não quero fazer brilhar o meu trabalho, quero trabalhar em conjunto; a modista fez o seu vestido, o manequim tem a sua figura e tudo tem que condizer. Não, não faço publicidade, a publicidade é toda feita pelo meu trabalho, pelas minhas clientes. A sr.ª D. Vera Lagoa tem escrito coisas a meu res-

«Oxalá as senhoras compreendessem que uma senhora não deve andar em cabelo»



peito, tão bonitas, tão comovedoras... Ela faz aquilo a troco de nada, porque acha que é justo. Outro dia, escreveu que gostava tanto de um chapéu que eu lhe fiz que até lhe apetecia dormir com ele! E cartas, escrevem-me cartas lindíssimas, as senhoras telefonam-me: «Eu ia muito bonita, sr.ª D. Laura!», «Que bem que me ficou o chapéu».

Agora as lágrimas deslizam-lhe pela cara abaixo como se as coisas agradáveis a comovessem ainda mais.

— Sim, a minha vida não tem sido só trabalho, tenho tido muitas alegrias, muitas compensações... uma boa palavra ajuda sempre... As clientes não me tratam como clientes, são amigas... A sr.ª embaixatriz de Inglaterra está encantada com o nosso trabalho, tem-me dito coisas, coisas que realmente me tocam. As estrangeiras são sempre mais expansivas, a portuguesa é fria, manifesta-se pouco.

Vê este retrato? Foi a infanta D. Filipa de Bragança que me mandou. É uma grande amiga cá de casa. Pode ver aqui grandes nomes: a duquesa de Palmela, que é uma jóia, e de uma simplicidade... grandes senhoras, mas simples... não vêm cá por eu morar na Calçada do Combro, Sim, porque a Calçada do Combro impõe-se, é tudo palácios, tudo isso vem na História... Aqui veio a família real, a família real... há muitos anos... Vibro tanto com a minha casa! Esta decoração, dito pelo Malheiro Dias, tem muito valor, hoje já não se fazia. As senhoras da família do D. Duarte Nunes, não faz ideia o carinho com que me tratam, não me tratam como uma modista. A imperatriz Zita, quando esteve aqui, as palavras de apreço que me dirigiu... Disse-me que nunca mais desmanchava os trabalhos que lhe fiz!... Tenho tantas, tantas recordações, coisas tão lindas, tão... mas prefiro não contar, guardá-las só para mim... só para mim...

Laura Sobral ficou sentada numa das cadeiras importadas especialmente de França para a rainha D. Amélia, mergulhada nas suas preciosas recordações tão ciosamente guardadas. Cá fora, encontrei com espanto o bulício do trânsito, os automóveis, os «eléctricos», em vez das carruagens reais que agora só têm razão de existir no Museu dos Coches. E, confesso, que me senti um pouco triste por ver que nenhuma das senhoras que passavam usava chapéu.

"NÃO PODE HAVER MÃO-DE-OBRA BARATA"

-AFIRMOU O DR. JORGE DE MELLO NA HOMENAGEM A FUNCIONÁRIOS DA CUF

No cumprimento de uma simpática tradição que se prolonga há vários anos, a Companhia União Fabril, promoveu uma festa íntima de homenagem a 72 funcionários com 40 e mais anos de serviço prestado naquela empresa. A cerimónia realizou-se na Colónia de Férias de Almoçageme e a ela assistiram administradores, directores e subdirectores da C. U. F., e de empresas associadas, assim como os homenageados e seus familiares.

Os 72 funcionários e operários — no número dos quais se contam alguns que começaram as suas actividades na Companhia e que hoje trabalham noutras firmas — visitaram as instalações da Colónia, seguindo-se o almoço. Após o repasto leve, então, lugar a sessão solene presidida pelo nosso querido amigo dr. Jorge de Mello presidente do conselho de administração da C. U. F., que tinha a seu lado o seu filho, Manuel Alfredo, o eng.º António Vasco de Mello, dr. Alberto Henriques, eng.º Mota Guedes, dr. João Salgueiro, D. Luis Alcáçovas, eng.º José Guimarães Seródio e eng.º Manuel Leitão Cruz.

Em nome dos galardoados falou o chefe de serviços no Barreiro, sr. João Paulo, que, a cer-

ta altura do seu discurso, afirmou:

«Em dia tão feliz para todos os que foram distinguidos pela administração da empresa, lamento a dificuldade em encontrar as palavras capazes de exprimir, cabalmente, toda a gratidão que eu e os meus camaradas sentem para com a Companhia União Fabril, que, no decorrer de 40 anos passados, a todos proporcionou, e sempre, um nível de vida que nos permite viver com a dignidade inerente à pessoa humana e, ainda, de harmonia com as funções em que cada um foi investido.»

O dr. Jorge de Mello, fez seguidamente uma importante alocução, tendo dito, nomeadamente:

«As fábricas, hoje, tornam-se obsoletas em oito anos, as fábricas químicas, por exemplo. Uma fábrica como a da C. U. F. no Lavradio, que para nós é nova, dentro de dois anos estará absolutamente ultrapassada. Tem de ser substituída por uma unidade competitiva, porque, se assim não for, presta um mau serviço ao País. Ora, essas fábricas custam centenas de milhares de contos. Este exemplo que dei do sector financeiro, mostra que de facto, há toda uma mudança a fazer, e que se está fazendo já.»



O dr. Jorge de Mello, quando entregava as distinções ao eng.º Faustino de Sousa, que tem exercido várias funções na C. U. F., como a de director das fábricas do Barreiro

E, a finalizar, acentuou:

«Não se concebe que o vencimento de um trabalhador não se ajuste às necessidades de se alimentar bem, de habitar bem, de se vestir bem e de corresponder aos legítimos anseios de educação e instrução. O trabalhador deve ter acesso à cultura e aos divertimentos que lhe apetececerem. E para isso, é absolutamente necessário que os novos investimentos, as novas indústrias tenham uma estrutura económica que permita pagar como deve ser. E construir qualquer coisa que não seja assim, será a condenação à morte.»

«Fazer uma fábrica que vive a partir de uma mão-de-obra barata, é uma utopia. Não pode haver mão-de-obra barata, e onde houver, ainda, deve deixar de haver. A mão-de-obra deve ser compatível com a dignidade da pessoa humana. Devemos procurar que o nosso País atinja o nível europeu. E, a partir de então, deve-se procurar atingir o nível mundial. Devemos ser ambiciosos.»

Todos os homenageados receberam emblemas de ouro e a medalha «Alfredo da Silva», a maior distinção conferida pela C. U. F.

PRIMEIRO ENCONTRO JOANINHA DE REDACTORAS E LEITORAS DA REVISTA "MODAS E BORDADOS"

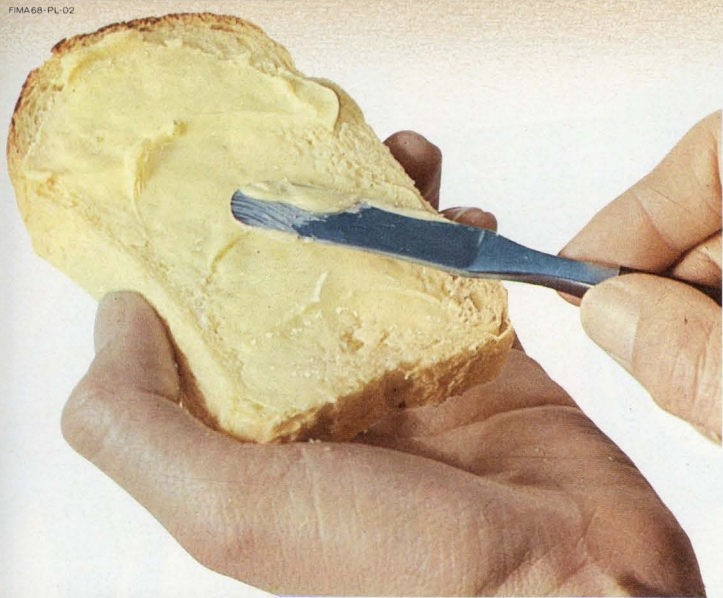
Na Colónia Balnear Infantil de «O Seculo» realizou-se o Primeiro Encontro-Joaninha de redactoras e leitoras da revista «Modas e Bordados», patrocinado pelo «Cantinho da Juventude» que Belisa Campos assina na referida revista. Entre as convidadas contavam-se as sr.ªs D. Fernanda Guedes Pavão, directora de «Modas e Bordados»; D. Berta Marcelino, chefe de redacção; a menina Maria Isabel Bordallo Pinheiro Pereira da Rosa, filha do director de «O Seculo», sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa; dr.ª Maria Lizette Monteiro, D. Manuela Castilho e sr. Luis Pavão.

Foi superior a três dezenas o número de leitoras que acorreram ao Encontro, sendo de assinalar a presença de algumas universitárias. As convidadas foram conduzidas de Lisboa a São Pedro do Estoril num autocarro especialmente fretado, tendo sido rece-

bidas pela administradora da Colónia, sr.ª D. Aida Dias Costa; pelo respectivo gerente, sr. Luis Amaro, que estava acompanhado da esposa, sr.ª D. Manuela Amaro; e ainda por Belisa Campos, individualidades que deram todo o seu esforço para que o Encontro decorresse da melhor maneira.

Depois do almoço, especialmente preparado pela sr.ª D. Aida Dias Costa, a quem também se ficou a dever a requintada decoração do terraço, Belisa Campos deu início ao Encontro, executando diversos números em acordeão e recitando versos de colaboradoras. A partir dessa altura as participantes passaram a mostrar cada qual as suas habilidades, cantando fados de Coimbra, entoando baladas ou continuando a recitar poemas. Em seguida, efectuou-se um passeio pelo Estoril, Sintra e Colares.





Pelo barrar desta
fatia vê-se
quem a vai comer.

É pessoa de bom gosto
quem sabe escolher Planta.
Um paladar requintado
satisfaz-se com Planta.
Só Planta barra o pão
com a frescura delicada
que o bom paladar exige.
E a pureza de sabor
que só Planta lhe oferece
faz dela a sempre preferida
pelas pessoas de bom gosto.



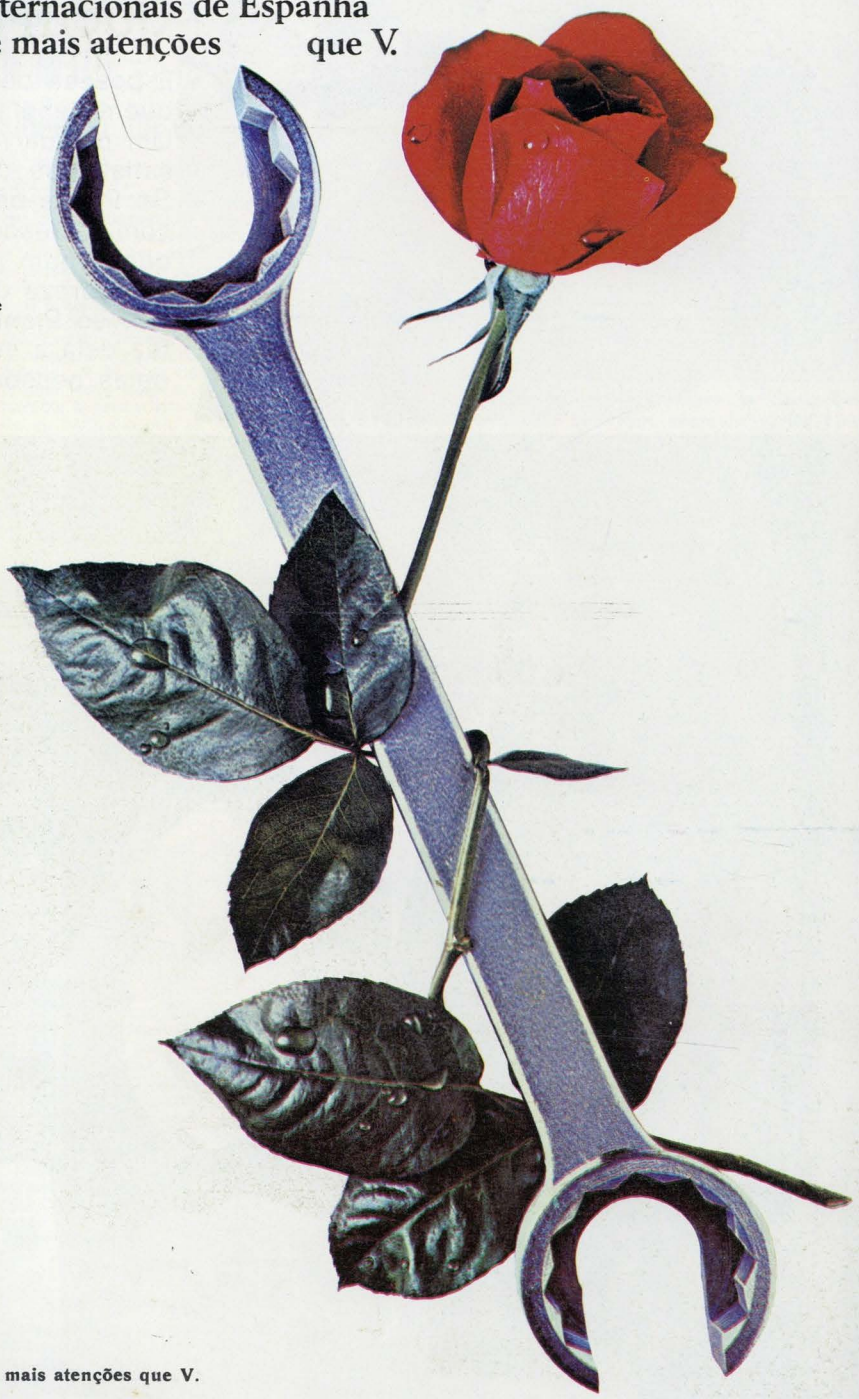
Planta, para as pessoas de bom gosto

Na Ibéria Linhas Aéreas Internacionais de Espanha só o avião recebe mais atenções que V.

O seu ao seu dono.
 Para si, a rosa :
 A delicada atenção
 das hospedeiras da IBÉRIA,
 criadoras desse ambiente
 cordial e confortável
 que faz os nossos voos ainda
 mais curtos.
 Sempre ao seu SERVIÇO.
 Para os nossos aviões,
 a chave,
 que representa :
 a TÉCNICA minuciosa com que
 centenas de especialistas
 mantêm a nossa frota,
 e a comprovada experiência
 dos comandantes da IBÉRIA,
 com milhares de horas de voo.
 Por isto
 uma chave e uma rosa
 são o nosso símbolo.
 Consulte
 o maior perito em viagens:
 o seu Agente de viagens,
 ou o mais próximo escritório
 da Ibéria.



IBERIA
 Linhas Aéreas
 Internacionais de Espanha



... onde só o avião recebe mais atenções que V.

POLICITESTES

Alcatalo

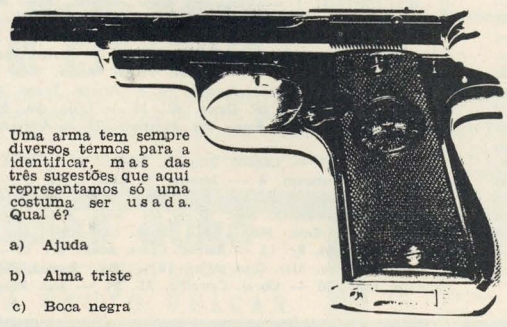


1. A linguagem prisional usa termos muito característicos que só são conhecidos por aqueles que frequentam as cadelas, mas que os policiais profissionais ou amadores também devem saber.

Metade do Policiteste desta semana será dedicada a calão prisional. Damos a imagem e perguntamos qual dos termos é que lhe corresponde.

1. Com qual destas palavras é identificado um copo de vinho?

- a) Caldo
- b) Cabaz
- c) Canto do Cisne.



2. Uma arma tem sempre diversos termos para a identificar, mas das três sugestões que aqui representamos só uma costuma ser usada. Qual é?

- a) Ajuda
- b) Alma triste
- c) Boca negra

SOLUÇÕES

- 1. b)
- 2. c)
- 3. a)

4. a) Verificar se ambos os relógios, o da sala e o da vítima, estão a trabalhar. Em caso afirmativo se as horas coincidem.

Se algum estiver parado, qual e marcando que horas.

b) Se havia cheiros detectá-los o mais possível: charutos, cigarrilhas, cigarros apenas...

Havia cheiro a gás, a pólvora, fogo, explosivos, perfumes, petróleo, venenos, ácidos, vernizes, etc.

c) Anotar se tinha chovido, se tinha caído neve, orvalho, gelo. Se o tempo estava claro ou enevado.

d) As persianas estavam subidas ou corridas.

e) As portas fechadas ou abertas. No caso de estarem fechadas, como estavam?

A chave ou com fecho de segurança. Se havia chave de que lado estava.

f) As janelas estavam abertas ou fechadas. Em que posição estava o fecho. Havia indícios de terem sido forçadas? Algum vidro partido ou rachado?

g) As luzes estavam acesas ou apagadas.

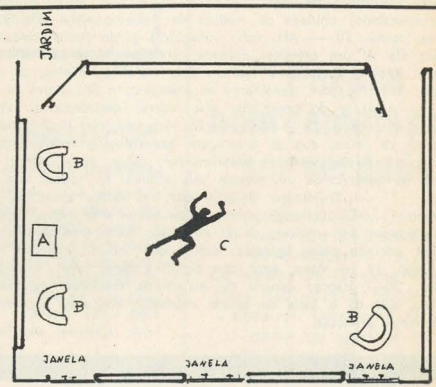


3. A quadrilha dos falsificadores de moeda foi finalmente apanhada e o agente comparou uma das moedas «produzidas» com uma moeda real.

Aparentemente eram iguais, mas a falsa tinha no seu fabrico substâncias diversas das que são usadas na moeda legal.

Nesse caso a falsificação da moeda dera-se por:

- a) Contrafacção
- b) Alteração
- c) Cercelo



- A → relógio
- B → botões
- C → cadáver

4. Suponha que é chamado para uma investigação e acaba de chegar ao local do crime.

Imagine que se encontra perante um cadáver de um homem no meio duma biblioteca que tem três janelas e duas portas.

Uma das portas dá para o jardim. Dentro da sala existe um enorme relógio e a vítima também usava relógio de pulso.

Que cuidados tomaria no seu relatório sobre os seguintes pontos:

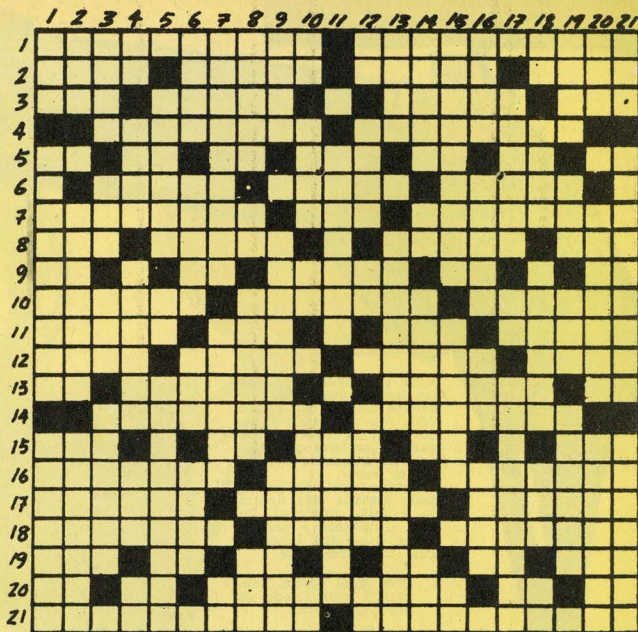
- a) Sobre as horas
- b) Sobre cheiros
- c) Sobre o tempo
- d) Sobre persianas
- e) Sobre portas
- f) Sobre janelas
- g) Sobre as luzes eléctricas.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA GIGANTE N.º 3

HORIZONTAIS: 1 — Átomo; estampido. 2 — Ave palmípede, que vive nas costas de Portugal; odelis; celebrais; enguia. 3 — Indica exclusão; tecido mais ou menos transparente; planta criptogâmica, muito conhecida; grite. 4 — Anacrônica; indicaria. 5 — O mais; símbolo do ouro; pronome pessoal; nome de letra; duas vogais; com um M à frente, ficará excelente. Isto quer dizer **ao cuidado** de... 6 — Rasto; tremor de terra; barulho. 7 — Aflorar; princípio; indícios de perturbação funcional. 8 — Poema medieval; arisco; vestido de criança; base aérea portuguesa. 9 — Prep.; oferece; defeitos; ruim; a mesma preposição. 10 — Galanteio; mulheres novas, bonitas e elegantes; tortura. 11 — Pisado; tira de pano para cingir uma saia ou umas calças; Sânie; elefante fóssil da época quartenária, sem o rabo. 12 — Choro; constelação; disciplina; mamífero roedor. 13 — Letra grega; justa; enfeitara; art. def. 14 — Arbusto mimosáceo ou pode ser também aroma; guarneceis com cintas de latão. 15 — Sinal gráfico que parece uma flor; grande ajuntamento; peso indiano; antigamente era assim; sufixo de adjectivos (gén. fem.) que traduz a ideia de abundância. 16 — Quadrúpede indiano; cobrir; insistir. 17 — Bico de peito; pegaria; roube. 18 — Pó muito fino de gesso calcificado, utilizado no fabrico de papel; roem; vaso de fundir metais. 19 — Troçar; dado que... além disso (T. Arc.); Tão-pouco (T. Arc.); letra grega; prep. e art. 20 — Antes de Cristo; negação; incinerariam; letra grega; sádias. 21 — Ciência que estuda a constituição e desenvolvimento das sociedades humanas; aparecias à janela ou à porta.

VERTICAIS: 1 — Antigamente era residência; embalar; uva de mesa, de bago comprido. 2 — Reze; substância metálica rara, de cor cinzento-claro; habitante da antiga Pérsia. 3 — Rama; letra grega; gema; requife para guarnecer e abotoar a frente de um vestuário. 4 — Medida chinesa, igual a uma légua; desgraça; gastar com o uso (fato); nome de um pássaro, que também se chama **Sombria-Brava**. 5 — Ruído imaginário de vozes e instrumentos; letra grega; heresia do século III, que negava a distinção das Pessoas da Santíssima Trindade. 6 — Mulher; moroso; hábil; homem efeminado. 7 — Alfange; ondulação lenta, própria da calmaria; símbolo do cobalto. 8 — Substância tintorial de uma árvore brasileira, com que se coram queijos; símbolo do ouro; verme filiforme, que vive nos charcos e nos lagos, conhecido por cobra-de-cabelo; unidade de medida de trabalho. 9 — Decifrar; atolar-se; tostei. 10 — Art. def.; substância gordá das vísceras dos animais; ala de um exército; comove; arriera. 11 — Benefícios; indolência. 12 — Estás; um homem que significa música; o tal artigo árabe; ave trepadora semelhante ao papagaio; o Sol, entre os Egípcios. 13 — A parte do organismo que morre; desinfectante extraído do cálcio; concordâncias. 14 — Constelação; nota musical; indivíduos de casta inferior da Índia, que se empregam nos trabalhos mais rudes; chefe etíope. 15 — Delinear; experimentar; dente. 16 — Ódio; ligavam; chefe do governo de um grande país oriental e... dizem que o é; estavam. 17 — Trajectória descrita por um astro; antes do meio-dia; esfoladela. 18 — Letra grega; metalóide sólido e brilhante, com grandes propriedades anti-sépticas; detal; no chão; acrescenta-lhe um s e verá o boi adorado pelos Egípcios; sufixo que indica ocupação, ofício ou emprego. 19 — Mana; pref. que significa carne crua; mulher; pessoa avara. 20 — Magoa; género de mamíferos roedores; raivosa. 21 — Sufixo, que dá a ideia de estado mórbido; depósitos subterrâneos de explosivos; arenosas.



PROBLEMA GIGANTE N.º 2 SOLUÇÕES

HORIZONTAIS: 1 — Conjunto. Adem. Botalós. 2 — Araújo. Calamidades. Bi. 3 — Nassa. Aiveca. Arriera. 4 — Utas. Troa. Acres. Mal. 5 — Delírio. Na. Mito. Tupi. 6 — Os. Vernáculo. lu. Ama. 7 — Considerável. Arco. 8 — Apo. Toar. Aviso. Barcas. 9 — Morte. Em. Calalte. 10 — Praia. Agorânomo. Ásaro. 11 — AM. Rogar. Remar. Lá. 12 — Real. Riram. Actas. Rifa. 13 — Ontário. Tardei. Dídia. 14 — Orleães. Olear. Animal. 15 — Ariano. Tremi. Adorador. 16 — Crisol. Demore. 17 — Autuei. Ia. Cume. Al. 18 — Trair. Sb. Saira. Ela. 19 — Aura. Sionismo. Auferir. 20 — Éreos. Em. Acérrimo. 21 — Almareado. Usariam. Sás.

VERTICAIS: 1 — Canudo. Amparo. Arataca. 2 — Orates. Pormenor. Uru. 3 — Nasal. Cora. Atristarem. 4 — Jussivo. Ti. Lala. Ujara. 5 — Uja. Rentear. Render. Er. 6 — Nô. Tirso. Orião. Soe. 7 — Aronia. Agios. Sisa. 8 — Ócio. Adregar. Tribro. 9 — Avance. Moratória. Neo. 10 — Ale. Aura. Males. Sim. 11 — Daco. Lavrai. Rémoras. 12 — Ema. Movi. Adail. Imas. 13 — Mi. Ai. Estorcer. Croca. 14 — Dáctilo. Meti. Adua. Er. 15 — Barrou. Coma. Adem. Ari. 16 — Odre. Aba. As. Nome. Ura. 17 — Teista. Alar. Diro. Afim. 18 — Ase. Umaras. Rimar. Em. 19 — Imparcialidade. Eros. 20 — Obrai. Catrafilo. Ali. 21 — Sial. Róseo. Aa. Ralaras.

O PÚBLICO ELEGE OS SEUS FAVORITOS

Continuamos a publicar os resultados do concurso «O Público Elege os Seus Favoritos», uma iniciativa de Rádio Graça patrocinada pelo «S. I.»

Iniciado no dia 5 de Fevereiro, prolongar-se-á até ao dia 30 deste mês. Podemos desde já anunciar que está prevista a emissão de um programa especial com os artistas vencedores presentes, aos quais serão entregues medalhas comemorativas do facto de terem sido considerados os melhores, tanto no fado como na canção, pelo público ouvinte.

Será evidentemente um pro-

grama especialíssimo, pois os nomes que desde já se apresentam como vencedores são efectivamente os mais célebres da nossa música ligeira.

Os melhores classificados nos cinco primeiros meses da duração do concurso são os seguintes:

FADISTAS:

Amália Rodrigues .. 58 votos
António Mourão ... 57 »

CANÇONETISTAS:

Simone de Oliveira .53 »
António Calvário .. 38 »

(FADISTAS)



ENTRE AS DEZ E AS ONZE

PROGRAMA TRANSMITIDO EM RÁDIO GRACA ÀS 4.ª FEIRAS

O PÚBLICO ELEGE OS SEUS FAVORITOS

MASCULINO	1	2	3	4	5	Total	FEMININO	1	2	3	4	5	Total
FERNANDO FARINHA	5	2	5			12	AMÁLIA RODRIGUES	2	3	2			7
ANTÓNIO MOURÃO	3	1	3			7							
CARLOS DO CARMO		2				2							
FERNANDO MAURÍCIO		1				1							
CARLOS RAMOS		1				1							

(CANÇONETISTAS)

MASCULINO	1	2	3	4	5	Total	FEMININO	1	2	3	4	5	Total
ANTÓNIO CALVÁRIO	2	1	3			6	SIMONE DE OLIVEIRA	4	4	2			10
TONY DE BATOS		1	1			2	MADALINA IGLÉSIAS	1	2	3			6
ARTUR GARCIA	1					1	TONCHA	1					1
RUI MASCARENHAS	1					1	MARIA EVA						1
HUMBERTO DE CASTRO			1			1	ELISA LISBOA		1				1

CABELEIREIROS

Se pretendem comprar aparelhagem, mobiliário e outros artigos, é favor consultarem os representantes e importadores:

- ★ Secadores MUHOLOS
- ★ Aparelhos GOUD
- ★ Produtos KLEINOL e Creme-tinta em 35 cores
- ★ Mesas de trabalho EFA
- ★ Calhas de plástico Imperial
- ★ Rampas de travagem de origem francesa

Fabricação própria por pessoal especializado de:

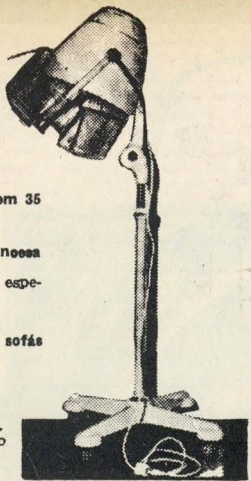
- ★ Bancadas modelos originais
- ★ Cadeiras de trabalho de espera e sofás
- ★ Mobiliário diverso

D. ABRANTES & IRMÃO, LDA.

Visite a nossa EXPOSIÇÃO permanente que é a mais completa no género

Rua Duque de Palmela, 21, 2.º
 Telefone: 53 81 68 — LISBOA
 (A Praça Marquês de Pombal)

Novo modelo. Mas elegante e secagem mais rápida



CUIDE A BELEZA DAS SUAS UNHAS

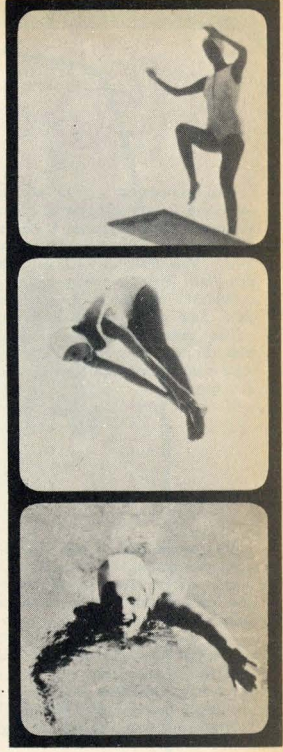


rápido... suave...

Cutipen

A base de Lanolina Cutipen torna o arranjo das unhas verdadeiramente fácil e agradável. Cutipen actua como um creme, amaciando a pele das unhas e preparando-as para serem aparadas com o fino estilete que vai junto. Deixa as mãos realmente elegantes — sinónimo da mulher distinta.

A venda nas casas da especialidade.
 Rep. ORCORE, LDA.
 Lisboa-Porto



Parece bom demais para ser verdade?

Um dia de verão que não é diferente de qualquer outro dia de verão. Os tampões Tampax, para uso interno, tornam isso possível. Deixam-na saltar, nadar ou apanhar sol, não importando que dia é. Ainda melhor, você sente-se tão livre, tão fresca, tão calma e confortavelmente confiante, dentro ou fora de água. A sua escolha em duas absorções, Regular e Super. Talvez este venha a ser ainda o seu melhor verão de sempre!



APREFEIÇADO POR UM MÉDICO
 AGORA USADO POR MILHÕES DE SENHORAIS.
 PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO
 DISTRIBUIDOR: A. P. AGOSTINHO — LISBOA

LEIA o jornal "O SECULO"

PÊLOS SEM CICATRIZ

Absolutamente garantido, novo método. Extração definitiva por senhora diplomada pelas Escolas Oficiais de Paris. Instituto Científico de Beleza Nandy. Rua Filipe Folque, 34, 6.º, D.º — Telef. 4 99 12.

LIBRAS OURO

COMEÇARAM A SAIR AS LIBRAS NA PASTA COUTO VULGAR

1.ª 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª 6.ª 7.ª 8.ª 9.ª 10.ª 11.ª 12.ª

JÁ ANUNCIADAS

13.ª — RUI MÁRIO VILAR — GAIA

14.ª — BERNARDA MARIA RAMOS — PORTO

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brançura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto dá-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

GRANDE NOTÍCIA A CURA DA CALVÍCIE

7 anos de conhecimento público que atesta por si este grande feito sem um caso de negação. A grande notícia é do CABELEIREIRO GOUVEIA, O PIONEIRO da cura da calvície.

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 27, 1.º-DT.º — TELEF. 55 64 34

NÃO ESGREVAM

N. B. — TODOS OS TRATAMENTOS SÓ SÃO FEITOS NA CASA. POR ISSO É INUTIL ESCREVEREM A PEDIR CONSELHOS. OBRIGADO!

espere e fica pronto!

FOTOCOPIA EXACTA

RAPIDEZ - PERFEIÇÃO
 DISCRICÃO
 BUCURSAL DE "O SECULO"
 ROSSIO, 23



Vida sentimental — As perspectivas serão excelentes para si durante a semana. Clima favorável à vida sentimental e contactos com amigos mais jovens. **Vida Material** — Bom período para agir. Procure adaptar-se às circunstâncias resultantes da vida mundana. Seja activo nas suas ocupações e não perca tempo com discussões. **Vida física** — Boa saúde, entretanto vigie a sua alimentação, evite o álcool e o fumo.



Vida sentimental — Não seja demasiado susceptível. Restabeleça a harmonia indispensável. Cuide das relações com os seus familiares. **Vida material** — Tudo deve ser examinado do ângulo mais prático. Não se precipite em acções imponderadas. As reparações são recomendadas; não deve perder tempo. **Vida física** — Procure jantar pouco e mais cedo. Evitar perturbações digestivas.



Vida sentimental — Poderá ter uma semana muito agradável, entretanto as influências podem provocar complicações no domínio sentimental. Coloque-se à parte nas discussões, etc. **Vida material** — Limite ou evite as despesas supérfluas. Seja vigilante no cumprimento das suas obrigações. Deve dar prioridade a tudo que diga respeito ao seu bem-estar. **Vida física** — Evite comidas ácidas, as frituras. Faça uma alimentação simples e leve.

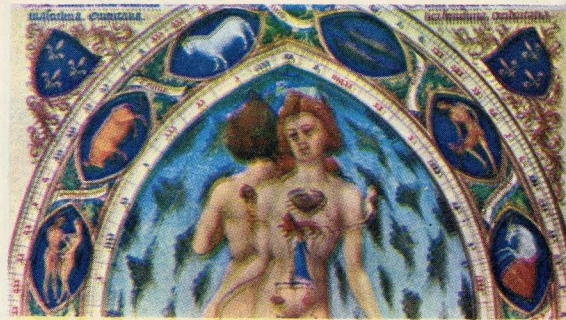


Vida sentimental — Mostre-se cauteloso ante qualquer aventura amorosa. O tacto e a diplomacia são aconselhados, em caso de embaraços. **Vida Material** — Nada faça que possa comprometer a estabilidade da sua situação material. Procure ser mais positivo. Examine bem os factos antes de tomar uma decisão. **Vida física** — Risco de intoxicação. Não tome remédios a torto e a direito, sem prévia prescrição médica.



Vida sentimental — Tem boa oportunidade, neste período, de chegar a melhor entendimento com os outros.

Os que nasceram entre 20 e 26 de Julho destacam-se pela filantropia e o amor ao próximo. O desejo de auxiliar os outros é tão forte que chega ao ponto de sacrificar interesses próprios ou mesmo a saúde. Deixam-se levar mais facilmente pelas emoções, desprezando muitas vezes as considerações de ordem prática. Qualquer segredo está em segurança nas mãos dos nascidos neste período. A autodisciplina, com o seu intelecto muito desenvolvido, indicará o caminho da felicidade. Um tanto místicos, com fortes pendores para a religião e a meditação, tendência esta que será benéfica se não for exagerada e levada a extremos prejudiciais.



HORÓSCOPOS



semana de 20 a 26 de julho

Assegure a paz no seu lar. **Vida material** — Sejam quais forem as aparências, não confie demasiadamente. Seja activo em tudo que possa contribuir para melhorar a sua posição ou aumentar a sua personalidade. **Vida física** — Palpitações serão advertência para um repouso suplementar.



Vida sentimental — Em relação à sua vida íntima ou aos assuntos privados, tudo deve ser examinado com cuidado. Nada de quimeras... seja calmo. **Vida material** — Modere as suas ambições. Não se meta em novas iniciativas. É possível que seja submetido a uma certa tensão nervosa. Fale e escute o menos possível. Não deve negligenciar o seu trabalho. **Vida física** — Poderá haver distúrbios digestivos se não evitar excessos de mesa ou comidas enlatadas.

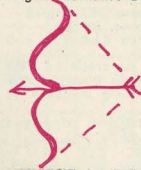


Vida sentimental — Mantenha a calma, por enquanto. A pessoa amada talvez esteja indecisa e enigmática. Tenha muito cuidado com as palavras. **Vida material** — Saiba ter em conta as realidades. A perseverança é naturalmente a sua melhor arma. Entretanto, o inesperado poderá facilitar-lhe novos progressos ou ganhos. **Vida física** — Nada a recear, mas convém vigiar os órgãos digestivos.



Vida sentimental — Seja benevolente com os seus íntimos. Coopere com a pessoa amada e terá um ótimo fim-

-de-semana. **Vida material** — A prudência deve guiá-lo nas questões com uns e outros. É com os recursos da sua personalidade que deve contar. Não tome decisões bruscas, mantenha-se calmo e a crise logo passará. **Vida física** — Alguns cuidados a recear.



Vida sentimental — Saiba estar em paz com os seus íntimos. Dê aos seus a ajuda e o conforto moral que eles solícitem. Não se mostre impaciente. **Vida material** — Deve dirigir os seus esforços na realização de projectos, em especial se estão ligados ao futuro. Poderá sentir alívio sobre certos problemas monetários que o têm preocupado. **Vida física** — Parece estar necessitando de repouso e isolamento.



Vida sentimental — Faça o possível para contornar a situação. Possíveis complicações sentimentais, das quais poderá definir-se uma situação equívoca. **Vida material** — Poderão surgir pequenos aborrecimentos no seu trabalho, no entanto mantenha-se calmo e a crise logo passará. Não procure as despesas que se não impõem. **Vida física** — Evite os estimulantes. Passeie com frequência ao ar livre, mas defenda-se do sol.

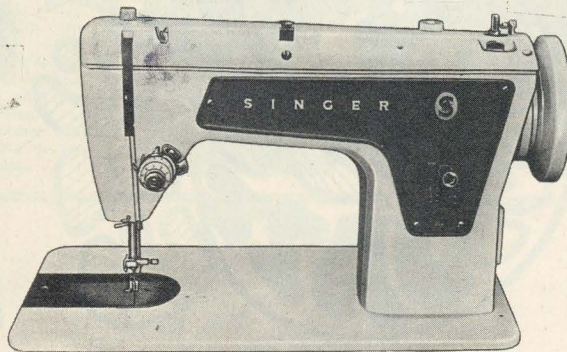


Vida sentimental — A semana talvez seja assinalada por algumas notícias e emoções contraditórias. Evite as rivalidades e selecione as suas relações. **Vida material** — Período prejudicial a alguns assuntos relacionados com as suas finanças pessoais e colectivas. Proceda de maneira que não encete as suas reservas de dinheiro. **Vida física** — Vigie a sua alimentação.

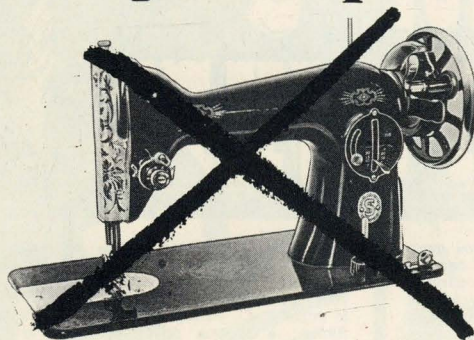


Vida sentimental — Dê o máximo de atenção à pessoa amada. Mostre-se de humor optimista e reconfortante. **Vida material** — Os acontecimentos parece tomarem aspectos mais favoráveis no sector financeiro, mas procure economizar um pouco mais. Consagre uma parte do tempo a beneficiar o seu quadro e o seu modo de vida. **Vida física** — Não cometa excessos. Reduza o seu ritmo de trabalho.

Seja moderna



não seja antiquada!



Não paga mais por isso!

Agora a máquina de costura Singer 239, de linhas e cor modernas, que se vende ao mesmo preço da máquina de linhas tradicionais e cor preta.

No seu lar tudo

SINGER*

* Uma marca de fábrica de The Singer Company



SIMON & GARFUNKEL



Paul Simon já gravou qualquer coisa como 36 canções com Art Garfunkel, durante estes quatro anos de carreira artística. Uma delas, «You don't know where your interest lies», o «flip side» de «Fakin' it» («flip side») é o lado B de um «single», portanto a composição considerada de menos importância de entre as duas editadas num disco de esse tipo, está ainda por ser editada em LP. A sua discografia apresenta ainda mais 8 «singles», para além dos 5 álbuns já apontados, um dos quais não conta como trabalho original pois as composições não são da autoria de Simon.

A quantidade de composições e de discos editadas não é de forma nenhuma assombrosa para quatro anos de carreira artística. Contudo, considerando os problemas especiais que envolvem Paul Simon e as suas composições poéticas, que exigem um determinado tipo de predisposição e um tratamento especial de uma temática,

cremos que são bastantes trabalhos dada a sua qualidade relevante. Em muitos campos pode estabelecer-se um paralelo entre J. D. Salinger e Paul Simon: a mesma dificuldade em escrever, a mesma boa qualidade dos trabalhos, a mesma temática social, o mesmo sentido do desajuste entre a vida social e o homem («Catcher in the rye» — «A poema on the underground wall»), a mesma incapacidade de comunicação («A perfect day for Banafish» — «Sounds of silence») e o mesmo sentido do conflito latente que muitas vezes deflagra (demasiadas vezes) e que é relatado e pressentido nas composições destes dois autores. Nada explicam, limitam-se a verificar e a denunciar, a manifestar a sua opinião ou o seu sentimento profundo contra essas formas, a sua dificuldade em tentar fazer algo, a sua impossibilidade de projecção segundo um sentido e uma orientação que desejaríamos. Salinger escreve à sombra de uma novela

que foi seguida por algumas, novelas curtas e alguns contos. Simon escreve à sombra de «Parley Sage Rosemary and Thyme», e esperamos que tanto um como o outro não se fiem por aí, pois tanto as letras como a canção perderiam dois dos seus mais talentosos autores.

O esforço que Paul Simon tem despendido para que estes quatro álbuns tenham sido editados poderá notar-se pelas datas em que os diferentes trabalhos do grupo foram sendo editados; e particularmente do esforço despendido para a realização do último trabalho: «Wednesday morning 3a. m.», foi editado no Verão de 1964. «Sounds of Silence» seguiu-se-lhe no fim de 1965. «Parley, Sage, Rosemary and Thyme», foi editado no Outono de 1966 e «Bookends», foi editado na Primavera de 1968. Um período de quase dois anos meadia entre estes dois trabalhos e indica bem que compor honestamente tem dificuldades, mes-

mo dentro da «pop» — ou talvez principalmente dentro da «pop».

Durante o Verão passado Simon dissera que provavelmente o quarto álbum seria o último. «Não creio que consiga levar uma coisa até ao fim, deisto sempre a meio. Para além disso, quatro anos é já demasiado tempo para uma única actividade», disse. Quando viajou na Europa decidiu escrever uma novela, projecto que nunca chegou a concretizar, pois quando regressou aos Estados Unidos encontrou «Sounds of Silence», nas listas de vendas e enveredou pela carreira artística. Talvez comece a trabalhar de novo nesse outro ramo da composição literária, oxalá a qualidade se mantenha.

Contudo, o seu sucesso é maior do que nunca devido à sua actuação em «The graduate», ter levado a sua música e a sua qualidade interpretativa a vastos sectores do público que praticamente desconheciam a

qualidade do grupo. A difusão de «Mrs. Robinson» como verdadeira música, tema do filme, foram a garantia do sucesso na Europa, especialmente entre a juventude estudantil, que passou a entender melhor Simon & Garfunkel. Na lista de vendas dos LP, mais vendidos nos Estados Unidos, Simon & Garfunkel colocaram três LP simultaneamente entre os dez que constituem o topo. «The Graduate» «Presley, Sage, Rosemary and Thyme» e «Bookends», tendo todos eles recebido o certificado de «LP de ouro», o que significa um montante de vendas da ordem da centena de milhar, se não mesmo da ordem do milhão.

Simon & Garfunkel, são ape-

sar de tudo o grupo que melhor tem definido a música como forma de expressão do mundo que vive por detrás da fachada dos prédios. Um mundo cuja dimensão é tão grande como a dos arranha-céus e tão importante na medida em que esses edifícios, símbolos de um modo de vida francamente superior pelos meios que põe para utilização e remuneração de quem nele trabalha, e que contudo apenas realizaram uma ficção de felicidade, que passada uma geração já se esborrou e que fez despontar problemas cada vez maiores e conflitos cada vez mais profundos.

Por tudo isto, esperemos que Paul Simon não desista de escrever as suas canções.



GRANDE CONCURSO

3 DATSUN PARA VOCÊ!

O SEU CONCURSO
NA SUA REVISTA!

Em todos os números de «O SÉCULO ILUSTRADO» até ao dia 6 de Setembro continuamos a inserir os cupões que habilitarão os leitores aos três valiosos automóveis DATSUN deste sensacional concurso promovido pela nossa revista, com a colaboração do ENTREPONTO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS.

Hoje mesmo preencha o cupão publicado nesta página e envie-o, colado num bilhete postal, nas condições expressas no Regulamento. É tudo quanto o leitor necessita fazer para candidatar-se a futuro possuidor de um esplêndido automóvel DATSUN. Confie na sorte e aproveite, quanto antes, esta fabulosa oportunidade que lhe oferece «O SÉCULO ILUSTRADO».

CADA CUPÃO ENVIADO — CADA NÚMERO COM QUE FICARÁ HABILITADO

REGULAMENTO

- 1.º — «O SÉCULO ILUSTRADO», com a colaboração da prestigiosa firma Entreponto Comercial de Automóveis, organiza entre os seus leitores o Concurso «TRÊS DATSUN PARA VOCÊ».
- 2.º — Os concorrentes, para ficarem habilitados aos 3 prémios que serão atribuídos por sorteio, deverão recortar de «O SÉCULO ILUSTRADO» os cupões publicados nos números dos dias 21 e 28 de Junho; 5, 12, 19 e 26 de Julho; 2, 9, 16, 23 e 30 de Agosto, e 6 de Setembro, colando cada cupão num bilhete-postal, que deverá ser enviado **pelo correio** (sem ser metido em sobrescrito), dirigido a CONCURSO DATSUN — «O SÉCULO ILUSTRADO» — APARTADO 2116 — LISBOA. É indispensável indicar com letra bem legível o nome completo e a morada.
- 3.º — Todos os cupões recebidos até às 18 horas do dia 6 de Outubro de 1969 e obedecendo às condições anteriores serão numerados para efeitos de sorteio (com numeração seguida a partir da unidade) segundo a sua ordem de entrada.
- 4.º — No dia 11 de Outubro de 1969, pelas 12 horas, no Salão de Festas de «O SÉCULO», Rua de «O Sécuro», 51, em Lisboa, na presença de representantes do Governo Civil de Lisboa e dos concorrentes, proceder-se-á ao sorteio dos 3 prémios, extraíndo das esferas que conterão as bolas numeradas, aquelas que determinarão os cupões premiados.
- 5.º — Os prémios a sortear serão:
Um automóvel DATSUN — 2300 SUPER SIX no valor de 170 000\$00.
Um automóvel DATSUN — 1300 no valor de 76 500\$00.
Um automóvel DATSUN — 1000 (4 portas) no valor de 64 000\$00, no valor total de 310 500\$00.
- 6.º — O Sorteio é um acto público, podendo assistir os concorrentes bem como qualquer pessoa.
- 7.º — Cada concorrente poderá enviar em seu nome quantos cupões desejar, correspondendo a cada cupão um número que habilitará ao sorteio.
- 8.º — A entrega dos prémios será efectuada desde o dia 13 de Outubro de 1969 até ao dia 12 de Abril de 1970, mediante identificação do premiado, o qual assinará recibo com reconhecimento notarial, comprovativo de ter entrado na posse do prémio que lhe coube.
- 9.º — Os prémios não reclamados dentro do prazo estabelecido, reverterão para o estabelecimento de assistência que a autoridade competente determinar.

CONCURSO

3 DATSUN PARA VOCÊ. N.º

ORGANIZADO POR
O SÉCULO ILUSTRADO

(PRENCHER COM LETRA BEM LEGÍVEL)

NOME COMPLETO _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

IMPORTANTE: Recorte este cupão pelo tracejado, preencha-o, cole-o num postal e remeta **pelo correio** para CONCURSO «TRÊS DATSUN PARA VOCÊ!» — «O SÉCULO ILUSTRADO» — Apartado 2116 — LISBOA.

**PARALELO SEM
COORDENADAS****Roby Amorim****A REVOLUÇÃO DAS TRIPAS**

Mary Quant tem 14 anos de vida como revolucionária e criadora de modas. Parece que foi ontem que surgiram por aí as primeiras mini-saias, mas a verdade é que o tempo vai correndo, que os modelos já se banalizaram e não provocam o menor escândalo nem em qualquer recôndita vitória de província. Os tempos passam e Mary Quant decidiu também passar... à reserva, pelo menos no que diz respeito a modas. É certo que a aparição da famosa costureira foi muito mais do que uma simples revolução no corte dos vestidos, na subida ou na descida das saias. Não poderemos esquecer que Mary Quant surge paralelamente aos primeiros grandes êxitos do teatrólogo John Osborne, que «nasce» ao mesmo tempo que os Beatles.

A desapareição de Mary Quant da cena da moda — as gerações mais recentes querem coisas mais com a sua idade, e a razão já lhes fora dada pela própria costureira — Mary Quant não desiste do papel revolucionário que se impôs. Os trapas já desde há uns tempos que eram secundários, pois Mary lançara-se a fundo nos cosméticos. Não lhe chegava, porém, a beleza não está nos «fards», nos «eyelids», nas máscaras de sêneas, nos «bãtons» mais ou menos sofisticados. No nosso tempo é uma questão de saúde, de maneira de enfrentar a vida. A beleza está mais nas tripas e no fígado do que no rosto. Assim o entende.

E daí que Mary Quant feche as portas dos seus estabelecimentos de modas e os vá transformar em farmácias especializadas, que só fornecem vitaminas, pílulas alimentícias, remédios para emagrecer e engordar, tudo o que seja capaz de criar um corpo belo e sadio, um espírito satisfeito e tranquilo.

Adeus, pois, à revolucionária costureira Mary Quant (quando forem a Londres e se quiserem estar actualizados perguntem pela «Biba», que é mais «fashionable»). E que viva a que pretende que a revolução parta mais de dentro: das próprias tripas.

LIVROS**Guedes
de Amorim****TEATRO MAIOR**

Sai das mãos de Bernardo Santareno sempre um teatro escaldante de vida e de verdade. De «A Promessa» para diante, acima, bem acima dos dramaturgos seus compatriotas e contemporâneos, sempre o temos lido e reconhecido (já que não é culpa sua que quase todas as obras que, insubornavelmente, lhe saem das mãos, não apareçam nos palcos) com vigor extraordinário de crítica, não representando, pois, esta constante senão corajosa constatação. Como agora, com «A Traição do Padre Martinho». Tem o autor os pés assentes na terra, conhece bem as mazelas do seu tempo, os seus negativismos e os seus anacrónicos pavores, por isso mesmo as peças que levanta estão alicerçadas sobre autênticas (ou prováveis próximas) realidades. Perto ou longe se poderá verificar o tempo social, religioso e humano desta peça? Deixamos a pergunta, com a antecipada certeza de que o leitor (como o futuro espectador) se responderá sem dificuldade justamente sobre o tempo e o espaço, diga-se assim, desta desassombrosa quanto notável obra. Bernardo Santareno prestou mais um grande, valioso serviço à desmistificação em que o teatro, mais do que qualquer arte de expressão humana, deve e deverá sempre fundamentar-se. Literariamente perfeita, com movimentada arquitectura de quadros sequentes, «A Traição do Padre Martinho» (capa de Otelo Azinhais. Ed. Ática) representa obra forte de não concordância. Com quem? Não com Cristo, a sua doutrina e os vivos e activos sentimentos dos cristãos. A censura que da peça decorre abrange só os que desconhecem que Cristo, por ser eterno, também é justamente de hoje e dos problemas e sofrimentos dos homens de hoje. Válida, pois, em sua base e horizontes, não oferecerá digestão fácil aos leitores de agora e aos espectadores de amanhã... Fixemos, porém, através desta peça, genuíno teatro maior em meio de teatro menor: atinge por ela e com ela, Bernardo Santareno um dos pontos mais altos da sua carreira de autor dramático.

DESPORTO**Luís Alves****OS «VELHOS» DO BENFICA**

A maneira como a equipa do Benfica chegou ao final da época, fisicamente fresca, tècnicamente apurada e tãcticamente muito afinada, veio demonstrar que terá havido uma certa precipitação da parte daqueles que, muito pressurosamente, lhe andavam a rezar o «requiescat in pace» e, simultaneamente, que a orientação da equipa obedeceu a normas que demonstraram, pelos resultados, que é o que conta, estar certas e serem eficazes. Esta orientação, que permitiu aos jogadores chegar a Junho em condições de poderem jogar noventa minutos e mais sem quebra de rendimento, apenas poderá ser acusada de ter sido orientada no sentido exclusivo dos interesses do clube. Mas quem ousará acusá-la por isso? A única coisa certa é fazer o que fez o Benfica, isto é, esquecer por completo que grande parte da sua equipa pertence à selecção, ignorar as datas dos jogos internacionais e conduzir a preparação dos seus jogadores de harmonia com as exigências do calendário nacional. E ninguém tem que lhe levar a mal. Foi em consequência desse critério, que a equipa do Benfica andou hesitante nas fases intermediárias do campeonato, para se apresentar firme e autoritária nos momentos da decisão do título e ainda com embalagem suficiente para ganhar a Taça. A sua única grande contrariedade foi o problema com o Ajax, na Taça dos Campeões Europeus, ter surgido na sua pior altura.

O que não podia estar certo era que o Benfica, como alguns pretendiam, fizesse uma fogueira de atletas que tanto prestígio lhe deram, condenando-os pelo que já não podem fazer em comparação com o muito que já fizeram. Isso equivalia a uma tremenda ingratidão. Ainda bem, pois que o Benfica proferiu respeitar e fazer respeitar os seus «velhinhos». E eles também lhe pagaram da melhor maneira, pois deram-lhe a Taça de Honra, o Campeonato Nacional, a Taça de Portugal, o Torneio Ibérico de Badajoz e as melhores receitas, sem que o cortejo das ofertas já tenha chegado ao fim...

TÉCNICO ELETRICISTA

CURSO POR CORRESPONDÊNCIA

DINHEIRO • PRESTÍGIO • INDEPENDÊNCIA

ESTUDE EM SUA CASA NAS HORAS VAGAS E GANHE DINHEIRO AO MESMO TEMPO!

OPORTUNIDADE DE OURO: O Instituto DIMEP oferece agora a Você esta oportunidade de ouro: pagando pequenas mensalidades, Você, em pouco tempo, estará apto a ingressar numa profissão altamente rendosa e de grande futuro.

O CURSO MAIS SIMPLES, RÁPIDO E PRÁTICO!

Você já pensou que cada vez há maior necessidade de Técnicos Eletricistas em todo o mundo?

Você aprenderá, num instante, a fazer instalações, consertos de aparelhos eletrodomesticos e uma infinidade de trabalhos muito lucrativos. Num instante: durante o Curso Você já estará ganhando dinheiro!

GRÁTIS:

Valiosíssima
Lâmpada-Teste,
Carteira de Estudante,
Belíssimo DIPLOMA,
Serviço Permanente
de Consultas

DIPLOMA

Seu diploma será
um orgulho e poderá
ser obtido em
apenas 6 meses.

INSTITUTO DIMEP

RUA EMÍDIO NAVARRO - LUSO (PORTUGAL)

Solicito enviar-me, grátis, livreto ilustrado.

NOME

RUA

CIDADE

PROV.

LEIA O JORNAL O SECULO

NÃO PINTE

OS CABELOS
USE RESTAURADOR
OLEX

E OS SEUS CABELOS VOL-
TARÃO A SUA COR PRI-
MITIVA

Frasco 27\$50 - Correio 2\$50

Podem enviar-nos selos

Couto, Lda. - Porto

L. S. Domingos, 106

EMAGRECER já não é problema de
fome, de fadiga, nem de dinheiro.



O Produto Dietético mais activo,
prático e revolucionário do século XX

Aprovado pelo ROYAL DIETETIC INSTITUTE

Um dos mais famosos Institutos de Dietas do mundo

Adypok

Emagrece sem choque

Perdas de peso de 1 a 3 quilos por semana.

Embalagem (tipo ensaio) de 10 refeições 27\$50

Embalagem normal de 25 refeições 62\$50

Peça em postal literaturas grátis à **FAL** - Apartado 2.142 - LISBOA

ACABA DE SAIR

MAPA DAS ESTRADAS DE PORTUGAL

4.ª EDIÇÃO - Actualizada, a 5 cores, na medida de 50x90 cm., modelo portátil e encadernado com dobragem especial para fácil consulta. Contém a sinalização das estradas principais, secundárias e municipais, com as respectivas distâncias quilométricas, parques de campismo, caminhos-de-ferro, postos de fronteira, poussadas e estalagens, rios, barragens, etc. Útil para excursões, automobilistas, ciclistas, motociclistas e campistas.

10\$00

ENVIE O SEU PEDIDO EM CARTA
COM LETRA BEM LEGÍVEL, IN-
CLUINDO O VALOR EM SELOS DC
CORREIO A

E. FIGUEIREDO
RUA DE S. MARÇAL, 3, 1.º
— LISBOA - 2 —

(Não se fazem envios à cobrança nem se aceitam selos do Ultramar)



**A BELEZA NASCE,
A FORMOSURA FAZ-SE
EM QUALQUER IDADE!**

EMBRYODINE FLUID.

do Dr. Rosenthal, transforma um rosto cansado num rosto juvenil e um rosto macilento num rosto formoso. As mães inteligentes sabem que Embryodine é indispensável a suas filhas adolescentes.

EMBRYODINE existe em
três fórmulas: «A» (normal), esc. 33\$40;
«B» (forte), esc. 66\$70; Triplex

(fortíssimo), esc. 75\$00. Não encontrando no seu fornecedor, enviamos a reembolso. J. SANTOS - Rua St.º Ildefonso, 29 - PORTO

FAÇA AMIGOS EM TODO O MUNDO

Senhoras e senhores de 100 países gostariam de trocar correspondência consigo. Brochura ilustrada será enviada grátis.

HERMES. BERLIN 11 BOX 17/22. ALEMANHA



Um bom banho leitoso e oxigenado com **SALTRATOS Rodel** acalma e alivia os pés doridos; a dor dos calos desaparece. Acabou-se a sensação incômoda de escaldão; o mau cheiro é suprimido. Para manter os pés em bom estado, não há melhor do que os **SALTRATOS Rodel** (sais sãbiamente doseados e maravilhosamente eficazes). A venda nas farmácias, drograrias, perfumarias e em todas as boas casas.

ESTE SEMANÁRIO
E TRANSPORTADO
PARA TODO O PAÍS
NOS COMBOIOS DA



Comece o dia
com

VITACOLA
e viva 100 anos

SAÚDE E BELEZA



O aparelho **VIBRION**, o único infra-sons activo em profundidade à pele e não paralelamente por fricção, pelo que nunca provoca qualquer irritação; placa de grande superfície; 6 acessórios, também vulgar para a massagem do couro cabeludo, grande ventosa para os seios, pequena ventosa para o rosto, cinta massajadora para os tornozelos e pulsos.

Distribuição e venda:

SODIPE - Rua de Ceuta, 5 - PORTO

CINEMA

Lauro António



OS (VIOLENTOS) PROTAGONISTAS

Antes de assistirmos à projecção de «Os Protagonistas», pensávamos vir aqui falar hoje do regresso (justíssimo e admirável regresso, sublinhe-se!) dessa obra-prima invulgar que é «Rocco e Seus Irmãos». Pensávamos reproduzir algumas das sensações que o filme de Luchino Visconti não se cansa de nos transmitir, inesgotável e transbordante de sensibilidade e talento, de um talento que se confirma em cada nova sequência destas três horas de cinema. Obra-prima que cada vez mais se nos afigura indiscutível, «Rocco e Seus Irmãos» tem, no entanto, assegurada a fama e pouco nos resta dizer senão voltar a chamar para ele a atenção do público.

O mesmo não acontece, porém, com «Os Protagonistas», película ignorada de um não menos desconhecido jovem realizador transalpino (Marcelo Fondato) e cujo interesse justifica certamente referência especial. Mesmo assim acreditamos facilmente no seu relativo insucesso junto do espectador lisboeta: primeiramente por factores de ordem externa ao próprio filme (um lançamento deficiente e pouco adequado à obra) e depois pela própria construção da película, feita de tempos (aparentemente) mortos, de pausas, de olhares, de gestos. Pausas, olhares e gestos que vão desmascarando «os protagonistas», que lhes vão definindo os rostos e, finalmente, revelá-los por inteiro, explosivos e violentos, odiosos na tranquila inconsciência da sua própria destruição.

O filme de Fondato (a cujo interesse do argumento não deve ter sido alheio a colaboração de Ennio Flaiani) inicia o seu «jogo da verdade», acompanhando o percurso de cinco turistas numa região da Sardenha. Cinco turistas que vibram com o perigo e se deixam dominar pelo gosto da aventura. Serão estes lugares-comuns que os conduzirão até junto de um jovem foragido que se deixa fotografar a troco de algumas notas.

Apesar de mal acabado tecnicamente, «Os Protagonistas» é, mesmo assim, um filme a não perder.

HUMOR

Carlos Pinhão



GRA-MÁ-TI-CAI...

— Acho que o médico deveria ter tamborilado a questão.

— Devia quê?

— Tamborilar. Acho que ele pôs a questão muito abruptamente.

— É médico militar?... Pergunto por causa dessa história do tambor. A verdade é que não é costume os médicos, mesmo os militares, dizerem o que têm que dizer por meio de tambores. Só um feiticeiro, da selva. Na selva é que se usa um tamboril para comunicar a distância, mas o médico estava longe?

— Tanto disparate que para aí vai!

— Então, talvez o teu médico seja dos Correios. O telegrafista é que tamborila com os dedos nos aparelhos Morse de transmissão. Será que o teu médico é telegrafista e manda os diagnósticos por telegrama?

— Basta de parvoíce. O que eu queria dizer...

— Eu sei. Era «burilar a questão», de buril, um instrumentozinho que usam os gravadores nos seus delicados trabalhos. De aí o «burilar uma questão», apresentá-la com uns certos cuidados.

— Sim, sim, talvez seja isso, não quero discussões. Sei é que o médico é duro, não tem sensibilidade, não tem consideração pelos doentes, nem pela bolsa dos doentes. Quando lhe pagar a conta, fico com o meu património desfraldado.

— É tropa, é o que eu digo. Há pouco, os tambores. Agora, as bandeiras. As bandeiras é que se desfraldam. As bandeiras e as camisas. Se andares com a camisa de fora, andas desfraldado.

— Decididamente, estás a emburrar comigo.

— Tu é que estás a emburrar com a Gramática e, aí, eu afino. O que tu queres dizer é «património defraudado».

— Não é nada disso, vês... Sei muito bem que defraudar vem de fraude. Ora a conta não é uma fraude, não quero dizer isso. É um exagero, mas lá fraude também não. De qualquer modo, não lhe pago tão cedo. Ele há-de acabar por considerar a minha conta uma conta inquebrável...

— Está certo. Mesmo que caia no chão, não se parte, com certeza.

CLARO ESCURO

José Mensurado



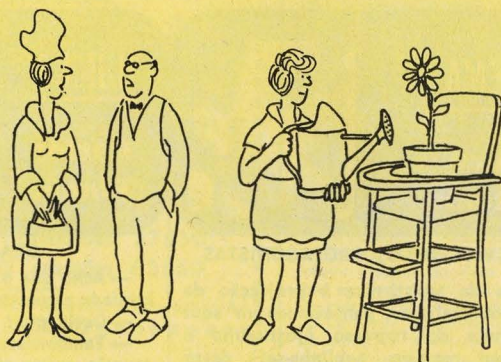
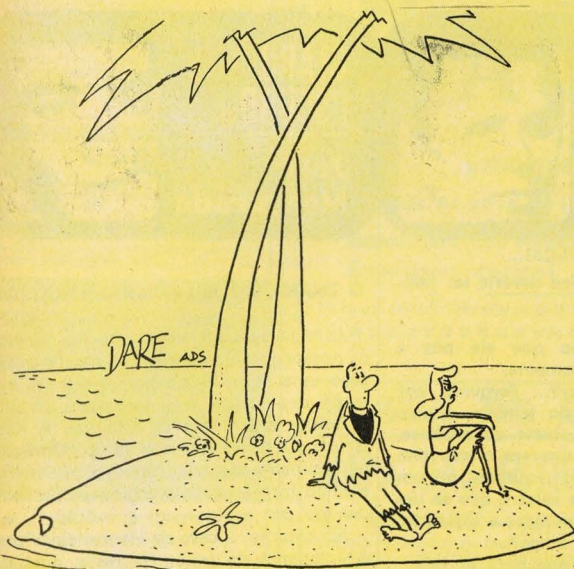
O DRAMA DO MILIONÁRIO-MARXISTA

As agências internacionais que servem os nossos jornais diários não deram a este caso uma importância por aí além. Limitaram-se a noticiar o julgamento e, depois, a revelar a sentença do tribunal de Karlsruhe. O que interessou foi o pitoresco, o ineditismo da história: um milionário alemão fora acusado e seguidamente condenado por espionagem e traição.

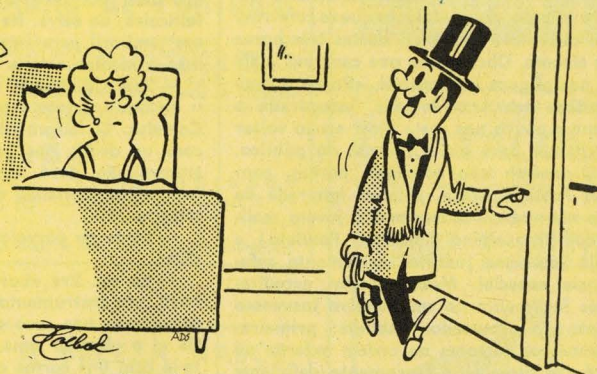
No entanto, o caso da Hannsheinz Porst é singular e do amor interesse, quer do ponto de vista humano, quer por reflectir, através de um homem, o drama de um povo. Proprietário da maior firma alemã de venda de aparelhos fotográficos e de 50 grandes lojas nas mais importantes cidades da Alemanha Federal, nas quais trabalham mais de 2 mil pessoas, e com um volume de negócios da ordem das muitas centenas de milhões de marcos, «Foto-Porst», como é conhecido por todos, foi preso por «traição» e por fornecer informações à Alemanha de Leste. A surpresa foi tanto maior quanto é certo tratar-se de um conhecido capitalista, partidário entusiástico da livre empresa, que ao longo dos anos frutificou de maneira considerável a pequena fortuna que herdara do pai. Porquê, então, esta traição inverosímil, excluída por absurda a hipótese do lucro ou de qualquer vantagem financeira?

Ao longo da sua impressionante exposição no tribunal soube-se a verdade. Porst confirmou a acusação que sob ele impunha, mas defendeu e fundamentou a sua actividade. Como ele próprio o disse, as informações que forneceu a Pankov e o facto de ter empregado nas suas empresas três espíes comunistas nada mais foram do que uma contribuição para «tornar supérflua a «cortina de ferro» e para demonstrar o absurdo de um muro a separar o povo alemão...».

Do ponto de vista ético e como filosofia de vida, o caso de «Foto-Porst» é, ao fim e ao cabo, um pouco o destino patético do povo alemão.



— A minha mulher gostava tanto de ter um filho!



— Vou só passear o gato, querida!



— Não me diga que é outra vez a queixa sobre o ar condicionado!

MÚSICA

Maria Helena de Freitas



MESSIAEN, NO ENCERRAMENTO DO FESTIVAL

O XIII Festival Gulbenkian encerrou-se com uma obra coral-sinfónica de excepional envergadura: a oratória «A Transfiguração», de Olivier Messiaen, para grande orquestra, um coro misto de cem vozes e sete solistas. Saliente-se desde já que estes solistas não são cantores, como é habitual, mas instrumentistas. Outro pormenor interessante reside no facto de o coro desempenhar o papel geralmente confiado ao «Narrador». Trata-se de uma obra monumental, que se divide em duas partes, cada uma delas constante de sete números, numa ordenação semelhante: duas narrações evangélicas intercaladas de duas Meditações, e um coral a finalizar cada uma das partes.

Messiaen utiliza os meios que lhe parecem necessários, não estando amarrado a quaisquer dogmas musicais ou correntes estéticas. A escrita vocal é de um efeito esmagador e a orquestração verdadeiramente prodigiosa.

A Orquestra de Paris foi colaboradora preciosa e o Coro Gulbenkian pode dizer-se que deu tudo por tudo, conseguindo vencer as dificuldades de uma partitura que não encerra pequenos problemas de execução. Falta-nos mencionar, com a devida admiração pelo trabalho que realizaram, os nomes dos solistas. Foram eles: Yvonne Loriod (piano), Michel Debost (flauta), Henry Druard (clarinete), Alain Jacquet (xirólimba), Jacques Delcluse (vibrafone), François Dupin (marimba) e nada mais nada menos que Mstoslav Rostropovich (violoncelo). A frente deste grandioso conjunto esteve o talentosíssimo maestro Serge Baudo.

O público dividiu-se, ao terminar a obra. Enquanto uns pateavam com ferocidade, outros aplaudiam e gritavam delirantemente. Pertencemos a este último sector mas compreendemos a reacção contrária. É que a música de Messiaen não deixa ninguém indiferente: provoca repulsa ou adesão entusiástica. E nisto reside a sua grande força.

TEATRO

Manuela Martins



EM DEFESA DE AMÉLIA REY COLAÇO

O que as pessoas de teatro dizem umas das outras geralmente não tem grande significado, depende do local, da disposição... Mas há uma maneira infalível de saber se determinada pessoa goza de consideração no meio teatral: é a inflexão com que os actores dizem que um colega está a assistir ao espectáculo. Quando dizem «O Ribeiro está na sala»; «O Gusmão está na sala», «A D. Amélia está na sala», dizem-no com respeito, como se por causa disso fossem representar melhor. Mas, de todos é Amélia Rey Colaço quem desfruta de maior prestígio, ao pé dela ninguém levanta a voz, mesmo quando a criticam nota-se um certo respeito.

Amélia Rey Colaço é a última das grandes senhoras do Teatro Português, sempre digna, amável, nunca se comprometendo, dizendo só aquilo que quer, sabendo manejar toda a gente. E, no programa «Zip Zip» do dia 7, mostrou mais uma vez a sua extraordinária presença de espírito. Soube confessar que talvez estivesse ultrapassada, que o futuro do teatro estava nos jovens, coisa de que a maior parte dos colegas não seria capaz; defendeu-se atacando, com sentido de humor, o teatro da televisão na própria televisão; lembrou que foi ela quem introduziu em Portugal (talvez mal compreendidos é certo) muitos autores modernos; e ninguém pode deixar de lhe dar razão quando afirma que fora da temporada pode fazer o teatro que lhe apetece, seja «boulevard» ou revista.

Claro que ninguém ignora que a programação anunciada pelo Nacional nunca é cumprida, que a maioria dos espectáculos são bastante fracós, as encenações mal entregues, as distribuições muitas vezes erradas... mas em que companhia é que isso não acontece? Talvez, fora e dentro do Nacional, haja outros culpados mais ultrapassados que Amélia mas incapazes de o confessar, agarrados a tradições fora de moda, cheios de preconceitos contra a juventude, combatendo tudo o que é novo, que a aconselham da pior maneira com receio de perderem a sua posição.

POLÍTICA

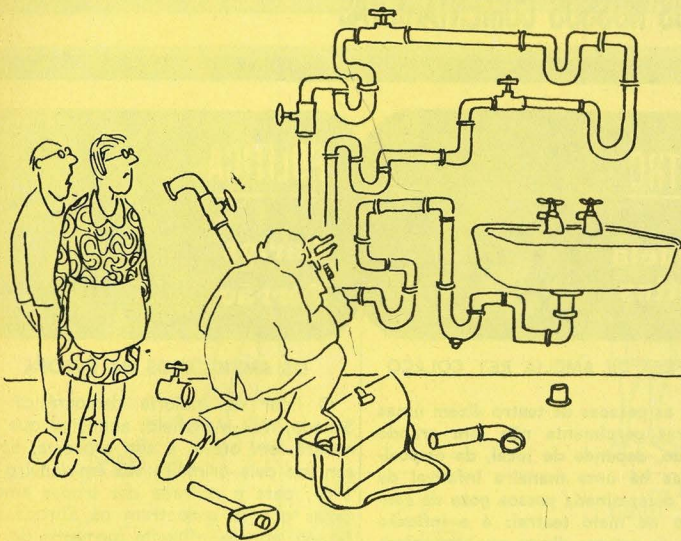
Carlos Ferrão



OS AMERICANOS NA EUROPA

O líder da maioria democrática no Senado, Mik Mansfield, anunciou que renoverá, em breve, a sua proposta, apresentada pela primeira vez em Janeiro de 1967, para a retirada das tropas americanas que se encontram na Europa. Ao fazê-lo, aquele influente membro do Senado declarou que só voltaria a apresentá-la se, entretanto, os russos retirassem os numerosos efectivos que conservam nos países satélites. Embora essa condição se não verifique e não haja indício de que virá a verificar-se em prazo previsível, Mansfield levará por diante o seu propósito. O total dos efectivos americanos actualmente estacionados no continente europeu está calculado em 320 mil homens. Entretanto, um informador da Casa Branca anunciou que, ainda no decurso deste ano, o presidente ordenará o regresso aos Estados Unidos de 20 mil homens (14 100 militares e 5900 civis) que se encontram em serviço no estrangeiro (Turquia, Japão, Espanha).

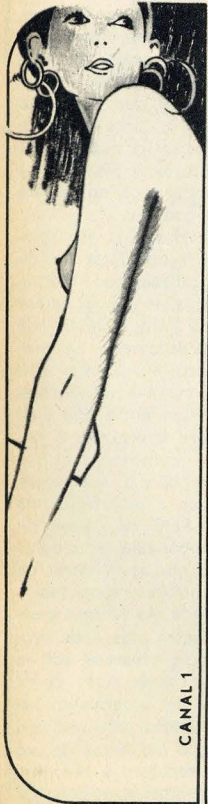
Aquilo a que já se chama o néo-isolacionismo americano manifesta-se de diversas maneiras. A retirada do Vietname, a construção do sistema de defesa antimíssil que evoca a linha Maginot (de triste memória) e a renovação da proposta do senador Mansfield para a retirada das tropas americanas da Europa são manifestações da tendência dos dirigentes americanos para libertarem o seu país de encargos e compromissos. A confirmar-se, essa tendência acarretará uma revolução política e estratégica de incalculável alcance. Para os países da Europa Ocidental impor-se-á a necessidade de rever os seus planos militares de forma a assumirem maiores responsabilidades do que no passado. As últimas duas décadas foram, para esses países, de progresso económico, pois viveram sob a protecção do escudo americano, cujos encargos o contribuinte americano pagava. O fim dessa situação será também o fim de uma ilusão, o despertar de um sonho que muito se recusam a reconhecer.



Tenho a impressão de que este canalizador não é honesto...



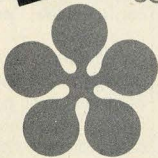
—Arranca-nos as penas para escrever,
come os nossos ovos e é a
Nosso Senhor que agradece!



camisas
pijamas
blusas
saias

CORTEL

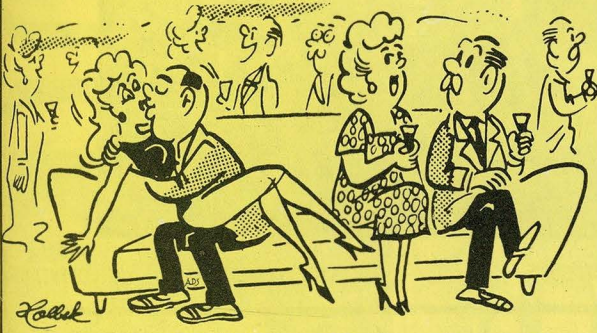
CONFECCOES TEXTEIS
SANTO TIRSO



**um
brinde
da moda**

CANAL 1





—O meu marido não é grande conversador, sabe?!...

JÓSE DO TELHADO

(Continuado da pág. 26)

gado cada vez mais e qual fera inteligente que adivinha o perigo, espreita uma falha na rede para escapar ao assédio. O último assalto à casa do padre Albino, dá-lhe a medida de falta de confiança em quem o rodeia.

A 31 de Março de 1859 a barca «Oliveira» que o levava da primeira vez está outra vez no Porto, e escapando como enguia entre as malhas apertadas José do Telhado consegue chegar ao porto e espalmar-se no porão entre um monte de caixas de folha.

É aí que o encontram, um oficial de diligências e dois guardas da polícia marítima, no dia seguinte de madrugada.

De nada lhe serve negar. Diz chamar-se desta vez João Pedro, ser galego e aguadeiro. Já não grita:

«Procuram o José do Telhado?» Ele bem palpita que não é o acaso que traz aqueles homens aii. Ele adivinha que o zagalote da denúncia o seguiu através dos montes, mais certo que uma bala. Desta vez é o oficial que o identifica acusador:

«É ele! O José do Telhado!»

O julgamento e o degredo

Na cadeia de Relação do Porto conhece Camilo Castelo Branco que o historia mais tarde nas suas «Memórias do Cárcere» e que lhe cede o advogado que o defende — Marcelino de Matos.

É uma defesa brilhante, astuta, hábil. Anulando testemunhos, esborçando provas, empalidecendo-as em presunções.

É julgado por um só crime de morte, sem premeditação, o de um

elemento da sua quadrilha.

Condenação: Degredo perpétuo, com trabalhos públicos, para a África.

Embarca no «Pedro Nunes». Deixa, atrás de si, tudo. Recarei. Sobreira.

Aninhas, os filhos e os sopés dos montes onde os cascos da sua égua favorita, trombeteavam a sua chegada.

Sente-se novo e velho ao mesmo tempo. Em África é entregue ao governador da fortaleza de S. Miguel na ilha de Luanda.

Mais tarde é o próprio governador que lhe promete a comutação da sentença se desempenhar uma missão patriótica. Aceita.

Vai com a coluna do major Teotónio Maria Coelho Borges combater os negros revoltados do Bembe, e é ferido em combate.

Abandona Luanda, liberto, mas sem poder regressar à Pátria. Estabelece-se em Malange com uma pequena loja. Lá chamam-lhe o «Quimuezo», (homem de barbas grandes).

Ainda luta. Dizem que ele só, numa revolta de indígena, abata o soba Mona Quissengue e 19 guerreiros.

Toda a sua vida tem no entanto tom mais esbatidos. Não o alegam sequer uma mulher negra e seus três filhos de cor. «Quimuezo» ou José do Telhado, são já uma sombra do varão de Recarei.

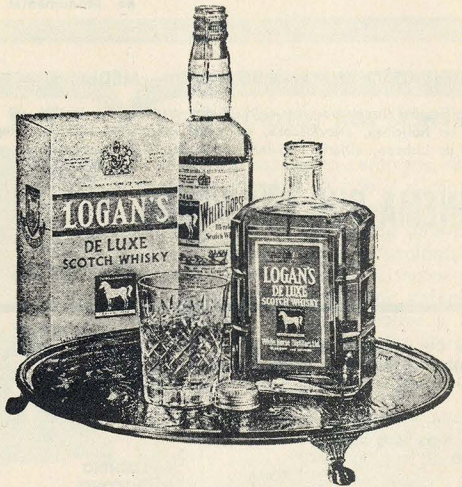
A miséria vem cobrar tributos e a morte montada num corcel branco promete-lhe uma volta eterna às serranias de Sobreira.

José do Telhado, aceita!

(¹) **Rasas** — Medida antiga de secos equivalente aproximadamente a um alqueire.

(²) **Trabuco** — Espingarda de um só cano, curto, de grosso calibre.

Logan's Scotch Whisky de luxe of White Horse

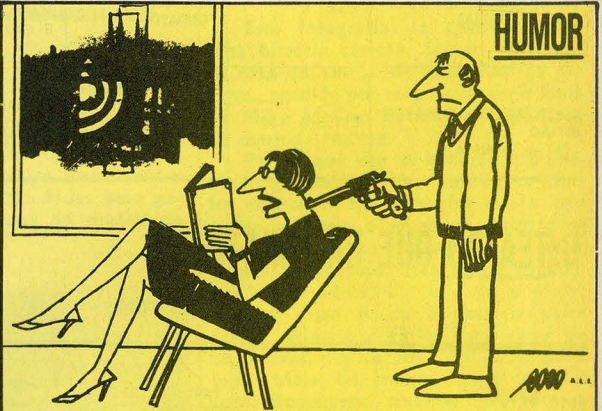


IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES

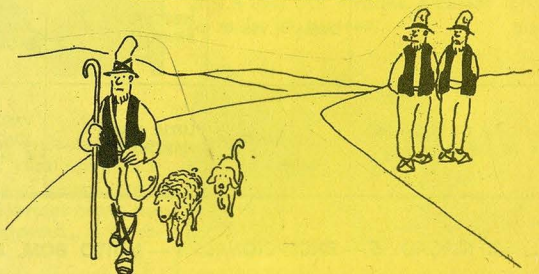
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
RUA DO BONJARDIM, 420 — PORTO

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM, 73 LISBOA



HUMOR

—Sinto um certo frio na nuca, querido... Não te importas de fechar a porta?



— Parece que está à beira da falência.

KIRK DOUGLAS — Um primeiro plano numa movimentada cena do filme «Spartacus» em exibição no Monumental



CLASSIFICAÇÃO: ★★★ — BOA. ★★ — MÉDIA. ★ — FRACA.

As classificações baseiam-se na opinião dos críticos dos jornais «Seculo», «Diário de Notícias», «Novidades», «A Voz», «Diário da Manhã», «República», «Diário de Lisboa», «Diário Popular» e «A Capital».

O CINEMA QUE NÓS VIMOS

REALIZADORES

ACTORES

COMENTÁRIO

NOSSA
OPINIÃO

MURIEL OU O TEMPO DE UM REGRESSO (MURIEL) 1965 — (FRANÇA)	ESTÚDIO	ALAIN RESNAIS	DELPHINE SEYRIG, JEAN-PIERRE KLEIN, JEAN-BAPTISTE THIERRÉE E MARTINE VATEL	A doença dos sentimentos ou a felicidade falsa, numa obra profundamente inovadora que explode com o convencionalismo da narrativa cinematográfica.	5
ROCCO E OS SEUS IRMÃOS (ROCCO E I SUOI FRATELLI) 1960 — (ITÁLIA) Reposição	ROMA	LUCHINO VISCONTI	ALAIN DELON, RENATO SALVATORI, ANNIE GIRARDOT E PAOLO STOPPA	Uma obra-prima do realismo crítico: o bem e o mal, santos e assassinos — os limites exteriores do homem.	5
SPARTACUS (E. U. A.) Reposição	MONUMENTAL	STANLEY KUBRICK	KIRK DOUGLAS, LAURENCE OLIVIER, CHARLES LAUGHTON E PETER USTINOV	Filme de primordial importância da história do cinema.	5
OS PROTAGONISTAS 1968 — (ITÁLIA)	VOX	MARCELO FONDATO	SYLVA KOSCINA, JEAN SOREL E GABRIELLE FERZETTI	Sem ser uma película extraordinária, não há dúvida de que deve ser vista.	2
COMO SE EU FOSSE UM ESPÍAO 1967 — (FRANÇA)	ESTÚDIO 444	BERTRAND BLIER	BERNARD BLIER, BRUNO CREMER E PATRÍCIA SCOTT	Um filme próprio da época de veraneio.	1

O TEATRO QUE HÃ PARA VER

AUTORES

ACTORES

COMENTÁRIO

NOSSA
OPINIÃO

RI-TE, RI-TE	MONUMENTAL	PARODIANTES DE LISBOA	FLORBELA, CAMILO E DELFINA CRUZ	Desta vez, os Parodiantes não acertaram no texto, mas o espectáculo salva-se pelos excelentes figurinos, cenografia e coreografia.	★
PEPSIE	LAURA ALVES	PIERRETE BRUNO	IRENE CRUZ, JOÃO LOURENÇO E GRAÇA LOBO	Jacinto Ramos encenou uma comédia de «boulevard», que há doze semanas tem obtido assinalável êxito.	★★★
ANATOMIA DE UMA HISTÓRIA DE AMOR	VASCO SANTANA	LUZIA MARIA MARTINS	VASCO DE LIMA COUTO, JOAQUIM ROSA E HELENA FELIX	A actualidade do drama «Romeu e Julieta», numa peça baseada em textos de Shakespeare.	★★

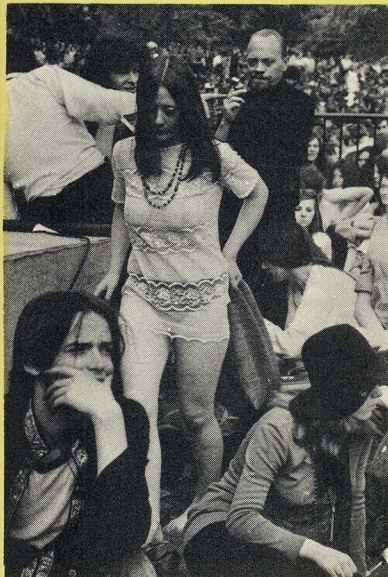
CLASSIFICAÇÃO: 5 — EXCEPCIONAL. 4 — MUITO BOM. 3 — BOM. 2 — COM INTERESSE. 1 — FRACO. 0 — MAU.

si

DE SÁBADO A SÁBADO

ACTUALIDADE INTERNACIONAL

OS ACONTECIMENTOS



A FÉ É QUE NOS SALVA

Se a tradução à letra corresponder à nossa expressão de Fé Cega o título que este grupo britânico escolheu, Blin Faith, então podemos dar esta notícia que, decerto, vai agradar, aos prosélitos da música «pop» autêntica, música de contestação. Os componentes desse núcleo musical foram recentemente objecto de uma homenagem promovida por uma multidão de 120 mil pessoas. Todas essas pessoas não abusaram da sua superioridade numérica, o que valeu um grande elogio da polícia londrina que declarou que nunca tinha visto no Hyde Park uma reunião tão disciplinada. Disciplinada e interessante, sugestiva...

PARA PÉS E CABEÇA

Não é um enigma, nem se trata de peças de Mecano para dar uma forma. É simplesmente uma questão de disciplina da polícia britânica que nunca deixa por mãos alheias as botas e os capacetes. Encontrando-se esta brigada na



ilha de Anguilha, devido a uma perturbação sem grandes consequências, os seus componentes aproveitaram para juntar o útil ao agradável. Um banho nas águas tépidas daquela região paradisíaca — para ingleses — não se podia desprezar...

OS ARTISTAS OCUPARAM

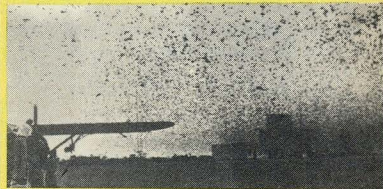
Cerca de 250 pintores e escultores de Amsterdão resolveram ocupar, como medida de protesto pelas insuficientes concessões que lhes são dadas pelo governo, a sala Rembrandt do museu de



Rijks. A ocupação durou mais de 18 horas e grande parte das suas reivindicações foram atendidas pelos departamentos competentes. Nas fábricas como nos museus, a técnica é a mesma... E os resultados também.

GAFANHOTOS AOS MONTES

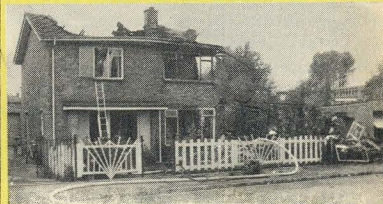
A cena passa-se no aeroporto de Har-gassa, na Somália. A cobrir o céu, uma densa nuvem de gafanhotos. À esquerda, o avião que, munido de uma bomba pulverizadora, borrifou a «colónia», em viagem. Quando aterrou, o motor estava de tal modo incrustado de gafanhotos, que lhe foi impossível voltar a levantar voo... A nuvem era tão densa que mal se distinguem as edificações situadas junto das pistas.



UM PAI DE FAMÍLIA FEZ EXPLODIR O LAR!

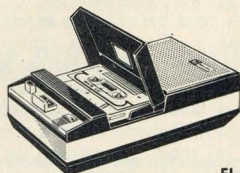
Esta fotografia de destroços tem uma história curiosa. São os destroços da casa de «mr.» Molloy. «Perdido por cem... perdido por mil» devia ser o lema de Mike Molloy, perito em explosivos da marinha inglesa.

Parece que isto de honorários é problema generalizado. Vai daí, «mr.» Molloy chegou ao fim de vários meses, não pagou a renda e recebeu, muito prosaicamente, uma daquelas universais ordens de despejo. Mas «mr.» Molloy, que é dos tesos, bateu o pé e disse: «Antes disso há-de a casa ir pelos ares!». Disse-o e fê-lo. Uma caixa de explosivos, um fósforo... e tudo foi pelos ares. Mais ou menos como aqueles comandantes do cinema, que vão ao fundo com o barco. Só que desta vez, com o «barco», com o «comandante» foram também «a pique» a esposa do dito e dois dos 7 filhos. Ficaram feridas só mais 14 pessoas...

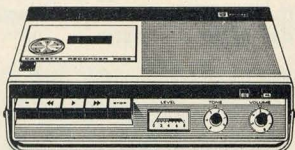




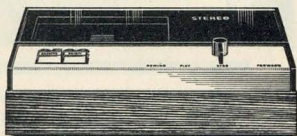
N 2200



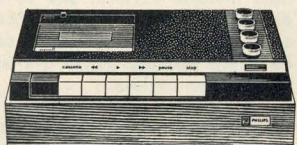
EL 3302



N 2205



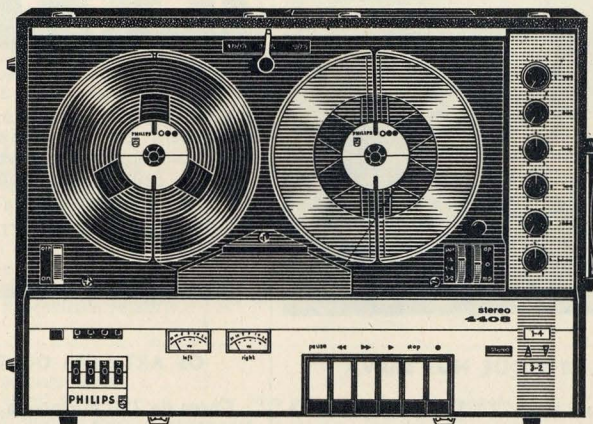
N 2500



EL 3312



o
máximo
em
gravadores !



N 4408

Diversidade de modelos e de características. De uma a quatro velocidades. De duas a quatro pistas. "Duoplay" e "Multiplay". Gravação monoral e estereofónica; em bobinas ou pelo INSTANTÂNEO SISTEMA "COMPACT CASSETTE".

PHILIPS

TODOS OS GRAVADORES PHILIPS SÃO EQUIPADOS COM FITA MAGNÉTICA DE ALTA FIDELIDADE "LOW NOISE"

si

DE SÁBADO A SÁBADO

AS INICIATIVAS



UM ELÉCTRICO CHAMADO CULTURA

O eléctrico, esse veículo que a cidade moderna está a escorraçar, desapareceu quase de Tóquio. Um, porém, continua e continuará, talvez, por muitos anos, a fazer o seu trajecto até ao bairro de Itabashi onde é aguardado pelas crianças. Transformado em biblioteca itinerante, transporta os livros aos bairros pobres. As crianças, por vezes, entram no carro durante o trajecto, continuando assim o veículo a sua antiga função. Este processo de divulgação da cultura tem a vantagem de ser excessivamente barato.



PARA AMERICANO VER... E COMPRAR

Esta moto chama-se Rocket 3 e serve para a grande caça ao dólar. É a mais perfeita, a mais veloz, a mais potente de todas. O sucesso alcançado no mercado americano faz que os ingleses fiquem privados de a obter. Por enquanto, o fabrico não chega para as encomendas dos americanos. Só lá para Maio do ano que vem, os britânicos conseguirão comprar algumas. Entretanto, vão todas em busca do dólar americano. Elas lá sabem...

Para americano ver e comprar.



AGORA DESLIZAM CONFORTAVELMENTE

Apesar da sua perfeição, o Metro de Paris tem um grande inconveniente, o das correspondências que ligam as estações. Às vezes, o transeunte é obrigado a fazer longas caminhadas subterrâneas. A solução para essa pequena deficiência tem sido a dos tapetes rolantes. Entre outros existia já o de Châtelet que era bastante extenso. Agora foi inaugurado o maior de todos em Montparnasse, com 200 metros de comprimento e 20 de largura. Além disso é triplo de acordo com o extraordinário movimento do Metro.



A FALSA CEGA

O trânsito pára, para deixar passar Barbara Williams, professora de uma escola de invisuais, em Liverpool. Não é uma

fraude que Barbara Williams pretende fazer. Trata-se apenas de uma experiência para efeitos de pedagogia. Passar de teoria à prática é sempre difícil. Foi por isso que os professores de Barbara lhe inspiraram a ideia de fazer de cega durante umas horas. Falar quando se está de fora é fácil. Deste modo Barbara Williams aprendeu directamente as incomensuráveis dificuldades que tem um cego para atravessar uma rua. Desde crianças que os cegos sofrem uma tremenda frustração quando têm de atravessar uma rua para comprar rebufados na loja em frente. Se pensarmos nas dificuldades de um peão normal, quando pretende passar de um lado para outro, sobretudo a partir de uma certa idade, podemos avaliar melhor o mundo infernal em que vive um cego sempre que necessita sair à rua. Esperemos que Barbara Williams chegue a qualquer conclusão humanitária e a transmita a todos os que são quotidianamente atropelados pela aceleração da vida moderna.



ASPECTO DO GIGANTISMO AMERICANO

Pelo andar da carruagem se vê quem vai lá dentro: tudo quanto de mais pesado existe neste Mundo. Trata-se de um gigantesco veículo de carga fabricado, já se deixa ver, na América. Tem a potência de 1650 cavalos e dispositivos especiais, revolucionários, para as mudanças de velocidade. É usado neste momento nas minas da Colúmbia Britânica. A garota apresentada na foto serviu só para dar a noção das proporções exactas.

chegou a altura de seres enfermeira!



Chegou a altura
de decidires
do teu futuro.
Porém,
deves escolher
uma profissão que,
ao mesmo tempo
te realize
humana e socialmente.
Precisas
de viver plenamente:
no plano profissional
e no plano pessoal.
A enfermagem
pode ser o teu caminho.
Vem falar connosco.

Podes dispor de facilidades de alojamento
e bolsas de estudo;
terás a certeza de colocação após o curso;
tudo isto através de uma profissão
digna, simpática, compensadora.

Informações na Direcção Geral dos Hospitais — Avenida da República, 34 — Lisboa



UMA PROFISSÃO AO SERVIÇO DA VIDA

si

DE SÁBADO A SÁBADO

AS FIGURAS



A ELEGÂNCIA DE MARGARIDA

Segundo tudo leva a crer, a princesa Margarida de Inglaterra já não pertence ao rol das «MAIS MAL VESTIDAS». Margarida, agora, não se sabe porquê, esmera-se e tem sido mesmo notada pelo seu bom gosto e elegância.

Aqui a vemos com um lindo vestido estampado e de flores no cabelo, quando da sua visita aos albergues para estudantes casados do Reino Unido.

O primeiro albergue — aquele que ela visita neste momento — é o maior do «trust» e inclui alojamentos para 230 estudantes, casados e solteiros, incluindo 70 crianças.

Agora a princesa Margarida deixará de andar nas bocas das «Veras Lagôas» lá do sítio.

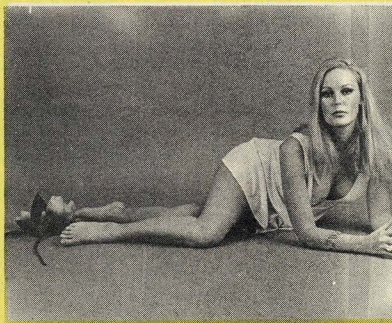
A ROSA DE VERÓNICA

Esta senhora chama-se Verónica Carlsson, é loira e tem 23 anos.

Estava a citada senhora a filmar um

pequeno papel em «The Magnificent Two», quando o fotógrafo Ben Jones, de visita aos Pinewood Studios a viu. Vai daí convidou a Verónica para seu (dele) modelo fotográfico e o rosto da Verónica desatou logo a aparecer nas revistas, nas paredes, nos muros, nos anúncios e nos retratos de todo o Mundo. O sr. Jimmy Carreras também a viu e ficou muito interessado. Disse que ela era uma digna sucessora de estrelas como Ursula Andress e Raquel Welch. E desde aí a Verónica andou já a rolar «Crossplon» (com o Roger Moore), «Dracular Has Risen from the Grave» e «Frankenstein Must Be Destroyed». Tudo filmes de horror, está visto! (Comprende-se: horror sem «sex-appeal». «sex-appeal» sem horror... nem é filme nem é nada!).

Agora pergunta-se: conseguirá Frankenstein destruir esta senhora?...



A CÚPULA DO CAPITÓLIO

Não é só em Portugal que existe uma cúpula célebre com o respectivo herói-construtor. Com efeito, a construção de qualquer cúpula, de qualquer abóbada é sempre objecto de grandes cuidados e de cálculos rigorosos.

«Help! A Cúpula do Capitólio vai cair!» — chegou a vez de gritarem os americanos.

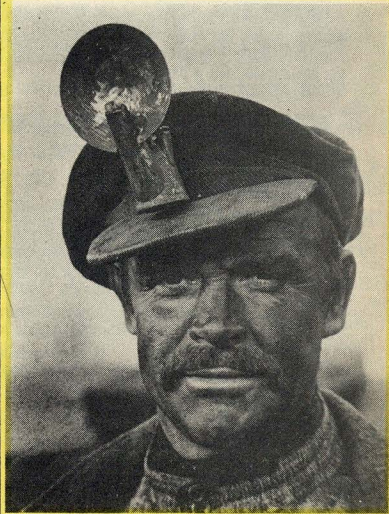
Wilfred Gregson, proeminente arquitecto de Atlanta que vemos aqui todo sisudo com o «móbil do crime» na mão, tratou de advertir as gentes do possível colapso da cúpula. Gregson e Mário Campoli — outro importante do mesmo ofício — afirmaram categoricamente que a ala oeste do edifício apresentava um rombo de 4,5 polegadas, que punha a abóbada na iminência de queda.



JAMES BOND: NUNCA MAIS!

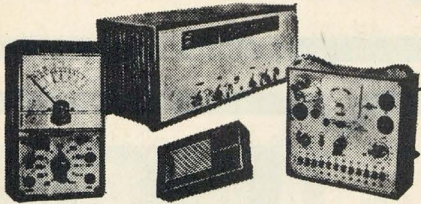
Olhos duros de perfurarem a terra. Nariz dilatado pela ácida atmosfera, pelos gases subterrâneos. Boca viciosa de animal que olha pela vida, bigode crespo da poalha do carvão — esta é a pele, os traços, as rugas, a arrogância e o cheiro a sangue de Sean Connery — mineiro.

Depois de encarnar o célebre Bond, Connery filma agora para a Paramount «The Molly Maguires», onde se conta a história de uma sociedade secreta de judeus imigrantes. A produção — dirigida e produzida por Martin Ritt — custará muitos milhares de dólares e está a ser rodada perto de Hazelton, teatro desta página sangrenta da história americana.



GANHE MAIS DINHEIRO E ASSEGURE O SEU FUTURO!

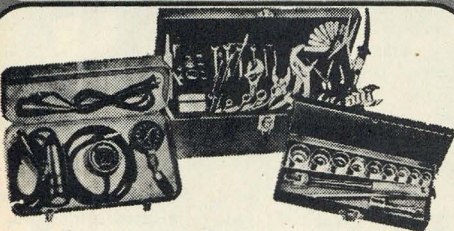
Melhore seu emprego e aumente sua renda!
Aprenda em seu lar — Nas horas livres



TELEVISÃO, RÁDIO E ELECTRÓNICA

Torne-se técnico em Rádio, TV, Electrónica Industrial, FM, Difusão, Sistemas de Alta Fidelidade, Registro de Som, Etc.

Receberá DOIS RÁDIOS um de válvulas e outro de TRANSISTORES, SOLDADOR e DOIS PROVADORES um de VÁLVULAS, outro de CIRCUITOS.



MECÂNICA AUTOMOTRIZ E DIESEL

Prepare-se em Reparação, Conservação e Ajustagem de Motores, Transmissões Automáticas, Sistemas Eléctricos e de Injeção, Motores Industriais e Marítimos. Receberá ANALISADOR, INDICADOR DE PRESSÃO, LÂMPADA DE SINCRONIZAÇÃO, FERRAMENTAS E CHAVES.



INGLÊS PRÁTICO, com DISCOS

Aprenda a LER, ESCREVER, ENTENDER e FALAR Inglês na forma mais rápida e conveniente com DISCOS e LIÇÕES. Assegure-se um posto importante e bem remunerado. Receberá LIÇÕES, EXERCÍCIOS, AUDIÇÕES FONOGRAFICAS, DICCIONÁRIO BILÍNGUE, ETC.



V. S. PODE PAGAR EM MOEDA DE SEU PAÍS

NATIONAL SCHOOLS
4000 South Figueroa Street
Los Angeles, Calif., U.S.A.

Prepare-se com o Sistema Rosenkranz de APRENDER FAZENDO de National Schools, Escola dedicada ao Ensino Técnico-Prático por mais de 50 anos. Uma Instituição capaz, responsável e séria.

NATIONAL SCHOOLS

MUNDIALMENTE RECONHECIDA DESDE 1905

4000 So. Figueroa St. Depto. PjX3P-79-7
Los Angeles, Calif., U.S.A. 90037

Envie-me informações completas sobre o curso de: (Indique somente um curso)

Rádio, Mecânica Inglês
Televisão Automotriz Prático

Nome _____ Idade _____

Endereço _____

Cidade _____

Est. _____

MANDE ESTE CUPÃO HOJE MESMO



Cabelos com vitalidade ... cabelos com

Vitapointe

GRÁTIS!
Aproveite esta oferta:
UM PENTE DE PROLENE ESPECIAL PARA O SEU CABELO na compra de uma embalagem Vitapointe

VITAPOINTE torna o seu cabelo mais "vivo" — isto é, mais sedoso, mais obediente, mais atraente e brilhante. Vitapointe fixa o seu penteado e "segura" o seu charme.



ESPIRAL

si

DE SÁBADO A SÁBADO

ACTUALIDADE NACIONAL



**MENINAS ESPANHOLAS
NA «COLÓNIA»**

A Colónia Balnear Infantil do «Século» animou-se no passado dia 9 com mais 600 crianças vindas dos mais diversos pontos do País, que ali vão passar 20 dias de boas férias. O facto só em si não seria notícia, tão habitual ele é, se não fora a novidade de 20 crianças espanholas, da província de Cáceres, virem juntar-se às portuguesas, numa meritória tentativa de aproximação dos 2 países.



ARMADOR BRASILEIRO EM LISBOA

Acompanhado pela esposa e filha, esteve durante alguns dias em Lisboa, o armador brasileiro dr. José Carlos Leal. Apesar da sua visita ser de carácter particular, aquele magnate da navegação marítima do País-Irmão estudou alguns aspectos respeitantes à marinha mer-

cante de Portugal e do Brasil, tendo afirmado à Imprensa, que se vai firmar, brevemente, um acordo entre os dois países sobre a referida matéria.



SUSPEITA INFUNDADA DE CRIME

A zona do Areiro esteve em foco, devido ao aparecimento do corpo de Joaquim Alves, um pobre homem que esteve internado durante dois anos na Mitra e que vivia agora de pequenos recados e em circunstâncias precárias. O facto de ter sido encontrado com um ferimento na testa e tapado por alguns jornais levou a polícia a efectuar investigações por se julgar ter havido crime. No entanto, essa hipótese foi afastada por a sua morte se dever a doença súbita. Na foto: o proprietário de uma taberna assiduamente frequentada pelo Joaquim Alves mostra ao repórter o local onde o corpo apareceu.



NOVO SELO

Para comemorar o 2.º centenário de Dili, como capital da província de Timor, o Ministério do Ultramar mandou emitir e pôr em circulação, naquela província, 500 000 selos da taxa de 1\$00. Serão postos à venda em todo o território nacional no dia 25 do corrente, havendo um carimbo de «Primeiro Dia de circulação» a utilizar na estação dos correios da cidade de Dili no citado dia. Os referidos selos foram impressos a 10 cores.



**O GENERAL KAULZA DE ARRIAGA
COMANDANTE MILITAR
DE MOÇAMBIQUE**

O general Kaulza de Arriaga, presidente da Junta de Energia Nuclear, seguiu para Moçambique onde assumirá o comando da Região Militar daquela província, em substituição do general Carlos Gomes. Na foto, o novo comandante militar de Moçambique quando proferia algumas palavras de despedida, tendo ao seu lado os ministros do Exército e das Comunicações.

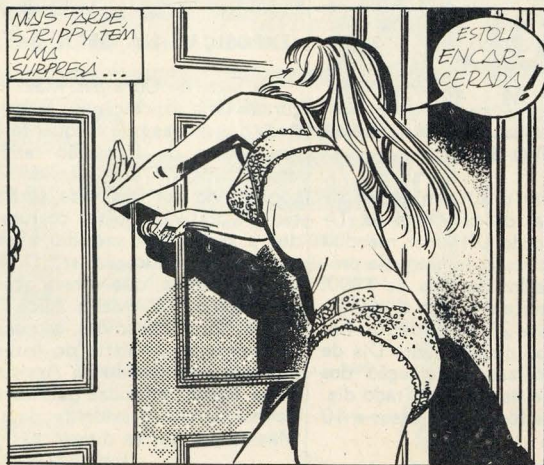


EXPOSIÇÃO NA OBRA DAS MÃES

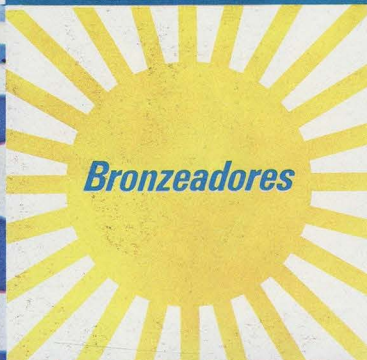
Na sede da Obra das Mães foi inaugurada uma exposição de trabalhos práticos das alunas que frequentaram o último curso de formação familiar. Ao acto inaugural do referido certame, constituído por peças de cerâmica, artes decorativas, corte, costura, bordados e tapeçarias, presidiu a esposa do ministro da Educação, sr.ª D. Maria de Lurdes Saraiva, que estava acompanhada pelas sr.ª D. Maria Alice Rapazote e D. Gabriela Leónidas, esposas respectivamente do ministro do Interior e do secretário de Estado da Agricultura, as quais foram recebidas pela condessa de Penha Garcia, presidente da Obra das Mães e por outras dirigentes.

STRIPPY

em O HOMEM DA MÁSCARA DE COURO



NIVEA



Bronzeadores



Formidável! O bronzeado Nivea, saudável e natural ...

Para peles secas:
Nivea Óleo Solar com
extracto de nozes bronzeia
rápida e eficazmente.
Protege das queimaduras
solares. Mantém a
elasticidade e macieza da
pele devido aos óleos
especiais que contém.



Para peles gordurosas:
Nivea Banho Solar,
leite não gorduroso que
protege e cuida
eficazmente mesmo as
peles mais sensíveis,
dando-lhes um bronzeado
natural e duradouro.

com Nivea ao ar e ao sol



Sua
Excelência
o

café puro

Bebida aromática por excelência, Sua Excelência o Café Puro é saboroso, saudável e revigorante. No lote que mais se harmoniza, tanto com o seu gosto



como com os seus gostos, Sua Excelência o Café Puro é o prazer de quem o toma: tem um aroma que é um gosto e um gosto que é um aroma.